

CARLA SOFIA LOPES RODRIGUES

**PARADIGMAS DA IDENTIDADE
E DA COMUNICAÇÃO VISUAL DO FESTIVAL
JAZZ EM AGOSTO**

Orientadora: Professora Doutora Teresa Mendes Flores

Co-Orientador: Professor Rui Matoso

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias de
Informação**

Lisboa

2016

CARLA SOFIA LOPES RODRIGUES

**PARADIGMAS DA IDENTIDADE
E DA COMUNICAÇÃO VISUAL DO FESTIVAL
JAZZ EM AGOSTO**

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção do grau de Mestre no Curso de Mestrado em Programação e Gestão Cultural, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 30 de Janeiro de 2017 com o Despacho Reitoral nº. 54/2017, com a seguinte composição do Juri:

Presidente: Professor Doutor Victor Manuel Esteves Flores
Arguente: Professor Doutor Mário Jorge Camara Melo Caeiro
Orientadora: Professora Doutora Teresa Mendes Flores

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias de
Informação**

Lisboa

2016

Resumo

O Jazz é marcado tanto pelo cruzamento entre a cultura erudita e a popular como pela improvisação e mistura de ritmos. A evolução deste estilo musical torna-se importante devido à divulgação mundial e à fusão com outros estilos como o rock, o funk e o pop, permitindo o surgimento de novas tendências musicais.

Esta manifestação artístico-musical torna-se preponderante na evolução da música, como no aparecimento de novos músicos e compositores. Surge assim a necessidade de promover e divulgar a música e os artistas envolvidos nesta arte.

É através do recurso dos meios de comunicação de massas e das atividades de lazer para o público, que o Jazz consegue estar presente no nosso dia-a-dia.

O processo histórico que contextualiza os meios de comunicação de massas descendem de uma sequência de múltiplas e transitórias formas da comunicação visual, que se refletem também na divulgação do Jazz. O estudo da comunicação visual permitirá analisar as várias componentes artísticas e técnicas, tornando-se importantes para a análise da linguagem visual.

Assume-se também a importância do papel dos divulgadores do Jazz em promover e difundir esta arte. A Fundação Calouste Gulbenkian torna-se um intermediário importante ao acompanhar e mostrar a evolução do Jazz ao longo de três décadas. O Jazz em Agosto, revela assim uma identidade própria tornando-se alvo para o estudo da comunicação visual.

O estudo sobre a comunicação visual será o ponto de partida para esta investigação, tendo como foco principal a identidade visual e a comunicação feita através dos cartazes.

Palavras-chave

Comunicação Visual, Identidade Visual, Portugal, Jazz, Festival Jazz em Agosto.

Abstract

Jazz music is characterized as much by the intersection between erudite and popular culture as by the improvisation and mixture of rhythms. The evolution of this musical style has become important due to global dissemination and fusion with other styles like rock, funk and pop, allowing for a surge in new musical trends.

This artistic and musical performance becomes important in the evolution of music, as with the appearance of new musicians and composers. Thus emerges the need to promote and spread the music and the artists involved in this art.

It is through the use of mass media and recreational activities that Jazz is able to be present in our everyday lives.

The historical process that contextualizes the forms of mass media comes from a sequence of multiple and transitional forms of visual communication, that are reflected themselves in the promotion of Jazz. The study of visual communication will allow an analysis of the several artistic and technical components that are important to the study of the visual language.

It is also worth mentioning the importance of Jazz promoters in spreading and promoting this art. The Calouste Gulbenkian Foundation has become an important intermediary by tracking and demonstrating the evolution of Jazz over three decades. "Jazz em Agosto" (Jazz In August) reveals its own identity as such, becoming the target for the study of visual communication.

The study of visual communication will be the starting point for this investigation, focusing mainly on visual identity and communication made through posters.

Keywords: Visual Communication, Visual Identity, Portugal, Jazz, Festival Jazz in August.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	8
PARTE I	9
BREVE HISTÓRIA DO JAZZ EM PORTUGAL	9
1. BREVE HISTÓRIA DO JAZZ EM PORTUGAL	10
1.1 Jazz – Origem e influências	10
1.2 Primeiras manifestações do Jazz em Portugal	11
1.3 Censura e rejeição do Jazz	15
PARTE I - DIVULGAÇÃO E PROMOÇÃO DO JAZZ EM PORTUGAL	17
2. DIVULGAÇÃO E PROMOÇÃO DO JAZZ EM PORTUGAL	18
2.1 Hot Clube – Divulgação e Promoção do Jazz em Portugal	18
2.2 A radiodifusão	21
2.3 Escolas: Ensino e divulgação do Jazz	22
2.4 Festivais de Jazz em Portugal	24
PARTE I - FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN E O JAZZ	37
3.1 Fundação Calouste Gulbenkian CAM (Centro de Arte Moderna)	38
3.1.1 Enquadramento: História, missão, áreas de atuação e atividades	38
3.2 JAZZ EM AGOSTO	40
3.2.1 Enquadramento cultural e historial	40
3.2.2 Identidade Programática do Jazz em Agosto	40
PARTE II - BREVE INTRODUÇÃO À COMUNICAÇÃO VISUAL	49
4. BREVE ENQUADRAMENTO DA HISTÓRIA DA COMUNICAÇÃO VISUAL EM PORTUGAL	50
4.1 Breve enquadramento histórico e social	50
4.2 O gosto e a aceitação social	52

PARTE II - BREVE INTRODUÇÃO AO MARKETING DA CULTURA.....	55
5. BREVE INTRODUÇÃO AO MARKETING DA CULTURA.....	56
5.1. Breve introdução ao Marketing da Cultura.....	56
5.1.2. Conceitos básicos de cultura.....	57
5.1.3. Breve definição do Marketing da Cultura.....	58
5.2. Marketing Mix.....	61
5.3. Posicionamento de Marketing.....	62
PARTE II - O CARTAZ.....	67
6. O CARTAZ.....	69
6.1. A história do cartaz e a importância de comunicar sobre o cartaz.....	69
6.4. Forma.....	83
PARTE II - O CARTAZ JAZZ EM AGOSTO.....	85
7. O CARTAZ JAZZ EM AGOSTO.....	86
7.1. Análise da identidade visual e das linhas de força do cartaz “Jazz em Agosto”	86
7.2. Identidade Visual.....	86
7.3. Cartaz.....	90
PARTE III - CONCLUSÃO.....	99
8. CONCLUSÃO.....	100
BIBLIOGRAFIA.....	102
ANEXOS.....	i

ÍNDICE DE FIGURAS

IFigura 1 - Modelo tradicional de marketing.....	60
Figura 2 - Modelo tradicional para as organizações culturais.Fonte: (Colbert et al, 2003).....	60
Figura 3 - Posicionamento de benefícios para os produtos culturais.....	64
Figura 4 - Posicionamento dos produtos culturais em função aos benefícios.	65

INTRODUÇÃO

O **Jazz em Agosto** é um festival que se integra na programação da Fundação Calouste Gulbenkian desde 1984, sob iniciativa de Madalena de Azeredo Perdigão, fundadora e diretora do serviço ACARTE da Fundação Calouste Gulbenkian, integrado no CAM - Centro de Arte Moderna (agora CAMJAP).

O **Jazz em Agosto** é regido pelos princípios de mérito inerentes à arte contemporânea, construindo ao longo dos anos uma identidade que se projeta pela qualidade artística e pelos nomes que fazem parte da história contemporânea do Jazz.

O Jazz evoluiu, ao longo dos anos, como técnica e estilo musical, dando origem a novas tendências musicais e à criação de novos públicos. Em paralelo, a imagem e os meios de informação também sofreram alterações ganhando protagonismo na comunicação.

A história da cultura visual do Jazz desenvolve-se perante os diferentes períodos estéticos e artísticos, tornando-se necessário compreender o seu enquadramento cultural tendo como base as questões da estética, do gosto e da construção de novos públicos.

Ao analisarmos a cultura visual do Jazz deveríamos refletir sobre a possível existência de uma linguagem visual própria e ilustrativa, marcada pela mistura de ritmos e culturas. Será então importante compreender a comunicação visual utilizada na divulgação do Jazz e estabelecer um elo de ligação à imagem empregue no *Jazz em Agosto*.

O objetivo desta investigação torna-se importante na compreensão da evolução da comunicação visual do festival Jazz em Agosto. Para a construção destes objetivos, colocam-se as seguintes questões:

- A identidade visual do festival Jazz em Agosto é ilustrativa do estilo musical Jazz?
- Que importância tem o cartaz em relação aos outros meios de comunicação?
- Como é caracterizado o cartaz do festival Jazz em Agosto?
- É evidente a evolução gráfica nos cartazes do festival Jazz em Agosto?

Através do contexto da gestão cultural, pretende-se analisar e compreender as linhas de força da identidade visual e a imagem gráfica do festival Jazz em Agosto, perceber a evolução da expressão visual gráfica, os tipos de linguagem visual e as mensagens utilizadas para comunicar com o público, através do cartaz.

PARTE I

BREVE HISTÓRIA DO JAZZ EM PORTUGAL

1. BREVE HISTÓRIA DO JAZZ EM PORTUGAL

1.1 Jazz – Origem e influências

A história do Jazz já se encontra subordinada a variadíssimos métodos de investigação, alguns estudos refletem sobre a origem do Jazz, enquanto outros incidem a sua crítica na complexidade das suas técnicas musicais. Apesar das diferentes temáticas de interesses, os investigadores, críticos ou estudantes, focados neste tema, iniciam as suas pesquisas pelo lado obscuro que remete às influências culturais africanas e à conexão com a época da escravatura (1619-1865), as quais refletem as coações da evolução social, política e cultural vividas na América e pelas duas guerras mundiais que ocorreram durante a mesma época.

Quando se fala em Jazz fala-se também em Nova Orleães, em Blues (música camponesa oral; canto improvisado), em Gospel (canção espiritual branca norte-americana) e nos cânticos africanos de trabalho e religião.

As origens do Jazz advém sobretudo dos negros e tal como Boffi (2006), na sua obra “Os Caminhos do Jazz” afirma, as longínquas origens do Jazz cantam a dor do homem prisioneiro e a sua esperança de libertação, reforçando-se assim a ideia de que a origem do Jazz é enraizada na cultura negra e nos cânticos africanos.

Os ritmos afro-americanos chegaram aos Estados Unidos por volta de 1808 através dos escravos negros, que se verteram posteriormente como os principais protagonistas no desenvolvimento e na propagação do Jazz, não só pela introdução das tradições musicais africanas na América, que incluía cantos, danças e ritos vudus da África, como pelo cruzamento de culturas e de sons entre músicas negras e brancas, caracterizado pelas inúmeras aferições americanas.

Desde 1800 que Nova Orleães viveu sobre o cruzamento de culturas, onde brancos e negros, dançam, cantam, mostram e misturam tradições musicais. A cidade era frequentada por vários grupos étnicos e invadida pela diversidade de culturas, onde se ouvia desde a ópera italiana e francesa, bandas e fanfarras, folk songs, marchas prussianas, canções francesas, inglesas, alemãs, irlandesas e napolitanas, danças mexicanas, indianas e espanholas, até às melodias cubanas e os ritmos africanos. A cidade vigorava uma mistura de culturas e sons, onde de tudo se ouvia e se dançava.

Os escravos negros eram levados a animar e a tocar nas festas de bailes de senhores, a dançar e a cantar árias de ópera. Com o fim da escravatura, a música Afro-Americana cresce rapidamente e os negros libertos invadem o campo da música tornando-se dominadores dessa arte.

Em Nova Orleães, tal como descreve Boffi (2006), o Jazz foi basicamente uma música folclórica que contribuía para o desejo de divertimento nos guetos negros.

Depois de 1890, nos guetos juntaram-se crioulos, burgueses e negros pobres, germinando uma fusão final entre música urbana escrita (bandas, pianistas) e música camponesa orla (blues). Nasce assim o Jazz, na origem uma espécie de ragtime com embelezamentos improvisados.

Chicago transforma-se na capital do Jazz.

A chegada de novos músicos a Chicago à procura trabalho nos locais noturnos, permitiram a troca de ideias e a competição musical, transformando em indústria a música gerida pela lei dos espetáculos.

1.2 Primeiras manifestações do Jazz em Portugal

“O Jazz chegou tarde a Portugal. Tarde e não atrasado. Que a culpa não foi do Jazz, que cedo navegou e voou para o outro lado do Atlântico, mas dos detentores do poder em Lisboa que aprisionaram o país, fechando-lhes as fronteiras. Porque não foi só o caminho para Paris, Londres ou Roma que a ditadura tentou cortar. Também os homens foram cercados, um muro para os olhos, outro para os ouvidos”. (Curvelo, 2002, citado por Martins, 2006)

A música é uma das artes que mais se interrelaciona com as questões de política, cultura, religião, discriminação ou afirmação do género. Porém, a origem e a propagação do Jazz, assim como a sua tardia chegada a Portugal, devem-se fundamentalmente aos fatores políticos e socioculturais.

No início do século XX Portugal era um país conservador, tradicionalista e de costumes moderados, muito marcado pela vivência quotidiana rural.

Durante a década de 20, a sociedade portuguesa via-se confrontada por barreiras morais, sociais e culturais introduzidas pelo poder político vivido na época.

Lisboa, relativamente aos outros centros urbanos do país, era considerado o polo com mais padrões culturais, onde as classes mais altas da sociedade lisboeta frequentavam o Teatro de S. Carlos, as corridas de carros, de veleiros, os cursos hípicas e os salões de chá mais conceituados.

Após a I Guerra Mundial e com a queda da monarquia, Portugal atravessa um período de instabilidade política. A 5 de Outubro de 1910, após alguns acontecimentos que pronunciavam a queda da monarquia, uma revolução organizada pelo Partido Republicano Português, triunfou renunciando à monarquia constitucional e implementando um regime republicano português.

A implantação da Primeira República origina um novo caminho político que desperta novas correntes de organização social, económica e cultural.

“Nunca foi tão grande o movimento das praias e das termas, nunca as batotas, os teatros, os casinos, as praças de touros, todos os sítios de prazer, estúrdia e regabofe tiveram tão larga concorrência. Nunca as lojas de moda e os estabelecimentos fizeram tanto negócio, e nunca a podridão dos anos e dos danos das classes altas conseguiu contaminar tão profundamente as classes populares. O vício, a corrupção de costumes, a lepra moral invadem todas as classes e alastram por todo o país como nauseantes nódoas de gordura. Os que enriquecem rapidamente à sombra da guerra, recorrendo a torpes especulações e sujas negociatas, e condenáveis expedientes, à exploração da fonte e da miséria de muitos e à imbecilidade dos governos, esbanjam às mãos cheias o dinheiro que tão pouco lhes custou a ganhar e procuram afogar em indigestões de prazer as dificuldades e privações dos largos anos de mediana”. (Araújo, A Única Salvação, in A Fronteira, 1918)

São introduzidos alguns padrões de modernidade na década de 20, que influenciados pelo mundo ocidental, mudaram os costumes, o estilo de vida e a cultura social da capital portuguesa. Apesar destas mudanças trazerem uma nova forma de estar na vida, não terá sido bem aceite por todos, originando paradigmas socioculturais em que uns defendem o tradicionalismo e conservadorismo e outros a modernidade e o cosmopolitismo.

A década de 30 é um período de consideráveis e importantes modificações políticas tanto em Portugal como nos restantes países. Ao longo desta década regimes autoritários, nacionalistas e de inspiração fascista subiram ao poder.

Em 1926 dá-se uma revolta monárquica, com o objectivo de tentar repor a ordem no país, que desde 1924 se encontra à beira da guerra civil. A Revolução de 28 de Maio de 1926, também conhecida por Golpe de 28 de Maio ou Revolução Nacional, foi instaurada com o golpe militar de cariz nacionalista e antiparlamentar que pôs fim à Primeira República Portuguesa, que de seguida deu origem à implantação da Ditadura Militar (1926-1932), que é

transvertida, após a aprovação da Constituição de 1933, em Estado Novo (1933-1974), sob poder de Oliveira Salazar.

Em 25 de Abril de 1974 o Movimento das Forças Armadas colocou fim ao regime do Estado Novo, libertando Portugal da ditadura.

Entre 1930 e 1933, foram criados instrumentos governativos para que o Estado Novo se implementasse no panorama político português. Constituiu-se uma densa rede de organismos corporativos que desempenharam funções económicas, sociais e culturais sob o funcionamento de um sistema paraestatal ligado aos órgãos do poder central.

O Jazz em Portugal surge durante a Primeira República, numa fase em que o país está ainda a transitar de um regime monárquico para um regime republicano, onde os valores de liberdade e igualdade se suprimem às diferenças sociais e às hierarquias sociais.

As primeiras manifestações ao Jazz devem-se principalmente à indústria cinematográfica e aos espetáculos de teatro. É através dos filmes internacionais e das companhias de teatro estrangeiras que se começam a ditar novos valores estéticos, novas formas de estar e agir, nos quais os sons do Jazz e o exotismo da cultura negra norte-americana se encontram presentes.

Apesar do conservadorismo existente na década de 20, foi notório um fascínio imediato pelo exotismo da cultura negra, através das suas danças e músicas, interpretados por músicos e bailarinos negros.

“Por maior que seja o preconceito contra os negros e contra a sua arte instintiva, não se lhes pode negar formidáveis qualidades coreográficas (...) há artistas superiores, no seu género, grandes bailarinos e grandes acrobatas. Louis Douglas, por exemplo, é inexcelável. O seu trabalho, que arrancou uma ovação à plateia empolgada, é do melhor que temos visto (...).” (In Diário de Notícias, 03/01/1928)

Entre as décadas de 20 e 30 passaram por Portugal músicos importantes na história do Jazz. Lisboa e Porto assistiram a espetáculos de companhias de teatro estrangeiras que faziam uso das danças negras e do seu Jazz.

Alguns exemplos:

- **1926, Claude Hopking**, o pianista de Revue Nègre.
- **1928, Revista africano-americana Black Follies**, Teatro da Trindade, de 2 a 10 de Janeiro e no Porto de 11 a 13 de Janeiro.
- **1930, Revue de Harry Fleming Blues Birds**, com o saxofonista Henry Butler.
- **1931, Revue de Harry Fleming Blues Birds** com a atriz, bailarina e cantora Josefina Baker.

Apesar do tradicionalismo e dos valores morais, éticos e estéticos, serem bastante limitadores, a vida noturna lisboeta e portuense aos poucos sofre alterações significativas.

Em Lisboa, maioritariamente localizada na baixa e na Avenida da Liberdade, surgiram imensos clubes, bares, dancings, restaurantes, onde os cidadãos desfrutavam de pequenos momentos de luxúria, vícios e prazer. Surgem também as primeiras Jazz band, inspiradas no Jazz dos EUA que animavam as noites dos clubes e dos cinemas como o **Tivoli**, o **Éden** e o **Royal Cine**.

O Jazz passa a simbolizar a modernidade e as noites lisboetas começam a ser vividas pelo jogo, pelo absinto, pela cocaína e pelas paixões efémeras, ao som da música burlesca e das orquestras de Jazz band. Ouve-se Jazz band e sons burlescos em toda a parte: nos clubes elegantes, nos cinemas, nos parques públicos ou nos restaurantes da moda, tal como é referenciado por Castro (1925).

Destacam-se clubes como:

- O **Bristol Club**, localizado na Rua Eugénio dos Santos, ao lado da atual sede do Benfica.
- O **Ritz**, no Palácio Foz, aos Restauradores, local onde também funcionou o Maxim's.
- O **Magestic/Monumental**, na Rua Tomé de Barros Queiroz, com a sua decoração neo-árabe, que ainda hoje embeleza a Casa do Alentejo, atual ocupante das instalações.
- O **Olympia**, onde hoje é o cinema da rua dos Condes.
- O **Clube Mayer**, no Palácio Mayer, localizado na Avenida da Liberdade (hoje Consulado de Espanha).
- O **Clube Montanha** na Rua da Glória.
- O **Clube Internacional** na Rua 1º de Dezembro.
- O **Regaleira**, no Palácio Regaleira.
- O **Salão Alhambra**, no Parque Mayer.

Contudo, o impacto do Jazz em Portugal manifestou-se de uma forma distintiva: adorado por uns, rejeitado por outros. Uma parte da população denegava e não compreendia este novo género musical, outra parte da população não compreendia a negação que alguns lhe dirigiam.

O Jazz das bandas portuguesas possuía algumas incoerências na formação e havia quem afirmasse não existir características capazes de o identificar como tal. O Jazz era extremamente recente o que dificultava a sua compreensão e as Jazz band portuguesas

necessitavam de reformular a sua educação musical, tanto ao nível de técnica instrumental como a nível emocional. Foram muitas as críticas desenvolvidas por escritores, jornalistas e críticos de música que consideravam as músicas das Jazz band portuguesas meras experiências Jazzísticas, de sons enfadonhos e de pouca vida, ficando longe de satisfazer o público partidário deste género musical.

1.3 Censura e rejeição do Jazz

Devido a condicionantes exteriores que agravaram o estado político, económico e social de Portugal, a Revolução de 28 de Maio de 1926 origina a queda da Primeira República Portuguesa durante o período do pós-guerra, instaurando uma Ditadura Militar.

Com a implementação do Estado Novo, Oliveira Salazar assume o poder e cria uma estrutura política e institucional de orientação e formação ideológica para a aceitação e doutrinação dos valores dos indivíduos, crucial para a constituição de uma nação. De forma a atingir os seus objetivos é fundada a Polícia de Vigilância e Defesa do Estado (PVDE) que, em 1945, passaria a ser denominada por Polícia Internacional e Defesa do Estado (PIDE). À PIDE foram atribuídas funções administrativas e funções de prevenção e combate à criminalidade, com o fim de preservar a estabilidade política, de controlar e eliminar as manifestações de opinião pública, criando deste modo obstáculos em todos os setores da sociedade.

Todas as correntes culturais e artísticas eram sondadas de forma a serem contempladas no enquadramento de defesa dos interesses nacionais. Os espetáculos, a imprensa e a rádio eram também averiguados pela PIDE, ficando condicionados a aprovações de divulgação, emissão e transmissão. Quanto à música, o Estado Novo incumbiu-se de difundir e implantar o fado como a música nacional e o Jazz passou a ser desvalorizado pelo Estado, onde a sua difusão era rejeitada.

As rádios portuguesas, tal como acontecia na Europa e nos Estados Unidos, demarcavam o panorama cultural do país através da transmissão de programas, notícias e músicas. Em Portugal, devido aos valores morais implementados pelo Estado Novo, dedicavam a maior parte do tempo à emissão do fado, música erudita e música popular.

Em 1935 é inaugurada a Emissora Nacional de Radiodifusão, tornando-se o mais poderoso meio de propaganda e o reflexo cultural do País. Esta passa a ser a rádio eleita para orientar o povo português na educação cívica, moral e artística implementada pelo Poder, enquanto que muitas outras rádios portuguesas, já existentes, cessam a sua atividade devido ao controlo da PIDE, que renunciava as seleções musicais, reduzia o tempo de emissões e proibia tanto a elaboração de blocos informativos, como a transmissão de publicidade.

Apesar dos entraves pelo Estado na transmissão radiofónica do Jazz, existiam alguns defensores deste estilo musical que ao longo dos anos dignaram-se a lutar pela sua transmissão e divulgação.

Luiz Villas-Boas foi um dos primeiros impulsionadores da divulgação, promoção e popularização do Jazz em Portugal. Em Novembro de 1945 Villas-Boas propõe elaborar a emissão de uma rubrica semanal denominada por Hot Clube na Emissora Nacional, no Programa da Manhã com locução de Artur Agostinho, com o objetivo de defender e divulgar a música Jazz em Portugal. Após algumas transmissões na Emissora Nacional, surge o confronto com a Censura, a rubrica é proibida na Emissora Nacional e passa a ser emitida na Rádio Clube Português com locução de Curado Ribeiro e Jaime da Silva Pinto, onde permaneceu durante alguns anos.

PARTE I

DIVULGAÇÃO E PROMOÇÃO DO JAZZ EM PORTUGAL

2. DIVULGAÇÃO E PROMOÇÃO DO JAZZ EM PORTUGAL

2.1 Hot Clube – Divulgação e Promoção do Jazz em Portugal

A rubrica do Hot Clube, criada por Luiz Villas-Boas, desde cedo criou ouvintes assíduos e rapidamente conquistou o interesse do público. Ao fim de 10 anos de transmissão, Luiz Villas-Boas tenta ir mais longe com a divulgação e a promoção do Jazz nacional, chegando a incentivar os músicos nacionais a criarem as suas próprias músicas e técnicas de Jazz, permitindo que estas fossem gravadas em algumas das sessões, nas sedes e nos estúdios da rádio.

Em 1945, Luiz Villas-Boas, ao mesmo tempo que exerce as suas atividades radiofónicas e jornalísticas para a divulgação e difusão do Jazz, faz parte de uma tertúlia Jazzística em casa da família Sangareau, onde seria permitido ouvir, falar, discutir, trocar discos e tocar Jazz. O grupo foi crescendo e organizando algumas sessões de Jazz com músicos portugueses e estrangeiros que eram convidados a juntar-se ao grupo.

O Grupo da Casa Sangareau era constituído por Fernando, Afonso e Luís Sangareau, Manuel e Horácio Menino, Augusto e Ivo Mayer, Georgina e Luiz Villas-Boas, Maria Germana Medeiros, os irmãos Telhados, Gerard de Castelo Lopes e Maria Helena Silva, um grupo de músicos, amadores e indivíduos apaixonados por Jazz, que rapidamente evoluiu para a criação de um clube de Jazz em Lisboa.

A 1 de Janeiro de 1946, Luiz Villas-Boas, Augusto Mayer, entre outros sócios, reúnem-se para a elaboração dos estatutos do futuro clube de Jazz, o Hot Clube de Portugal. Após algumas reuniões, a 22 de Junho de 1946 é entregue o pedido de legalização da associação ao Governo Civil de Lisboa.

O processo para a aprovação dos estatutos do Clube foi bastante moroso, durante quatro anos foram realizadas várias averiguações pelos órgãos de informação do Poder de forma a avaliar os objetivos do clube, os quais obrigatoriamente sofreram alterações tanto nos objetivos como no número de sócios, para conseguirem obter a aprovação do sistema.

Estes processos burocráticos de análise possibilitavam ao Poder averiguar ao pormenor todos os objetivos da associação, avaliar as intenções e controlar os fundadores, com a intenção de zelar pela manutenção do poder, não fossem estes de cariz revolucionário com objetivos políticos oposicionistas.

O Jazz, como já referido anteriormente, até à data não se enquadrava no quadro de valores nacionais definidos pelo Poder político e tudo o que viesse do estrangeiro, tal como a aquisição de novas discografias Jazzísticas ou a ligação a outras instituições similares estrangeiras, era

colocado em causa, uma vez que era considerado, perante o sistema do Regime, uma prejudicial influência para a sociedade portuguesa.

Martins (2006) afirma que, a 16 de Março de 1950, finalmente, o Governo Civil aprova a fundação do Hot Clube e é a partir desta data que o Jazz em Portugal conhece uma nova fase, conquistando o panorama musical e cultural português.

Luiz Villas-Boas, com a fundação do Hot Clube de Portugal e com a rede de contactos obtida ao longo de várias décadas, conseguiu incentivar a prática e o consumo público e privado do Jazz, conquistando dessa forma o interesse dos lisboetas.

Com a Institucionalização do Hot Clube, Lisboa passou a contar com um organismo que se propunha promover a música Jazz a nível nacional através da dinamização artística e cultural: sessões radiofónicas e fotográficas, palestras para a formação e esclarecimento do público, jam-sessions, tertúlias, angariação e formação de músicos de Jazz, produção e promoção de concertos, assim como na organização de festivais internacionais de Jazz em Portugal.

Para além do papel desempenhado de Luiz Villas-Boas na divulgação do jazz, surge outros protagonistas de outras iniciativas fundamentais para a história do Jazz em Portugal, sendo importante nomear as seguintes:

- **1956:** Organização do concerto de Count Basie em Lisboa (1956)
- **1958:** Fundação do Clube Universitário de Jazz por Raul Calado
- **1958:** Implantação do programa radiofónico O Jazz, esse desconhecido, na Rádio Universidade de Lisboa por José Duarte
- **1958:** Estreia na Rádio Televisão Portuguesa do TVJazz, o primeiro programa de televisão inteiramente dedicado ao Jazz por Manuel Jorge Veloso
- **1971:** Edição do 1.º Festival Internacional de Jazz de Cascais.

Tal como Luiz Villas-Boas, José Duarte foi também um dos impulsionadores do Jazz em Portugal, de merecido prestígio.

Entre 1958 e 1961, surge em Lisboa o Clube Universitário de Jazz, uma associação com interesses pela divulgação do Jazz em Portugal, que, como referido por Cravinho (2001) se propôs a desenvolver um boletim mensal, Jazz – Clube Universitário de Jazz e a organizar jam-sessions, sessões fonográficas, concertos e palestras. A associada foi criada por estudantes universitários sendo o seu fundador, Raul Calado, o diretor e editor do boletim, Pedro Valente Pereira, os colaboradores, José Duarte, Raul Vaz Bernardo, Helder Leitão, entre outros.

José Duarte, em 1958, estrou-se na Rádio Universidade com o tema “O jazz, esse desconhecido” e em 1959 cria o programa “ Encontro com o Jazz” na rádio Renascença.

Em 1966, José Duarte leva a divulgação do Jazz mais longe com a criação do programa

“Cinco minutos de Jazz”, que permaneceu na Rádio Renascença até 1975, coincidindo temporalmente com o processo revolucionário (1974/1975), que forçara o impedimento das emissões da rádio.

Em 1984, o programa “Cinco minutos de Jazz” reaparece na Rádio Comercial, que passara, em 1993, a ser integrado na programação da rádio Antena 1, permanecendo até aos dias de hoje.

José Duarte torna-se assim um precursor do jazz. A sua extensa bibliografia abrange tanto os jornais como os livros, conferências, televisão e Internet, sendo relevante destacar as seguintes intervenções:

- **De 1975 a 1984:** Membro da Direção da ‘International Jazz Federation’
- **Desde 1975:** Membro do ‘International Critics Jazz Poll’ da revista ‘Down Beat’
- **Desde 1997:** Fundador e Redator do site jazzportugal
- **Desde 2003:** Membro de IAJE - International Association of Jazz Education
- **Desde 2003:** Membro de JJA - Jazz Journalists Association
- **De Maio de 2005 a fevereiro de 2006:** Coordenador e co-autor da colecção ‘Let’s jazz em ‘Público’”
- **De 2006 a 2008:** Coordenador para o Ministério da Cultura da organização de uma grande orquestra de jazz com jovens músicos alemães, portugueses e eslovenos (entre 20 e 30 anos de idade cronológica), ao abrigo da União Europeia e dos respectivos países presidentes em 2007 e primeiro semestre de 2008.
- **Desde Janeiro de 2006:** Autor e apresentador de ‘Jazz com Brancas’, na RDP Antena 2.

Lançamento de livros:

- **1981:** João na Terra do Jaze
- **1994:** Jazzé e Outras Músicas
- **2000:** Cinco Minutos de Jazz
- **2000:** História do Jazz
- **2001:** Jazz, Escute e Olhe – Portugal 1971-2001
- **2004:** Poezz - jazz na poesia em língua portuguesa

Conferências:

Ministério da Cultura - *Capítulos do Jazz, Improvisando com...*

Bibliotecas Municipais – de Alfândega da Fé a Angra do Heroísmo e Fundação Calouste Gulbenkian - *Encontros de Literatura com Jazz, Ler Jazz, Discos são os Livros do Jazz.*

2.2. A radiodifusão

Em 1863, James Clerck Maxwell marca os primeiros passos da descoberta da rádio através da teoria da existência das ondas electromagnéticas obtida da combinação das teorias de Faraday, Lorentz, Gauss e Ampere.

Através desta descoberta foram vários os cientistas que contribuíram para o surgimento e evolução do sistema de rádio e das primeiras emissoras, sendo importante referenciar que as primeiras experiência de radiodifusão foram realizadas por Marconi em 1894.

Após a primeira emissora norte-americana, nomeada K. D. K. A., em 1920, surge a grande euforia das rádios e empresas de fabrico de aparelhos de rádio.

Em Portugal, em 1923 foi criada a Sociedade Portuguesa de Amadores de Telefonia sem fio. Em 1925, Américo dos Santos, constituiu a primeira rádio portuguesa, a Rádio Graça, em Lisboa. Acompanhando esta onda de euforia, em Maio de 1930, surge a primeira estação do norte do país, a Rádio Sonora.

Durante a primeira metade da década 30 surgiram por todo o país várias estações de rádio que colocavam no ar programas de informação, música e radionovelas.

Em 1935 nasce a Emissora Nacional de Radiodifusão, que em 1976 passa a chamar-se Rádio Difusão Portuguesa.

Algumas rádios portuguesas dedicadas à música Jazz:

- **Antena 1** - Foi criada 1934 com o nome de Emissora Nacional. A Antena 1 é uma rádio de serviço público que aposta fortemente na música portuguesa e com uma programação dedicada às notícias, política e ao futebol.
- **Antena 2** – Fundada em 1948, é uma das estações de rádio que faz parte da cadeia da emissora oficial do Estado Português chamada RDP (Radiodifusão Portuguesa). A Antena 2 promove a música erudita, jazz, música étnica, new age, blues e música experimental. Contem também uma programação dedicada a outras áreas culturais, tais como, literatura, ciência, dança, cinema e artes plásticas. Em 1993, o programa “Cinco Minutos de Jazz” de José Duarte, passou a integrar-se na programação da RTP Antena 1.
- **Groove Rádio PT** - Uma Web Rádio alternativa, com emissão de vários estilos de música: Jazz, Rock, Reggae, Soul, Folk, Pop, Blues, Electronica, Afrobeat, Latin, Dub Med Oriental, Europeia e Americana.
- **JazzBit Lisboa** - Uma rádio dedicada à música Jazz, Blues e Bossa-Nova.

- **Rádio Marginal** - Criada em 2011, a Rádio Marginal oferece uma programação de música Jazz.
- **Rádio Oxigénio** - Criada em 1999, a Rádio Oxigénio contem uma programação musical diversificada, com emissão de géneros musicais alternativos, jazz, funk e electrónica. Numa das programações da radio destaca-se o programa Planeta Jazz.
- **Smooth FM** - Uma rádio dedicada principalmente à música Jazz.
- **Smooth Jazz Global Radio** - A Smooth Jazz Global Radio é uma web rádio online internacional com 24 Horas por dia de música jazz.

2.3 Escolas: Ensino e divulgação do Jazz

Além do contentamento em divulgar e ouvir Jazz, existe também uma afluência de pessoas interessadas em alargar os seus conhecimentos gerais sobre a música, improvisação e linguagem Jazzística.

Em Portugal, e com o advento da educação como negócio lucrativo, também o Jazz floresce em número e qualidade de jovens músicos. Estes, desde cedo, têm a oportunidade de aperfeiçoar técnicas e conhecimentos ao ingressarem em escolas particulares ou superiores. O número de licenciados em Jazz no nosso país tem tendência a subir. Até os músicos já estabelecidos no mercado de trabalho correm para os bancos universitários à procura do seu diploma.

Até duas décadas atrás a única escola existente de Jazz em Portugal era a **Escola do Hot Clube de Portugal**, com um papel determinante no panorama Jazzístico português: possibilitar o surgimento de gerações de músicos profissionais de Jazz.

A **Escola de Jazz do Hot Clube de Portugal** foi fundada em 1979 pelo contrabaixista Zé Eduardo, atualmente designada por **Escola Luiz Villas-Boas**, em homenagem ao fundador do Clube. A escola funciona com 3 tipos de curso: completo, teórico ou prático, e curso livre, direcionados para as questões práticas de como tocar e estudar a linguagem do Jazz.

A **Escola Luiz Villas-Boas** é membro fundador da International Association of Schools of Jazz (IASJ), como também estabeleceu um protocolo com a escola irlandesa **Newpark Music Centre**.

Mesmo validando que as escolas em Portugal são relativamente recentes, verificou-se a partir dos finais dos anos 90 um crescimento exponencial de escolas de Jazz e uma oferta diversificada nas áreas do ensino do Jazz, com a criação de cursos superiores com

especialização em Jazz.

Podemos, assim, considerar três momentos neste percurso, conforme analisado nos estudos de Dias (2010) :

- De 1979 a finais dos anos 90 - fundação e atividade da **Escola de Jazz do Hot Clube**, como única instituição de formação de músicos de Jazz em Portugal;
- De finais dos anos 90 a início da primeira década do séc. XXI – fundação de escolas de Jazz em Lisboa e margem sul do Tejo;
- De início da primeira década do séc. XXI à atualidade – fundação de cursos superiores em música, com especialização em Jazz e aumento de número de escolas de Jazz e de escolas de música que oferecem cursos de Jazz.

Após algumas pesquisas, verifica-se a existência das seguintes escolas e cursos de Jazz em Portugal.

ESCOLAS SUPERIORES

- **CEJ** - Centro de Estudos do Jazz | Aveiro Universidade de Aveiro
- **ESMAE** – Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo | Porto
- **Licenciatura e Mestrado em Música, especialização em Jazz**
- **ESML** – Escola Superior de Música de Lisboa | Lisboa
- **Licenciatura e Mestrado em Música, especialização em Jazz**
- **UE** – Universidade de Évora | Évora **Licenciatura em Música, ramo de Jazz**
- **ULL** – Universidade Lusíada de Lisboa **Licenciatura em Jazz e Música Moderna**

ESCOLAS NÃO SUPERIORES | CURSOS E ACADEMIAS

- Academia de Amadores de Música | Lisboa
Curso Geral de Jazz
- Academia de Música de Ançã | Coimbra
Curso Geral de Jazz
- Atelier de Jazz e Música Moderna do Algarve | Lagos
- Conservatório – Escola das Artes – Eng.º Luís Peter Clode | Funchal, Madeira)
Curso Profissional de Jazz
- Conservatório Nacional de Lisboa **Combo de Jazz**
- Conservatório Regional do Baixo Alentejo | Beja
História do Jazz
- Escola das Artes de Sines | Sines

Curso Geral de Jazz

- Escola de Jazz do Barreiro | Barreiro
- Escola de Jazz e Música Moderna, Almada-Seixal | Corroios
- Escola de Jazz Luís Villas-Boas, Hot Clube de Portugal | Lisboa
- Escola Valentim de Carvalho | Lisboa

Curso Geral de Jazz

- Flauta de Hamelin – Oficina de Artes | Braga

Curso Geral de Jazz

- Jazz ao Norte | Porto
- JBJazz Clube | Lisboa
- **Musicland**, Escola de Jazz e Música Atual de Mafra | Mafra
- My Riffs Escola de Música | Lisboa

Curso de música

- Oficina de Música de Aveiro | Aveiro *Curso Geral de Jazz*
- Orfeão de Leiria | Leiria

Curso de Jazz Funk Rock

- Sítio dos Sons | Coimbra

Curso Geral de Jazz

- TONE Music School | Coimbra

Curso de Jazz

2.4 Festivais de Jazz em Portugal

Com as mudanças políticas e económicas vividas no país, Portugal conquistou novos hábitos culturais e ao longo dos anos foi notório o crescimento de festivais e eventos culturais por todo o território.

O Jazz em Portugal depara-se nos tempos de hoje com um forte crescimento, a grande ritmo e com numerosas as ofertas. Presentemente encontramos diversos concertos com músicos nacionais e estrangeiros a atuar em Portugal, vários encontros anuais de escolas e de músicos de Jazz nacionais, edições de discos, editoras (Clean Feed - uma das cinco melhores editoras de Jazz do mundo), distribuidoras (Dargil), rádios (Smooth FM Portugal, Europa-Lisboa FM), catálogos, blogs (Tone Of A Pitch), revistas (Jazz.pt - revista bimensal especializada) e dezenas de festivais de Jazz em Portugal.

Especificamos, deste modo alguns dos marcantes festivais de Jazz registados no

panorama Jazzístico português:



Cascais Jazz Festival / Jazz Num dia de Verão / Estoril Jazz

Cascais Jazz surge em 1971, por Luiz Villas-Boas como sendo um festival português de referência no domínio do Jazz. Na primeira edição, o festival contou com a presença de célebres convidados, Quarteto The Bridge, Dexter Gordon, Ornette Coleman, Miles Davis, Phil Woods, Dizzy Gillespie, Thelonious Monk, Sonny Stitt, Kai Widing, Al Mckibbon e Art Blakey.

Em 1974, Luiz Villas-Boas convida Duarte Mendonça para organizar o quarto festival. Em 1982, o festival muda a sua designação para Jazz Num Dia de Verão. Em 1990, sofre novamente alteração e passa a ser denominado como Estoril Jazz/Jazz Num Dia de Verão.



Jazz em Agosto

“Evento que se estreou em 1984, por intermédio da ACARTES, da Fundação Calouste Gulbenkian e do Hot Club Portugal, começando por receber artistas de Jazznacional. Em 1986, a organização apostou em concertos duplos de cada artista, existindo já aqui uma apresentação internacional de artistas. Na edição de 1988, começou a ser possível ao público interagir com alguns artistas antes e depois dos espetáculos (através de documentários e conferências) e assim poder estar mais próxima da arte que é o Jazz.

“O outro lado do Jazz” foi mote lançado por este festival nos últimos anos, num festival que se manteve coerente ao longo dos anos, tendo um público familiar e com grande percentagem de retorno ao evento.



Guimarães Jazz

Surge em 1992, com o objectivo de apresentar projetos únicos e experimentais, fusões e estreias absolutas em Portugal. O festival desde sempre procurou inovação e partilhou novos talentos dando a conhecer as tendências atuais deste género musical.

2015 SEIXAL JAZZ

Seixal Jazz

Surge em 1996 no Seixal com o objectivo de colocar o concelho no roteiro cultural da Área Metropolitana de Lisboa e dar visibilidade à intensa atividade cultural desenvolvida pela autarquia. O festival deu início com um cartaz ambicioso, escolhendo para a primeira edição alguns dos maiores nomes do Jazz mundial.

Para além dos concertos, o festival conta com uma programação que inclui estreias de documentários e filmes que retratam a história do Jazz. De forma a complementar ainda mais a programação do festival, o Seixal Jazz Vai à Escola, é uma atividade dirigida a alunos e professores das escolas básicas do concelho do Seixal que consiste em concertos de artistas para crianças.



Galp Energia Jazz

Pro Jazz e Galp aliaram-se na criação de um festival de Jazz– Galp Energia Jazz, que ao longo de 15 edições tiveram em cartaz nomes de referência do Jazz. O festival teve edições no Porto e em Lisboa e realizava-se entre uma a duas noites, representado entre uma a três acuações, conforme a cidade em que decorria.



Funchal Jazz Festival

Surge em 2000, na Ilha da Madeira, como sendo um festival de referencia nacional, levando ao Funchal algumas das maiores personalidades do Jazz cujos méritos e virtudes, estão consagrados em bibliografia da especialidade, em inúmeros prémios, nomeações e distinções, num aprimorado e envolvente ambiente, que coloca o Funchal no mapa dos melhores festivais do mundo.



Braga Jazz

O Braga Jazz realizou 11 edições onde apresentou dezenas de nomes de referência no género Jazz, em cartaz foram apresentados artistas de Jazz português, europeu e brasileiro.

O cancelamento do festival deveu-se à fraca venda de bilhetes e à falta de apoios e à incapacidade de competir com o Guimarães Jazz que se localizava a menos de 20 Km do Braga Jazz.



Portalegre Jazz Fest

Surge em 2003 com o objectivo de promover a música de diversas formas. Desde sempre apresentou um cartaz de artistas nacionais e internacionais dando oportunidade inclusive, a novos projetos locais. O festival procura dinamizar a música como a oferta de CD's e realiza um concerto comentado destinado a um público mais jovem, o que permite fidelizar o público e conquistar novos hábitos culturais.



EDP Cool Jazz Fest

Surge em 2004 com o objetivo de oferecer um evento turístico e cultural distinto a todos os amantes de música de gosto eclético mas sempre com uma forte componente “cool”, que lhe dá o nome.

O Edp Cool Jazz Fest conta já com mais de uma década de edições ao longo do mês de Julho. O festival é composto por várias noites de concertos, realizado em cenários idílicos juntando natureza, património e a música.

O EDP Cool Jazz Fest aposta num registo de Jazz que patenteia as suas diferentes ramificações e heranças musicais, dando destaque à música negra como o Rhythm and Blues e o Soul.

O festival tem permitido numerosas estreias em Portugal de artistas da cultura R&B, Jazz e Soul em início de carreira, bem como na apresentação de célebres artistas já com panóplia de sucesso.



MEO



OUTJAZZ

MEO Out Jazz

Surge em 2007, com o objectivo de providenciar um ponto de encontro nos fins de tarde de sexta, sábado e domingo, para convívio e muita música ao vivo, num ambiente descontraído, em jardins e locais emblemáticos onde se possa passar um fim de tarde agradável. O festival baseia-se na cultura negra – Jazz, Funk, Reggae e Soul)



Sines em Jazz

Surge em 2007, organizado pela Associação Pro Artes de Sines com o apoio da Câmara Municipal de Sines.

O festival contou com a presença de célebres nomes individuais e colectivos do Jazz, tanto a nível nacional como internacional, tendo sempre o principal foco no Jazz feito em Portugal.



Lagoa Jazz Festival

Surge em 2003, com o objetivo de apresentar formações diferenciadas do solo à Big Band com distintos instrumentos solistas (saxofone, voz, trompete, piano, harpa, vibrafone, guitarra, trombone...)

O festival é reconhecido nacional e internacionalmente, com um público fiel, num local único e mágico, o Sítio das Fontes em Estombar, concelho de Lagoa.

PARTE I

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

E O JAZZ

3. FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN E O JAZZ

3.1 Fundação Calouste Gulbenkian | CAM (Centro de Arte Moderna)

3.1.1 Enquadramento: História, missão, áreas de atuação e atividades.

A Fundação Calouste Gulbenkian nasceu em 1956 concebida sobre o testamento de Calouste Sarkis Gulbenkian_ que devido à sua imensa fortuna e coleções de obras de arte, decide deixar praticamente todos os seus bens a uma fundação portuguesa para proveito de toda a humanidade. Com o propósito de incrementar o conhecimento e a qualidade de vida das pessoas, inclusive as populações menos favorecidas, a fundação atua desde a sua existência nas mais diversas manifestações artísticas, evidenciando-se em quatro grandes pilares: artes, beneficência, ciência e educação.

A Fundação tem um caráter de rigor, exigência e qualidade, e é considerada como uma das seis maiores fundações europeias, que desenvolve a sua ampla atividade tanto em Portugal como no estrangeiro, a partir da sua sede em Lisboa e das delegações em Paris e em Londres,.

A fundação tributa à sociedade uma maior modernização e abertura de espírito, respondendo às necessidades mais iminentes da sociedade portuguesa, tendo desde sempre, reajustado as suas prioridades de atuação perante o desenvolvimento progressivo do país. As prioridades numa fase inicial seriam somente portuguesas ou lusófonas, atualmente estão inscritas num quadro intercultural que se relaciona com questões globais como o diálogo intercultural, as migrações e a mobilidade, e o ambiente.

Uma das principais missões da Fundação consiste em promover e proteger as ações destinadas a difundir os valores essenciais da condição humana, nomeadamente o respeito pela diferença e diversidade, a cultura da tolerância e a preservação do ambiente na relação do homem com a natureza, através de programas concebidos pela própria Fundação ou criados em parceria com outras instituições ou entidades, com o intuito de procurar respostas inovadoras para os problemas da sociedade contemporânea.

A Fundação Gulbenkian dispõe, na sua Sede em Lisboa, de um Museu (Museu Calouste Gulbenkian), um Centro de Arte Moderna (CAM) e uma Biblioteca de Arte, desenvolvendo

diversas atividades diretas e indiretas ligadas às artes, tais como: Exposições permanentes, individuais e coletivas, exposições temporárias, colóquios, cursos, conferências, e espetáculos (Orquestra e o Coro Gulbenkian).

Paralelamente, a Fundação distribui bolsas e subsídios, apoia projetos e programas de formação, assim como cria prémios anuais para estimular a preservação e recuperação do Património (Prémios Vasco Vilalva).

Desenvolve uma intensa atividade editorial, sobretudo através do seu plano de edições de manuais universitários. Promove e estimula projetos de ajuda ao desenvolvimento dos países africanos de língua portuguesa e Timor-Leste. Promove a cultura portuguesa no estrangeiro e desenvolve igualmente um programa de preservação dos testemunhos da presença portuguesa no mundo. Paralelamente às suas atividades em Portugal e no estrangeiro, de promoção da cultura portuguesa, a Fundação desenvolve um programa de atividades em prol da Diáspora Arménia para a disseminação da sua língua e cultura.

“O sucesso no cumprimento dos objetivos da Fundação Calouste Gulbenkian deve-se a todas as organizações e pessoas que apoiam. Sendo a partilha de estratégias de cada uma das iniciativas, o principal objetivo para conseguir uma melhor divulgação e ampliação do impacto global que procuram.” (Fundação Calouste Gulbenkian)¹

No que diz respeito à música, tema deste estudo, a Fundação Calouste Gulbenkian tem desempenhado um papel importante na divulgação musical. É através da preocupação em conceber oportunidades aos artistas portugueses, com o objectivo de exercerem a sua atividade internacionalmente, que a fundação promove a música, a dança e os músicos contemporâneos, tornando a sua intervenção indispensável no aparecimento de novos artistas e músicos, na realização de concertos, nas gravações de discos e nas digressões, tanto a nível nacional como internacional.

A Fundação Calouste Gulbenkian, destaca-se assim, na criação de novos públicos mediante uma política de descentralização da cultura musical, como no incremento do estudo e da interpretação de obras menos conhecidas, graças a um plano desenvolvido de atividades musicológicas.

¹ Fundação Calouste Gulbenkian. *A Fundação Calouste Gulbenkian*. Acedido em 30 de Outubro de 2015 em <http://www.gulbenkian.pt/Institucional/pt/Fundacao/AFundacaoCalousteGulbenkian>

3.2 JAZZ EM AGOSTO

3.2.1 Enquadramento cultural e historial

“Na altura, não se faziam espetáculos em Lisboa, no verão, porque achava-se que a cidade estava vazia. Mas não estava... E os concertos encheram-se.” (Rui Neves - diretor artístico do festival Jazz em Agosto)

O Jazz em Agosto teve a sua origem no serviço ACARTE_ da Fundação Calouste Gulbenkian, integrado no Centro de Arte Moderna (CAM), por criação da fundadora e diretora Madalena de Azeredo Perdigão.

Durante os meses de verão, até ao surgimento do Jazz em Agosto, não existiam em Lisboa ofertas culturais no âmbito do Jazz. Foi então que Madalena de Azeredo Perdigão, em Agosto de 1984, ambiciona realizar um festival com uma série de concertos de Jazz alternativo de entrada gratuita, onde a qualidade prevalecesse sem imperativos comerciais.

O Jazz em Agosto surgiu em 1984 e é um dos mais antigos festivais de Jazz em Portugal. Desde essa altura que o festival se integra na programação da Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa, com o propósito de mostrar ao público a contemporaneidade Jazzística, evidenciando a qualidade musical através de célebres nomes artísticos que fazem parte da história contemporânea do Jazz.

Ao longo dos anos o Jazz em Agosto passou por diferentes direções artísticas que predispuseram uma variadíssima seleção musical e que fizeram do Jazz em Agosto um festival incontornável no panorama nacional.

Passaram pela programação do Jazz em Agosto músicos lendários como Sun Ra (1914-93), Jimmy Giuffre (1921-2008), George Russell (1923-2009), Max Roach (1924-2007), Ornette Coleman (n.1930) ou Steve Lacy (1934-2004). Fizeram também parte da programação nomes como Tim Berne (n.1954), Mary Hal Vorson (n.1980), Peter Evans (n.1981), Steve Coleman (n.1956), Carlos Zíngaro (n.1948), Rodrigo Amado (n.1964) e inúmeros outros.

3.2.2 Identidade Programática do Jazz em Agosto

A identidade programática do festival Jazz em Agosto passou por várias fases e direções, sendo de salientar a seguinte cronologia:

1984

- Fundado o “Jazz em Agosto” através do serviço ACARTE da Fundação Calouste Gulbenkian, dirigido por Madalena de Azeredo Perdigão.

- 1ª edição do “Jazz em Agosto” com direção artística de Luís Hilário

1985 a 1991

- 2ª a 8ª edição do “Jazz em Agosto” com direção de Rui Neves

1989

- Faleceu Madalena de Azeredo Perdigão
- O serviço ACARTE da Fundação Calouste Gulbenkian passa a ser dirigido por José Sasportes.
- O sistema de direção artística do “Jazz em Agosto” passa a basear-se em Cartas brancas.

1992

- 9ª edição do “Jazz em Agosto” com direção de António Pinho Vargas

1993

- 10ª edição do “Jazz em Agosto” com direção de Carlos Zíngaro

1994

- 11ª edição do “Jazz em Agosto” com direção de José Eduardo.
- José Sasportes sai da direção do serviço ACARTE da Fundação Calouste Gulbenkian.
- Nova direção do serviço ACARTE da Fundação Calouste Gulbenkian com Yvete Centeno.

1995 a 1999

- 12ª a 16ª edição do “Jazz em Agosto” com direção artística do Hot Clube.

1999

- Termina o serviço ACARTE da Fundação Calouste Gulbenkian.

2000

- O “Jazz em Agosto” passa a ser integrado no Centro de Arte Moderna, centro dirigido por Jorge Molder.
- 17ª edição do “Jazz em Agosto” volta a ter Rui Neves na direção artística, que se encontra até aos dias de hoje (32ª edição, 2015).

2006

- O “Jazz em Agosto” passa para a égide do Serviço de Música da Gulbenkian

2014

- “Jazz em Agosto” foi distinguido com um prémio internacional da associação Europe Jazz Network (EJN)²

² O prémio foi criado em 2012 pela Europe Jazz Network, uma associação que congrega programadores, festivais, organizações, produtores e clubes de Jazz da Europa e da qual a Fundação Calouste Gulbenkian não faz parte. O “Jazz em Agosto”, festival que em 2013 cumpriu 30 anos de existência, foi premiado pela «forte identidade», pelos artistas que selecionada, por ser um exemplo de «uma iniciativa criativa de uma fundação cultural privada e por acontecer num «fantástico e incomparável espaço ao ar livre».

3.2.3 Direções artísticas do Jazz em Agosto

A primeira edição do Jazz em Agosto foi orientada por Luís Hilário, programador e diretor artístico do Hot Clube, sob orientação de Madalena de Azeredo Perdigão, por ser a entidade, na altura, com mais legitimidade na divulgação e difusão do Jazz.

Após o sucesso da primeira edição e com o intuito de criar um festival contemporâneo com grupos internacionais de renome, Madalena de Azeredo Perdigão contacta Rui Neves para fazer parte da nova direção artística do Jazz em Agosto, que permaneceu, numa primeira fase, até 1991.

“Na primeira edição que fiz em 85 tivemos o Sun Ra Arkestra, um concerto memorável, e o quinteto do Dave Holland que revelou ao público português o saxofonista Steve Coleman. Tivemos o trio do guitarrista norueguês Terje Rypdal, o grupo Onix do José Eduardo e o António Pinho Vargas.”

3

(Rui Neves)

Em 1989 falece Madalena de Azeredo Perdigão, tendo passado o testemunho da direção do Acarte para José Sasportes. Com a morte de Madalena de Azeredo Perdigão e com as inconstantes direção na organização do festival a sua identidade encontram-se em constante renovação mas sem nunca quebrar o critério de escolha dos músicos, com bastante qualidade artística e de nomes que façam parte da história contemporânea do Jazz.

José Sasportes como novo diretor do ACARTE, após a oitava edição do Jazz em Agosto, afasta Rui Neves da organização por entender que o sistema de direção artística deveria basear-se em cartas brancas: todos os anos a curadoria do festival estaria a cargo de um músico e assim os músicos mais célebres usufruiriam da possibilidade de programarem o festival.

Em 1992 a nona edição é delineada com António Pinho Vargas, em 1993 com Carlos Zíngaro e por fim, em 1994 com o contrabaixista José Eduardo. José Sasportes sai da direção do ACARTE e entra Yvete Centeno, que entre 1995 e 1999, decide colocar o Hot Clube de novo na condução das programações do Jazz em Agosto.

Em 1999, o serviço ACARTE termina e nesta altura Rui Neves retoma a direção do festival. De 2006 até aos dias de hoje, o festival passa a fazer parte do Serviço de Música da Gulbenkian, permanecendo a direção artística de Rui Neves.

“Quando o serviço ACARTE acaba, em 99, fui novamente chamado para retomar a direção do festival e pensei logo que os tempos eram

diferentes. As coisas também se transformam e, no princípio do século XXI, estávamos a conhecer uma grande revolução, saídos de uma era analógica para uma era digital. Pensei que o Jazz em Agosto tinha que sofrer uma alteração profunda e readquirir os princípios que o nortearam desde o seu nascimento. Assim, tivemos mais preocupação em divulgá-lo e passámos a convidar jornalistas internacionais que deram um eco muitíssimo favorável.“ (Rui Neves)³

Resume-se assim que o festival, apesar das várias direções, integra-se na programação cultural da Fundação Gulbenkian, com uma identidade de “Ser um retrato fiel do presente”⁴.

“A identidade do Jazz em Agosto é ser um retrato fiel do presente. Não é vanguarda, não faz sentido falar de vanguarda, é o presente”⁵.

Ao longo das várias décadas, o festival, acompanhou continuamente o panorama de jazz, com o objectivo de apresentar figuras importantes do jazz contemporâneo, inovador e de prestígio.

Por outro lado, devemos referenciar que a sobrevivência do festival deve-se também à fidelização do público, incluindo a presença de alguns estrangeiros.

“Em termos de público regular do Jazz em Agosto temos cumprido uma boa ocupação dos espaços disponíveis, o anfiteatro ao ar livre com 900 lugares e o auditório 2 com 300 lugares, fazendo com que alcancemos um total de perto de cinco mil pessoas que assistem aos nossos concertos, alguns dos quais esgotam. Não é o jazz contemporâneo inovador uma expressão de massas, mas, apesar disso, conseguimos suscitar curiosidade bastante e, mais importante, a vontade de regressar. O nosso público é classe média e superior, dos 30 aos 50/60 anos, profissões liberais, artistas, estudantes e, também, em número significativo, um

³ . Rua de Baixo. *Jazz em Agosto @ Gulbenkian*. Acedido em 30 de Outubro de 2015 em <http://www.ruadebaixo.com/jazz-em-agosto-gulbenkian.html>

⁴ . Gulbenkian Música. *Recortes de Imprensa*. Acedido em 30 de Outubro de 2015 em http://www.musica.gulbenkian.pt/cgi-bin/wnp_db_dynamic_record.pl?dn=db_musica_press&sn=all&orn=1451

⁵ . Gulbenkian Música. *Recortes de Imprensa*. Acedido em 30 de Outubro de 2015 em http://www.musica.gulbenkian.pt/cgi-bin/wnp_db_dynamic_record.pl?dn=db_musica_press&sn=all&orn=1451

público internacional que é turista em Lisboa em Agosto, habituado, por certo, a frequentar concertos do mesmo tipo nos seus países de origem. O nosso público sabe ao que vem, curioso e aberto, tanto mais que a nossa informação prévia é bastante completa no nosso site, por exemplo, emitindo podcasts específicos sobre cada concerto”, elucidada”⁶.

Programação Jazz em Agosto

1984

Direção: Luís Hilário

Programação: 4 concertos gratuitos.

1985

Direção: Rui Neves

Programação: 6 concertos.

1986

Direção: Rui Neves

Programação: 8 concertos .

1987

Direção: Rui Neves

Programação: 8 concertos.

1988

Direção: Rui Neves

Programação: 9 concertos.

1989

Direção: Rui Neves

Programação: 8 concertos.

⁶ . Rua de Baixo. *Jazz em Agosto @ Gulbenkian*. Acedido em 30 de Outubro de 2015 em <http://www.ruadebaixo.com/jazz-em-agosto-gulbenkian.html>

1990

Direção: Rui Neves

Programação: 8 concertos.

1991

Direção: Cartas Brancas - ACARTE

Programação: 4 concertos.

1991

Direção: Cartas Brancas - ACARTE

Programação: 4 concertos.

1992

Direção: Cartas Brancas - ACARTE

Programação: 4 concertos.

1993

Direção: Cartas Brancas - ACARTE

Programação: 4 concertos.

1994

Direção: José Eduardo

Programação: 6 concertos.

1995

Direção: Hot Clube

Programação: 7 concertos.

1996

Direção: Hot Clube

Programação: 7 concertos.

1997

Direção: Hot Clube

Programação: Concertos,

workshops e conferência.

1998

Direção: Hot Clube

Programação: 8 concertos.

1999

Direção: Hot Clube

Programação: 8 concertos

Tema: Jazz in America / Jazzin Europe.

2000

Direção: Rui Neves

Programação: 8 concertos.

2001

Direção: Rui Neves

Programação: 8 concertos

Tema: Jazz in America / Jazzin Europe.

2002

Direção: Rui Neves

Programação: Concertos, conferências, workshops e lançamento de um livro.

2003

Direção: Rui Neves

Programação: 8 concertos e uma exposição de fotografia.

2004

Direção: Rui Neves

Programação: 12 concertos

Tema: Jazz in America / Jazzin Europe.

2005

Direção: Rui Neves

Programação: 17 concertos.

2006

Direção: Rui Neves

Programação: 16 concertos

1 conferência.

2007

Direção: Rui Neves

Programação: 11 concertos

2 palestras e 2 documentários.

2008

Direção: Rui Neves

Programação: 10 concertos

3 filmes.

2009

Direção: Rui Neves

Programação: 10 concertos

2 filmes documentais.

2010

Direção: Rui Neves

Programação: 10 concertos, 2 filmes e 1 conferência.

2011

Direção: Rui Neves

Programação: 3 concertos no Teatro do Bairro, documentários e conferências.

2012

Direção: Rui Neves

Programação: 3 concertos no Teatro do Bairro, documentários e conferências.

2013

Direção: Rui Neves

Programação: 10 concertos no anfiteatro, 9 sessões de cinema no Centro de Arte Moderna da Gulbenkian e a edição do livro "Partidas/Chegadas - Novos Horizontes no Jazz".

2014

Direção: Rui Neves

Programação: 10 concertos no Anfiteatro ao ar livre e 7 sessões de filmes documentais.

2015

Direção: Rui Neves

Programação: 8 concertos.

PARTE II

BREVE INTRODUÇÃO À COMUNICAÇÃO VISUAL

4. BREVE ENQUADRAMENTO DA HISTÓRIA DA COMUNICAÇÃO VISUAL EM PORTUGAL

4.1 Breve enquadramento histórico e social

Primeiramente devemos introduzir que a comunicação é uma forma de transmitir uma mensagem, ideia ou pensamento, que de um modo geral enquadra-se num processo evolutivo.

Desde sempre, o indivíduo recorreu ao uso de diversos códigos para conseguir comunicar, tais como escrita, imagens, gestos e sons, que se encontram relacionados com o conhecimento e desenvolvimento do ser humano e com a capacidade do indivíduo de emitir ou receber mensagens.

Desde sempre o ser humano criou as suas próprias imagens, pinturas (pinturas rupestres), rabiscos ou desenhos, como instrumentos de comunicação, com o intuito de conceber um método de linguagem não-verbal, através de um código de simbologia, que recorre a figuras ou símbolos, tornando assim possível a propagação de pensamentos, experiências e conhecimentos.

A comunicação ou os atos comunicativos, praticados pelos indivíduos, são estabelecidos por meio de signos, e é através desses signos, que se concede a transmissão de ideias. Numa primeira abordagem, podemos afirmar que os signos projetam tudo aquilo que está na mente do indivíduo. Os signos representam algo, ou seja, representam o seu objeto, com referência a um tipo de ideia.

No conceito contemporâneo a comunicação visual surge como um meio de comunicação, que através da utilização de elementos visuais, como signos, fotografias, desenhos, pinturas ou vídeos, expressa para o exterior e para os outros, uma ideia ou um sentimento. A evolução da comunicação visual é demarcada de acordo com os diferentes períodos estéticos e artísticos, assim como pelos fatores sociais e políticos (sob influência da implantação da Primeira República, o Estado Novo, a revolução de 25 de Abril de 1974), factores culturais (influenciada pelo termo do gosto, da aceitação social ou da tradição), factores tecnológicos e económicos.

Durante o século XX, e na transição para o século XXI, a sociedade rodeou-se dos mais variados meios de comunicação que possibilitaram o contacto constante com a informação.

A invenção e a larga disponibilização de meios de comunicação como o rádio e a televisão proporcionaram a massificação da informação, e a versatilidade no seu consumo, tornando-se fácil a absorção da informação em qualquer lugar e a qualquer hora, sendo importante a disponibilidade cultural do consumidor para aceitar a inovação e a chegada futura da

globalização, que viria a interligar o mundo, permitindo dessa forma a integração entre economia, sociedade, cultura e política.

O panorama sociocultural e económico português, após as mudanças políticas vividas ao longo de várias décadas, já anteriormente aqui referidas, registou uma evolução muito significativa que originou um período de estabilidade política e de retoma económica, concebendo uma nova sociedade: Uma sociedade mais aberta e predisposta a romper com as fronteiras e a partilhar novas tendências. Uma sociedade alimentada pela evolução da comunicação de massas (rádio, televisão, cinema, entre outros), que diminui notavelmente a distância entre o país e o resto do Mundo, nomeadamente a Europa.

O fim das barreiras económicas, culturais e políticas instituídas pelo Estado Novo encandearam o desenvolvimento económico, a modernização dos meios de transportes e a multiplicação dos órgãos de comunicação de massa, que predispueram a aproximação de Portugal com os outros países.

Como referido por Fragoso (2010), O mundo industrializado e urbano vivia um período radioso e desfrutava as novas tecnologias com grande satisfação. A eletricidade, o telefone, o automóvel, o avião, a fotografia, o animatógrafo, a par de inúmeros avanços técnicos, proporcionavam novos hábitos e vivências a um mundo de motor capitalista.

Análogo a deu-se este progresso verificou-se um crescimento exponencial nas atividades culturais (música, arte, televisão, cinema, teatro, dança, entre outros) que constituíram um relevante desígnio na ampliação do acesso aos bens culturais, à distribuição e à compreensão da produção cultural.

O crescimento da indústria cultural, ao longo dos anos, fortaleceu a cidadania e a inclusão social, ao contribuir para a ampliação da oferta e do consumo de espetáculos culturais, assim como na criação de novos públicos e na formação de novos agentes culturais.

Atualmente o consumidor cultural tornou-se mais instruído, mais exigente e seletivo, mas também mais impaciente e intolerante nas suas expectativas, visto ter ao seu dispor uma enorme oferta de cultura e entretenimento, que pela diversidade vai ao encontro dos diferentes padrões de gosto e hábitos construídos ao longo da vida e das influencias ou relações de sociabilidade de cada um.

Tanto o gosto como os critérios de seleção variam de individuo para individuo e torna-se assim importante, refletirmos sobre essas escolhas, analisando alguns estudos científicos e psicológicos respeitantes a estas práticas.

4.2 O gosto e a aceitação social

Ao longo da história, tanto o gosto como a aceitação social têm sido padrões identificadores do enquadramento cultural. Conforme citado por Sequeira (2010), o gosto encontra-se dividido segundo duas intensões de compreensão:

- O gosto individual manifesta-se como uma afirmação pessoal das vivências de cada pessoa.
- O gosto colectivo manifesta-se como uma aceitação social, influente à moda ou contemporaneidade que reforça a posição na sociedade de cada pessoa.

Pierre Bourdieu, considerado um dos maiores sociólogos francêses no século XX, investiga a aquisição do capital simbólico e efetiva uma crítica social do julgamento do gosto.

Para Bourdieu (2007), o gosto e as práticas de cultura vão ao encontro de um conjunto de condições específicas de socialização. É através das experiências de vida que podemos compreender a composição do gosto ao ponto de diferenciar as pessoas e desenvolver mecanismos de distinção entre os grupos sociais. A variação do gosto, encontra-se relacionada com os segmentos sociais, onde as práticas culturais das pessoas estão profundamente marcadas pelas trajetórias sociais vividas e experienciadas.

Desde o século XVII até nossos dias, existem ideias contraditórias sobre o que é cultura, sobre a relação legítima com a cultura e com as obras de arte e, portanto, sobre as condições de aquisição dessa cultura. Para Bourdieu existem diferentes modos hierarquizados de aquisição da cultura ligados às classes de indivíduos, que se encontram associados à hierarquia social dos consumidores, como é afirmado por Risso (2008).

Sequeira (2010) afirma que Bourdieu defende que o gosto não é natural, mas sim naturalizado, e serve como meio de distinção de uma classe em relação à outra. O gosto não é inato, mas é o principal símbolo de poder e de identificação. É um código social capaz de identificar e diferenciar grupos sociais.

Deste modo, através do gosto, torna-se possível identificar hierarquias sociais, modos de consumo e formas de ser e estar socialmente. Bourdieu defende que tudo aquilo que apreciamos e selecionamos (música, gastronomia ou moda), faz parte de um tipo de organização social e da maneira como estamos inseridos nela. Tudo o que gostamos se deve às trajetórias sociais e às experiências vividas no passado que nos ajudaram a aceitar ou a rejeitar determinadas coisas.

O gosto é indicador dos diferentes estilos de vida e é um sinal que naturaliza as diferenças sociais, e que cria, nas mais diversas esferas, uma estrutura social e simbólica

que envolve a educação, a origem familiar, a atividade profissional, entre outros.

O desenvolvimento humano está vinculado às competências humanas que se encontram em constante evolução devido às crenças, valores, comportamentos, tendências e experiências vividas, que se relacionam à identidade de um indivíduo.

Comparativamente ao gosto, o desenvolvimento social é constituído pela esfera social e cultural que envolve as pessoas. Uma alteração de comportamento social ou modificação do gosto interliga-se a um conjunto de atitudes e pensamentos individuais que levam à aceitação social.

Fragoso (2010) afirma que para que se implante na sociedade, um gosto, este tem que ser aceite através de um processo dialético de rejeição e de adopção, ou seja, a rejeição e a adopção estão interligadas com a psicologia social, que estuda os comportamentos das pessoas, as atitudes e a relação com os outros, frente aos estímulos sociais, que levam à exclusão ou inclusão de demarcação de grupos ou estratos da população, sendo perceptíveis ao nível dos valores sociais.

As tendências são o fenómeno principal para a alteração do gosto e estão sujeitas às mudanças vertiginosas na inovação tecnológica e do atual ambiente cultural social. Novos hábitos, novos costumes sociais levam o gosto a refletir-se no quotidiano e a apoderar-se das formas evidentes da aceitação social.

Sociedades com melhor nível de vida são representadas, de uma forma geral, por cidadãos mais instruídos, viajados, exigentes e predispostos à modernidade, devido aos progressos fomentados na cidadania. No entanto é também importante salientar que o consumidor de algumas décadas atrás é diferente do consumidor atual e que segundo Curvelo (2009) o termo do gosto, abrange um conjunto variado de experiências com tendência a progredirem para a modernidade. Verifica-se assim que nos tempos de hoje os comportamentos alteram-se: o visitante ou o espectador passivos de ontem dão lugar a um consumidor cultural ativo e participante “que salta da assistência para o palco” (Bernstein, 2007: 250), que muda de gostos a cada instante, que oscila entre a arte e o puro entretenimento, ora porque lhe apetece pensar e refletir, ora porque simplesmente se quer evadir durante umas horas, sem grande esforço, procurando a emoção fácil e imediata.

Devido à extensa oferta que nos é apresentada, a todo o momento encontrarmo-nos envolvidos num processo de escolha e são vários os motivos que influenciam o nosso poder de decisão, que normalmente são fundamentados nos fatores económicos, culturais, sociais, familiares e outros. Uma vez que as escolhas que fazemos são naturalizadas e unificadas a critérios sociais, persuadimos com esse entendimento que o consumo cultural é análogo a este critério e que também se encontra profundamente relacionado com a hierarquização social.

Os padrões de gostos, os estilos de vida e os hábitos culturais variam de acordo com as

diversas classes sociais, ou seja, diversas hierarquias culturais correspondem a gostos culturais distintos. No entanto, o vasto consumo cultural proporciona algumas alterações do gosto devido às experiências vividas momentaneamente e à disponibilidade do consumidor em absorver novos interesses contemporâneos.

Neste sentido torna-se interessante o estudo realizado, no capítulo anterior, sobre a evolução do Jazz em Portugal, uma vez que o Jazz sobreviveu, durante anos, ao regime ditatorial que se posicionou adverso à presença do Jazz na sociedade. Os divulgadores e defensores do Jazz foram assim responsáveis para abrir o caminho para o conhecimento e divulgação do estilo musical, importantes na consolidação do gosto e também na criação de novos públicos, que valorizam e apreciam o Jazz.

Será importante referir, nesta fase, que os hábitos e as experiências vividas pelos indivíduos muitas vezes são sujeitas a variadas influencias.

PARTE II

BREVE INTRODUÇÃO AO MARKETING DA CULTURA

5. BREVE INTRODUÇÃO AO MARKETING DA CULTURA

5.1. Breve introdução ao Marketing da Cultura

Para Alarcão (2014), O conceito de marketing tem-se vindo a alterar ao longo do tempo. Numa primeira fase, viveu-se a era do enfoque no produto. Impulsionadas pela revolução industrial, as empresas tinham como objectivo vender produtos bastante básicos e estandardizados a todos aqueles que os pudessem comprar. O mercado era visto como um conjunto de compradores com necessidades físicas, a quem teria de ser oferecido um produto funcional, através de uma transação de um para muitos. Não havia, à época, grande preocupação em compreender os gostos e necessidades dos consumidores.

À medida que a indústria e as tecnologias avançam o consumidor começa a ter um poder de decisão mais exigente e a valorizar mais o produto. As empresas começam a conquistar novos mercados, sendo necessário diferenciarem-se da concorrência, assim como criar estratégias para satisfazer e chamar a atenção do consumidor.

A par desta evolução, as organizações culturais também começam a sentir a necessidade de se inserirem na sociedade e a diferenciarem-se da concorrência, tornando-se importante o desenvolvimento de estratégias para agradar o público e criar assíduos visitantes.

É sobre estas preocupações de chamar a atenção do consumidor e de agradar o público que devemos analisar a importância do marketing. No entanto, torna-se também importante compreender o papel do marketing na cultura, sendo pertinente, numa primeira abordagem, colocar algumas questões que ajudaram a delinear melhor a definição do marketing, marketing da cultura, e cultura.

- O que é a cultura?
- O que é o Marketing?
- O que diferencia o Marketing tradicional do Marketing da Cultura?
- O Marketing é importante na comunicação de um evento e na cativação de públicos?
- Os meios de comunicação são importantes na divulgação de um evento?

5.1.2. Conceitos básicos de cultura

O que é a cultura?

“A cultura é para mim o modo singular de um povo exercer sua humanidade”. (Darcy Ribeiro)

A definição de cultura, devido às diversas áreas de estudo, é caracterizada como uma variadíssima gama de conceitos e significados. A cultura pode estar relacionada com um conjunto de costumes, herança cultural, ou até um conjunto de ações que condicionam positivamente ou negativamente a integração do indivíduo na comunidade ao ponto de vincular valores e saber.

Reichelt (2013), demonstra através de muylaert (1993) que a cultura está relacionada ao modo de vida de determinada sociedade, compreendendo extensas e complexas características e comportamentos.

O termo cultura, de acordo com as afirmações de MUYLAERT (2000, p. 19) define o modo de vida de um povo, uma estrutura social no campo das ideias, crenças, costumes, artes, linguagem, moral e direito, leis que segundo ele traduzem ações, sentimentos e pensamentos de um povo.

Outros estudos afirmam que a cultura é um processo de desenvolvimento e dignificação das faculdades humanas (Silva, et al.). Segundo Thompson citado por Neto (2005, p.17), existem três definições para cultura moderna, sendo elas: Clássica: “cultura é o processo de desenvolvimento e enobrecimento das faculdades humanas. Um processo facilitado pela assimilação de trabalhos académicos e artísticos e ligado ao carácter progressista da era moderna”. Antropológico-descritiva: “cultura ou civilização tomada em seu sentido etnográfico amplo, é aquele todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e todas as demais capacidades e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade”. Antropológico-simbólica: “cultura é o padrão de significados incorporados nas formas simbólicas. Inclui ações, manifestações verbais e objetos significativos de vários tipos, em virtude dos quais os indivíduos comunicam-se entre si e partilham suas experiências, concepções e crenças.”

5.1.3. Breve definição do Marketing da Cultura

O que é o Marketing?

Com a evolução da economia e com o crescimento dos bens de consumo, muitos deles derivados da excessiva produtividade, aumentou-se também a necessidade de escoar os produtos. Em consequência desta evolução, surgem novos conceitos de mercado e vendas, onde se verifica a importância de se recorrer a meios de publicidade e divulgação para aumentar as vendas.

Ao falarmos de marketing destaca-se de imediato uma ideia pré-definida como sendo uma ferramenta usada para atrair o público-alvo, vender ou aumentar as vendas. No entanto o marketing é bastante complexo e vai mais além desta essência, sendo assim importante referenciar algumas definições:

A organização American Marketing Association (AMA), considerada por muitos profissionais como o órgão que estabelece as práticas e a educação relacionados ao marketing, afirma que: “Marketing is the activity, set of institutions, and processes for creating, communicating, delivering, and exchanging offerings that have value for customers, clients, partners, and society at large”, ou seja, o marketing gera valor para os consumidores, clientes, parceiros e para a sociedade em geral.

Para Colbert (2003), na década 1950, o marketing iniciou-se com o objetivo de se focar principalmente no consumidor, mostrando que um produto é bem vendido se for bem promovido.

Em 1948, pela primeira vez, James Culliton usou o termo “ marketing mix “ para descrever a combinação de elementos-chave utilizados nas estratégias de marketing no mercado-alvo. Em 1960, McCarthy reorganiza esses elementos e cria os 4 P’s de marketing, também conhecidos como Composto de Marketing ou Marketing Mix: Produto, Preço, Distribuição e Promoção.

Segundo Kotler (2000), o marketing é também um processo social, no qual indivíduos ou grupos obtêm o que necessitam e desejam através da criação, oferta e troca de produtos de valor com os outros, de forma a preservar o aumento do bem estar do consumidor e da sociedade. O objetivo maior do marketing é a identificação e satisfação das necessidades e desejos do cliente.

Colbert (2003), o marketing ao longo dos anos atinge um nível avançado e os especialistas passam a dedicar a sua aplicação em vários setores económicos: pequenas e médias empresas, instituições hospitalares, empresas de serviços, organizações sem fins lucrativos e indústrias.

Na segunda metade da década de 1970 e 1980, o marketing expandiu-se no setor de serviços, incluindo os serviços culturais e científicos. Este período marcou a viragem para o início da comercialização filantrópica e as primeiras intenções de integrar os conceitos de marketing no sector cultural.

O que é o Marketing da Cultura?

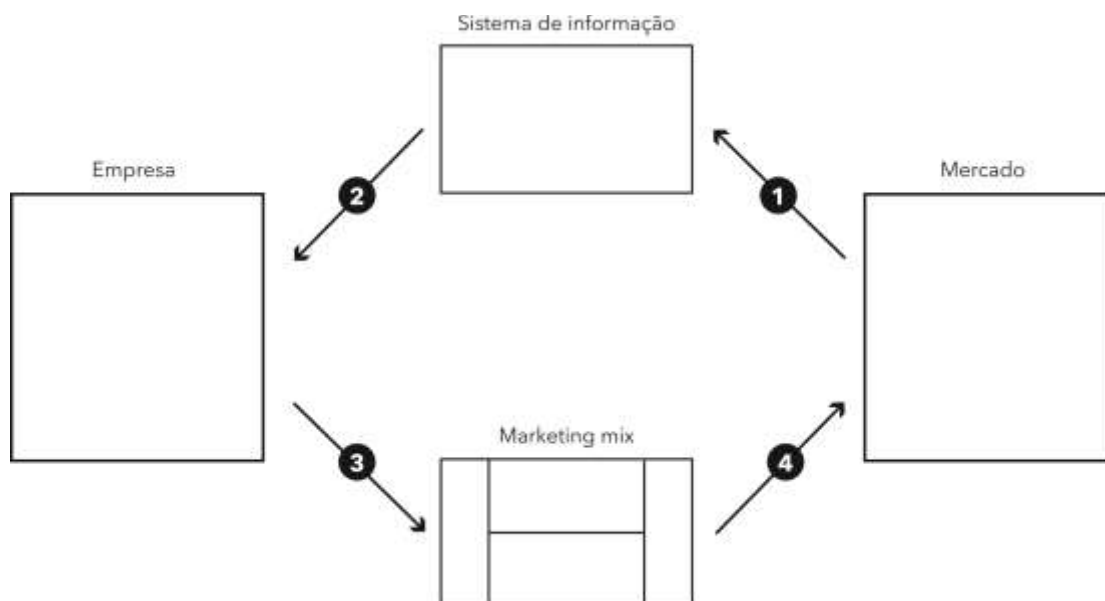
O marketing da cultura é neste contexto, considerado como uma ferramenta de comunicação e de captação de públicos, com o objectivo de criar valor, conhecer e atingir o público-alvo, galgando o despertar do desejo para a necessidade de fidelizar o público e garantir o seu regresso.

As entidades culturais, tais como as instituições, museus, salas de concertos, bibliotecas ou universidades, exercem um papel importante na sociedade tanto nas ações de difusão de bens culturais, produtos ou atividades à volta de um ato artístico, como através do acompanhamento das mudanças de hábitos e conceitos que proporcionam o enriquecimento da opinião pública.

Devido à extensa oferta cultural, as entidades culturais, ao longo dos anos, começaram a perceber a necessidade de se diferenciarem e de se destacarem dos seus concorrentes, tanto para atrair a atenção do público como na captação de recursos financeiros para os projetos culturais. Deste modo, o marketing é levado em consideração e é adaptado aos objetivos de cada entidade, sendo essencial o recurso às estratégias de marketing para as instituições que se procuram afirmar pela dimensão da marca da instituição, através da sua programação cultural.

Tendo em conta que um dos objetivos do Marketing da Cultura é atingir e comunicar com o público, quais são as grandes diferenças para o Marketing tradicional?

O marketing tradicional relata a realidade das empresas comerciais e industriais, ligadas ao mercado, que procura alcançar e satisfazer as necessidades dos consumidores, recorrendo aos métodos do marketing mix (produto, preço, distribuição e promoção) com objetivo de criar o efeito desejado no consumidor.



IFigura 1 - Modelo tradicional de marketing.

De acordo com Diggles, o principal objetivo do marketing nas artes é distribuir ou difundir uma obra e gerar o máximo benefício possível, isto é, o objetivo final do marketing aplicado às artes é artístico, e não financeiro, ao contrário do que se verifica no sector comercial.

Mokwa cita que “o marketing não diz a um artista como criar uma obra de arte, em vez disso, o papel do marketing é encaixar as criações e interpretações do artista com uma audiência apropriada.”

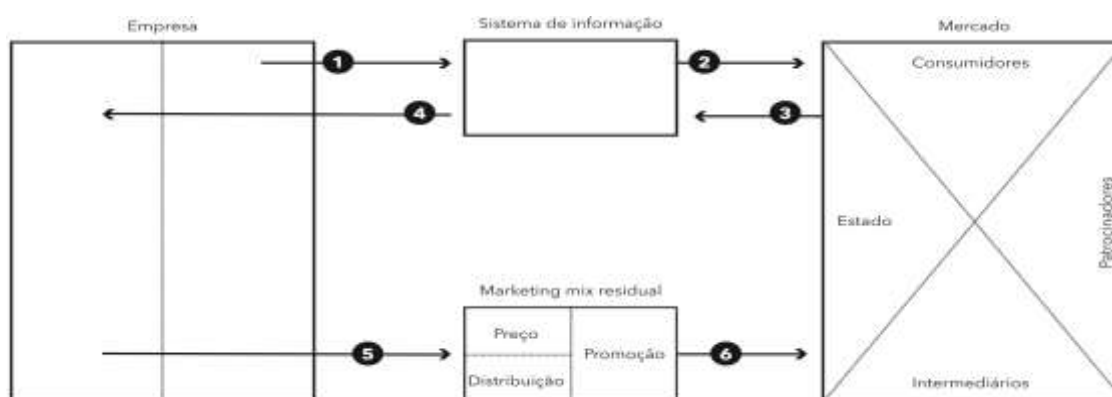


Figura 2 - Modelo tradicional para as organizações culturais. Fonte: (Colbert et al, 2003)

Segundo Colbert (2003), na área do marketing da cultura “a estrela não é o cliente e sim o artista”, sendo função do marketer “tornar o projeto do artista uma realidade visível no mercado”. O protagonismo do artista remete assim as necessidades do consumidor para segundo plano: há que encontrar um público para uma obra específica, e não meramente um produto que satisfaça as necessidades do cliente e, assim, atingir os objetivos de acordo com a missão da organização cultural.

Em síntese, procurar mais e novos públicos requiere por vezes criar novas estratégias de marketing ou de comunicação, utilizar a inovação ou gerar uma boa imagem de marca para o exterior. No entanto, deverá ter-se em conta que as estratégias definidas deverão ser sempre analisadas e nunca generalizadas. Cada artista, evento ou espetáculo tem as suas especificidades e os seus públicos, sendo assim importante conhecer bem o público-alvo ou o mercado-alvo. Qualquer que seja a estratégia de promoção utilizada, os promotores culturais, deverão ter em conta a qualidade, a diversidade e a criatividade, assim como a utilização dos melhores meios de divulgação e distribuição: jornais, revistas, televisão, rádio, websites, entre outros.

Para concluir, é também importante reforçar que a conquista e a fidelização dos públicos devem-se à comunicação e à imagem retratada que deverá ser sempre objetiva e que nunca deverá iludir as expectativas do visitante na promessa de se oferecer algo que não é exequível.

5.2. Marketing Mix

Como referido anteriormente as ferramentas do marketing mix são utilizadas pelas organizações com o objetivo de obter respostas do seu mercado-alvo e são compostas pelos 4 P's de marketing: Produto, Preço, Distribuição e Promoção.

De acordo com a afirmação de Nogueira, a escolha do mercado-alvo afecta o mix. Por isso mesmo, Kotler (1999) sugere que o mix se deve adaptar ao mercado. Para Kotler (1999) a teoria dos 4P's é orientada para as vendas ou para um mix de vendedor, sugerindo que esta deve ser substituída pela teoria dos 4C's, mais orientada para o cliente ou para uma estratégia de marketing.

Produto:

O Produto é o ponto de partida para qualquer organização ou empresa.

No marketing da cultura o produto encontra-se especialmente direcionado a componentes criativas de bens tangíveis, ou seja, serviços, causas e ideias, como performances, exposições, livros, eventos, entre outros.

Preço:

Todos os produtos têm um valor monetário atribuído para o consumidor. No entanto, o preço também inclui todo o esforço que o consumidor deposita na compra desse produto. Assim podemos considerar que um produto terá sempre um preço atribuído mesmo que esse seja grátis.

Distribuição:

A distribuição é caracterizada por vários elementos, entre eles, a distribuição física, os canais de distribuição e os pontos de venda.

A promoção no marketing da cultura está especialmente direcionada para as campanhas de divulgação do projeto, através de publicidade e promoção. Atualmente as organizações encontram-se cada vez mais interessadas em acompanhar as tendências do mercado e as novas tecnologias, com o intuito de comunicar com o público-alvo de forma eficaz e eficiente.

Em resumo, é fundamental referir que o êxito de qualquer estratégia de marketing dependerá do equilíbrio das componentes que o constituem e que deverão ser praticadas de forma coerente e de máxima eficácia. Tal como acontece com o sector comercial, os comerciantes devem primeiro que tudo conhecer o produto que pretendem vender antes de definir o preço e de o distribuir. Da mesma forma, deve ser considerado primeiramente o conhecimento prévio do produto, preço e pontos de venda, antes de se realizar uma campanha promocional.

5.3. Posicionamento de Marketing

No marketing, o posicionamento é uma ação que fortalece a imagem de uma organização ou a identidade de um produto ou marca, com o objetivo de ocupar uma posição distinta no seu público-alvo e de se diferenciar dos produtos similares e concorrentes.

O posicionamento pode ser obtido a partir da seguinte fórmula:

Segmentação + Diferenciação = Posicionamento.

Resumidamente, torna-se fundamental conhecer bem o público-alvo ou o mercado e dividi-los em segmentos que ajudarão a selecionar os interesses dos consumidores. No entanto, as estratégias adotadas pela ação do posicionamento devem ser diferenciadoras nas ofertas e importantes para o público-alvo, devem também saber comunicar e informar de forma simples e direta e assegurar uma eficaz distribuição.

Nos projetos culturais a segmentação também é fundamental, pois é através da pesquisa do público-alvo que será possível perceber a cultura local e traçar o perfil das pessoas que poderão manifestar interesse pelo projeto. Assim ressalta-se a importância do projeto cultural como vantagem competitiva. Costa (2004, p.23) fala que o patrocínio cultural, a associação de projetos culturais de interesse social, com marcas fortes é vantajoso para ambos os lados, tanto para a empresa patrocinadora, pois funciona como diferencial competitivo, quanto para o proponente do projeto ou produtor cultural que se beneficia nessa associação, não só pela viabilidade, como também pela credibilidade que o projeto passa a ter.

De forma a compreendermos melhor como é que o Marketing pode posicionar os interesses do consumidor e delinear o perfil do seu público, os esquemas que se seguem, são fundamentais nessa compreensão. A figura x mostra-nos um mapa que representa o posicionamento dos benefícios que o consumidor procura nos produtos culturais, enquanto que a figura x revela o posicionamento dos produtos culturais em função à classificação dos benefícios procurados pelo consumidor.



Figura 3 - Posicionamento de benefícios para os produtos culturais

Fonte: (Colbert et al, 2003), *“Posicionamiento de los principales beneficios buscados por los consumidores en los productos culturales”*.



Figura 4 - Posicionamento dos produtos culturais em função aos benefícios.

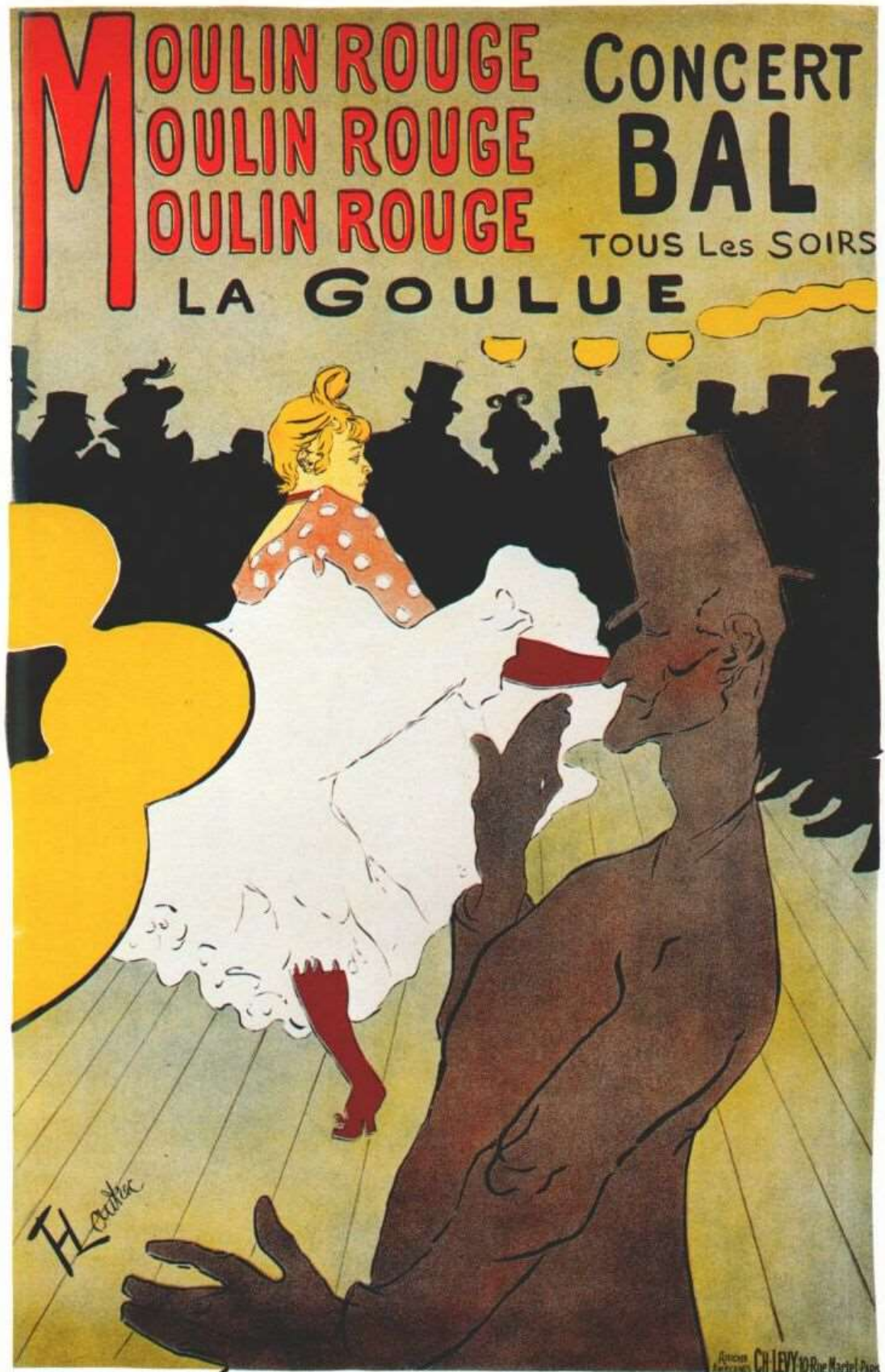
Fonte: (Colbert et al, 2003), “*Posicionamiento de los 16 productos culturales en función de los principales beneficios buscados por los consumidores*”.

Como podemos observar, os principais benefícios são divididos em quatro grandes categorias ao longo de dois eixos, ou seja quatro segmentos com base nos interesses desejados. O eixo horizontal expõe os benefícios que vão do entretenimento e fuga ao expandir do conhecimento cultural, passando pelo enriquecimento e prestígio. O eixo vertical delinea os benefícios relaxantes aos excitantes.

Uma vez que as ações do Marketing analisam os diferentes perfis de públicos, torna-se importante criar esta separação de interesses de forma a posicionar corretamente as atividades mediante o caráter do consumidor. Os produtos culturais muitas das vezes são de finalidades distintas, uns mais emocionais, outros mais irreverentes e nem todos os consumidores se encontram predispostos às mesmas sensações. Existem consumidores que procuram atividades descontraídas e outros que procuram emoções e entretenimento, no entanto é importante também perceber que as escolhas dos consumidores podem ser influenciadas pelo momento e que este pode procurar um benefício particular para uma determinada situação. Em síntese, estes exemplos mostram que as estratégias de posicionamento são o resultado da compreensão das características e interesses dos consumidores, assim como os benefícios que se podem requerer de determinada atividade.

PARTE II

O CARTAZ



Cartaz Moulin Rouge, La Goulue, Toulouse-Lautrec, 1891

6. O CARTAZ

6.1. A história do cartaz e a importância de comunicar sobre o cartaz

Entre 1760 a 1860, principalmente em Inglaterra, deu-se a revolução Industrial que veio transpor a transição de métodos de produção artesanais para novos processos de produção, originando a produção acelerada, em série, dando assim início à era do capitalismo industrial.

Com o desenvolvimento da indústria deparamo-nos com transformações a nível da tecnologia, economia, política e social. A crescente produção e o capitalismo concorrencial desafiaram o aumento das necessidades, provocando dessa forma a entrada da sociedade no consumo de massas. Sob efeito do crescimento económico e, em consequência, do consumismo, após algum tempo, a publicidade começa a ganhar força com o intuito de dar vida aos produtos que necessitavam de ser vistos e adquiridos. O cartaz surge assim como um potencial meio para dar resposta a estas situações, além desta necessidade, o cartaz foi também utilizado na política, como meio de divulgação da propaganda política com a função de refletir o partido político, que de acordo com a afirmação de Santos (2006), o cartaz assumia um papel pedagógico, melhorando a consciência política do povo.

Contudo, para melhor compreendermos a evolução do cartaz e as suas principais funções é relevante contextualizar o surgimento dos primeiros cartazes e a sua evolução. Os cartazes mais primordiais foram desenvolvidos através de xilogravuras, uma espécie de carimbo, utilizado através de uma técnica de gravura na qual era utilizada madeira como matriz, que possibilitava a reprodução da imagem gravada sobre o papel ou outros suportes. Porém, o primeiro cartaz conhecido, surge durante o período Renascentista, em 1454, por Saint-Flour, feito em manuscrito e sem imagens.

No entanto, já no final do século XIX, o cartaz deixa de ser constituído só por texto, e passa a combinar textos e ilustrações. Surge precisamente nessa época, em 1860, em Paris, o período pináculo do cartaz, concebido por Jules Cherét através do sistema de impressão a cores, que veio a revolucionar as formas artísticas de representação.

A partir de 1880 o cartaz atinge o seu auge na medida em que os artistas Pierre Bonnard, Jules Chéret e Toulouse-Lautrec, viriam a adotar este tipo de suporte de comunicação para anunciar as novidades dos cabarés parisienses, com destaque para o Moulin Rouge, tornando-se assim precursores da arte publicitária.

Toulouse-Lautrec, conhecido por pintar a vida boémia e o submundo parisiense, foi impulsionador e influenciador da arte publicitária, na medida em que se tornou autor de centenas de cartazes de divulgação de espetáculos de cabaré, reproduzidos através da técnica

da litografia.

A litografia, na época, era vista como um meio de criação, sendo muitas vezes usada como formas de expressão artística e usada nas ilustrações dos livros.

A litografia recorria à uma superfície de pedra, desenhada com instrumentos como tuche, lápis e crayons litográficos à base de gordura aplicada sobre a superfície da matriz. No final do século dá-se o auge da atividade litográfica com o surgimento da litografia colorida, que marca o progresso e a difusão dos cartazes impressos, que permitiu tiragens em grandes formatos.

A criação dos cartazes surge assim pela representação artística e necessidade de comunicar com a sociedade, passando a pertencer à vida das pessoas, devido ao seu teor artístico, com desenhos atrativos e bastante explícitos e à facilidade em transmitir mensagens através da conjugação dos desenhos e das letras.

É também importante contextualizar que por volta de 1800, vários inventores começaram a interessar-se por captar imagens sem que fosse necessário recorrer à pintura. Joseph Niepce em 1793, foi o primeiro a conseguir “imprimir” a luz numa superfície sem recurso a qualquer tipo de tinta, no entanto as imagens eram pouco duradouras e desapareciam após algum tempo. Ao longo de vários anos as técnicas de captar imagens reais foram estudadas e evoluíram. Em meados do século XIX, através de Niépce e Daguerre, dá-se o aparecimento da fotografia e com ela o aparecimento de novos meios de informação e comunicação.

O cartaz acompanhou a sociedade e tornou-se num meio de comunicação e de divulgação presente na cultura visual da sociedade, que através do uso de fotografias, ilustrações, símbolos e textos, possui a capacidade de atrair o público.

“The Poster is one of the oldest mass communication mediums of printed culture in public places (...) posters became a part of the city architecture. Even if digital media, such as television overshadow posters, they are still an effective médium with several advantages; relatively inexpensive, uncomplicated, easily distributable and displayable”.⁷⁷

[Linda Rampell in “111 posters by Gabor Polotai” by Gabor Polotai].]

⁷⁷ O poster é uma das mais antigas formas de comunicação de imprensa para locais públicos (...) os posters tornaram-se parte da arquitetura da cidade. Mesmo nos meios digitais, como poster de televisão “escondidos”, os posters são um meio eficaz com várias vantagens: relativamente baratos, pouco complicados, fácil de distribuir e de exibir. (tradução livre)



título

Cascais Jazz 87

autor

Carmo, Garizo do

edição

[Lisboa : s.n.], 1987

dimensões

66 x 48 cm.

Texto do cartaz: 17º Cascais Jazz, Parque de Palmela, sábado 25 Julho 21.30h., domingo 26 Julho 17.00h. Portugal, Câmara Municipal de Cascais Direcção Geral da Acção Cultural, Direcção Geral do Turismo, Junta de Turismo da Costa do Estoril.

URL

<http://sinbad.ua.pt/cartazes/CEJ-JD-CT-III-37>



título

1ª Festa do Jazz no São Luiz

edição

Lisboa : Câmara Municipal, 2003

dimensões

99 x 68 cm.

Texto do cartaz: Junho, 7 e 8, entre as 12.00h e a 01.00h. Temporada 2002/2003 - Sala Principal, Jardim de Inverno, Sala de Ensaios e Café dos Teatros. Identificação dos Grupos musicais que irão actuar e das Escolas de Música que irão participar.

URL

<http://sinbad.ua.pt/cartazes/CEJ-JD-CT-III-37>



título

Jazz 95 : 5º Festival de Jazz Europeu do Porto

autor

Machado, João

edição

Porto : Câmara Municipal, 1995

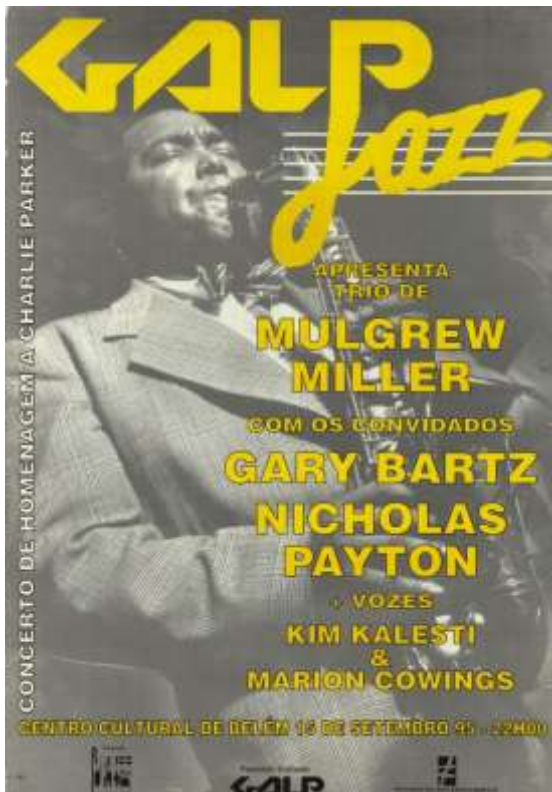
dimensões

98 x 60 cm.

Texto do cartaz: 24 a 27 de Maio de 1995,
Auditório Nacional Carlos Alberto.

URL

<http://sinbad.ua.pt/cartazes/CEJ-JD-CT-III-50>



título

Galp Jazz apresenta Trio de Mulgrew Miller

edição

[Lisboa] : Projazz, 1995

dimensões

98 x 68 cm.

Texto do cartaz: Concerto de homenagem a
Charlie Parker. Convidados Gary Bartz, Nicholas
Payton + Vozes Kim Kalesti & Marion Cowings.
Centro Cultural de Belém, 15 de Setembro 95 -
22.00h

URL

<http://sinbad.ua.pt/cartazes/CEJ-JD-CT-III-42>



título

Guimarães Jazz

edição

Guimarães : Câmara Municipal, 2002

dimensões

98 x 58 cm.

Texto do cartaz: 14 a 23 de Nov'2002, Auditório da Universidade do Minho. Convívio - Associação Cultural e Recreativa. Programação detalhada dos concertos, com identificação dos respectivos músicos/intérpretes e datas de actuação.

URL

<http://sinbad.ua.pt/cartazes/CEJ-JD-CT-III-12>



título

Estoril Jazz : XV Jazz num dia de Verão 96 Portugal

edição

Estoril : Projazz, 1996

dimensões

98 x 68 cm.

Texto do cartaz: Centro Cultural de Belém, 3 a 6,10 e 13/Julho - Teatro Auditório Casino Estoril, 11 e 12/Julho. Programação detalhada dos concertos, com identificação dos músicos/participantes.

URL

<http://sinbad.ua.pt/cartazes/CEJ-JD-CT-III-6>



título

Matosinhos em Jazz

edição

Matosinhos: Câmara Municipal, 2000

dimensões

50 x 36 cm.

Texto do cartaz: 24 a 28 de Maio de 2000.

Programação detalhada de todos os concertos, respetivos intérpretes, locais e datas de actuação.

URL

<http://sinbad.ua.pt/cartazes/CEJ-JD-CT-I-67>



título

Bragajazz 2002

edição

Braga : Câmara Municipal, 2002

dimensões

68 x 48 cm.

Texto do cartaz: Março 14, 15, 16, Auditório do Parque de Exposições de Braga. Programação detalhada dos concertos, com identificação dos respectivos músicos/intérpretes e datas de actuação.

URL

<http://sinbad.ua.pt/cartazes/CEJ-JD-CT-II-102>



título

Jazz ao Centro : Encontros Internacionais de Jazz de Coimbra, 2003

autor

Garrido, Rui

edição

Coimbra : Câmara Municipal, 2003

dimensões

65 x 45 cm.

Texto do cartaz: Joe McPhee/Dominic Duval/Jay Rosen's Trio X + Steve Swell, 30 Novembro 2002, Centro Norton de Matos, 21.20 h



título

Jazz em Agosto 85

edição

[Lisboa : s.n.], 1985

dimensões

68 x 38cm.

Texto do cartaz: Lisboa, 1.7.14.21.28 Agosto 21.30 horas, Centro de Arte Moderna. Fundação Calouste Gulbenkian, Anfiteatro de Ar livre. Serviço de Animação, Criação Artística e Educação pela Arte

URL

<http://sinbad.ua.pt/cartazes/CEJ-JD-CT-II-58>



título

Guimarães Jazz

edição

Guimarães : Câmara Municipal, 2012

URL

<http://jazza-memuito.blogs.sapo.pt/607842.html>



título

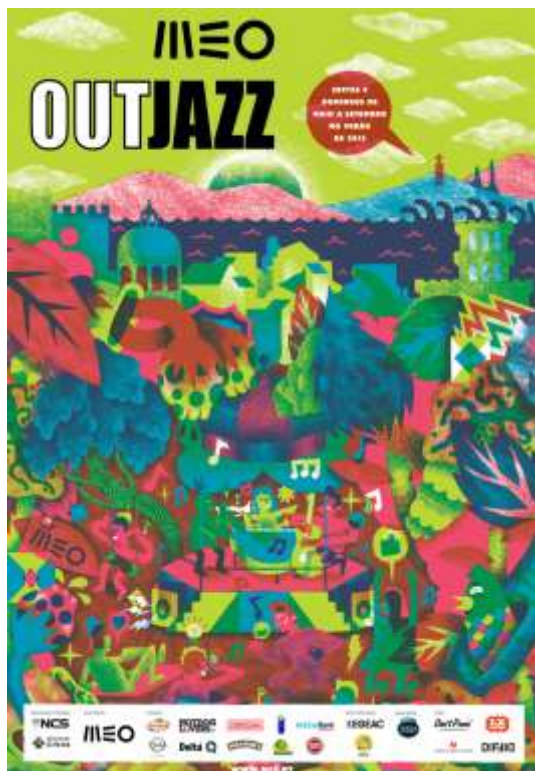
Funchal Jazz

edição

Funchal Município, 2014

URL

<http://www.funchaljazzfestival.org/>



título

Meo Out Jazz

edição

Lisboa, 2013

URL

<http://www.ncs.pt/outjazz.php>

São vários os fins pelo quais se recorre ao uso do cartaz, a sua utilização tanto pode ser para usos publicitários (divulgação de um produto), como para fins artísticos, educacionais ou políticos. Apesar da comunicação visual possuir infinitos estilos, que vagueiam entre as representações complexas até às mais minimalistas, a mensagem informativa do cartaz deverá ser apresentada de forma clara e instantânea, utilizando grafismos simples e apoiando-se em textos breves, com a capacidade de suscitar a recolha de informação num curto tempo. O espetador apenas prestará a devida atenção de forma a captar a informação transmitida se este for atrativo e apelativo.

Na generalidade o cartaz contém sempre uma mensagem, que poderá ser icónica, literária ou uma combinação entre as duas em que, maioritariamente, se empregam signos descodificáveis e interpretáveis, com o intuito de valorização e clarificação da mensagem.

Com o propósito de obter reconhecimento e visibilidade, o cartaz deverá garantir coesão gráfica no uso das componentes cromáticas e imagéticas. Deste modo a linguagem gráfica deverá, para além da preocupação criativa e estética, transmitir confiança e qualidade, podendo até recorrer ao uso de elementos simbólicos e emocionais para esse fim.

6.2. Análise da linguagem visual em cartazes

Antes de se iniciar uma análise, é necessário ter em conta algumas metodologias que serão fundamentais para a compreensão e interpretação da linguagem visual aplicada num cartaz. Quanto mais detalhada for a desconstrução dos elementos que o compõem, mais persuasiva e direta será a dedução da análise, proporcionando uma compreensão nítida da sua condição.

Como vimos, são vários os elementos que constituem um cartaz, sendo eles as relações de composição, as imagens, o tipo de letra, as formas e as cores. Os designers ao criarem os cartazes devem ter em atenção a combinação dos vários elementos de forma a criar harmonia e a aumentar a legibilidade da informação, facilitando a sua compreensão e a memorização.

Quando se analisa uma imagem, muitas das vezes é fundamental conceitualizarmo-nos numa análise semiótica, ciência que se dedica ao estudo dos signos, sendo também necessário compreender e descodificar o significado das cores, identificar os elementos gráficos e o tipo de letra utilizado na linguagem visual de um cartaz.

Para o filósofo Charles Sanders Peirce (1839-1914), um signo é algo que através do seu conhecimento, apreendemos algo mais. É tudo aquilo que representa alguma coisa para alguém, capaz de sugerir ou representar algo e estimular alguma implicação a um intérprete. Tal como é defendido por Rodrigues (1991), os signos possuem também uma significação, da ordem do conceito, da generalidade que permite compreender ou substituir, uma série mais ou menos extensa de entidades particulares.

“Um signo, ou representamen, é uma coisa qualquer que está para alguém em lugar de outra coisa qualquer sob um aspecto ou um título qualquer. Dirige-se a alguém, isto é, cria no espírito desta pessoa um signo equivalente ou talvez um signo mais desenvolvido. A este signo dou o nome de interpretante do primeiro signo. Este signo está em lugar de qualquer coisa: do seu objeto. Está em lugar deste objeto, não sob todos os aspetos, mas em referencia a uma espécie de ideia a que por vezes tenho dado o nome de fundamento do representamen.”

(C. Sanders Peirce, Collected Papers, 2.228.)

O processo semiótico é formado por três elementos: o representamen, o objeto e o interpretante. Na medida em que, o representamen é o elemento que está pelo seu objeto, sugerindo um ou vários interpretantes, capazes de suscitar na mente de alguém, os interpretantes mais adequados ao contexto em que se encontram.

Neste sentido, o cartaz é assim um representamen que deverá ser concebido de tal forma que suscite os interpretantes pretendidos pelos promotores do evento. Deste modo, os designers e responsáveis de marketing ao criarem um cartaz deverão fazer com que os interpretantes sejam alcançados pelos seus intérpretes. Recorre-se por isso ao conjunto de saberes do intérprete para que este possa reconhecer no representamen, os Interpretantes que melhor se adequam à representação do objeto, ou seja, no caso desta investigação, o Festival de Jazz.

Se refletirmos sobre as ações do nosso dia-a-dia percebemos que muitos dos nossos comportamentos são adaptados à dedução e conhecimento que temos de determinadas situações. Se pela manhã acordarmos com o sol a brilhar deduzimos de imediato que vamos ter pela frente um dia agradável e quente, mas se em vez disso virmos nuvens cinzentas que aparentam estar carregadas, deduzimos que irá chover e mediante esses factores iremos adaptar os nossas atitudes ao ponto de escolher a roupa que iremos vestir e os locais a visitar.

Atitudes como passar numa passadeira, parar no semáforo vermelho, entrar uma loja com indicação de aberto, passar numa cafetaria e reconhecer o aroma a café, não fumar um cigarro em transportes públicos ou em estabelecimentos que o proibem, são reconhecimentos que fazemos através dos nossos sentidos e que são frequentemente praticados durante a nossa vida.

Segundo o autor Rodrigues (1991), as deduções, os reconhecimentos, as identificações, os comportamentos que adotamos, ao longo da vida, são atos semióticos que constituem a nossa experiência do mundo, são processos de elaboração, de perceção e interpretação de signos. Quer queiramos quer não, o mundo apresenta-se como um vasto e inesgotável conjunto de

signos.

Os signos possuem a materialidade dos nossos vários sentidos, podem ser palavras, sons, aromas, símbolos, marcas, objetos ou ícones que fazem parte do nosso pensamento e comunicação, tal como os cartazes comunicam visualmente através de diferentes tipos de signos gráficos.

Implícitos na analogia, os signos, possuem a função de transmitir informações representativa de algo, com o intuito de induzir as qualidades que são atribuídas a um produto ou a uma identidade.

De acordo com a semiótica peirceana, existem três tipos de relações lógicas que se podem estabelecer entre o Representamen e o seu Objeto, constituindo três tipos de signos:

Ícone:

é um signo que é uma imagem ou uma ideia das coisas, caracterizado por uma semelhança ao seu objeto, que pode significar tanto o seu objeto como uma existência ou realidade, que gerará os seus interpretantes.

Segundo Peirce, se dissermos “barco” podemos ter a definição do dicionário, mas só com o conhecimento do objeto, é que conseguimos entender realmente a palavra.

Índice:

é um signo que é um indicador, que mostra algo sobre as coisas e que se relaciona com o objeto, ou seja, é a existência do objeto que determina a possibilidade interpretante do Índice.

Exemplos: Um cata-vento indica a direção do vento; a observação do sol ou um relógio indicam a hora do dia; o céu limpo indica bom tempo.

De acordo com as designações de Peirce, podemos afirmar que o objetivo do cartaz deverá apontar para o tema que pretende representar, no caso do festival Jazz em Agosto, o cartaz deverá aludir a programação e o próprio festival.

Símbolo:

é um signo que é uma abstração de um conceito, que ilustra o tema em questão, associado com os seus significados de uso. Ou seja, a relação entre Representamen e Objeto produz-se porque existe uma convenção que os associa, como acontece nas línguas.

o símbolo é um signo que estabelece uma relação com seu objeto por meio de uma mediação, ou seja, as ideias presentes no símbolo e em seu objeto se relacionam a ponto de fazer com que o símbolo seja interpretado como se referindo àquele objeto, isto é, fazendo com que o símbolo represente algo que é diferente dele. Assim, o símbolo relaciona-se com seu objeto devido a uma ideia presente na mente do usuário, um hábito associativo, uma lei, chamada por Peirce de “interpretante lógico” .

Em síntese, no mesmo Representamen podem existir todas estas dimensões, que podem ser simultaneamente ícone, índice e símbolo. Algo que acontece na maioria dos cartazes.

6.3. Cor

A cor está presente em tudo o que observamos, estimulando os nossos sentidos e capaz de produzir estímulos que são transmitidos ao sistema nervoso. No entanto, cada individuo reage de maneira diferente aos estímulos devido às diferentes atitudes psicológicas e fisiológicas provocado pelas cores.

A percepção da cor está associada a fatores culturais e sociais, que de cada individuo possui, podem influenciar as atitudes e os comportamentos, ou seja, tanto podem estar associados à alegria como à tristeza, como ter conotações positivas ou negativas.

A cor é uma percepção sensorial que estimula a sensibilidade humana, a memória, o bem-estar e o gosto. É portadora de significados simbólicos e de conteúdos emocionais.

A cor transmite mensagens e possui diversas funções: informar, identificar; simbolizar; destacar, chamar a atenção; reforçar o sentido a algo. Tal como é referido por Pinheiro (2011), a cor pertence à estrutura da mensagem visual tomando parte na sua linguagem e no processo comunicacional.

Ao analisarmos a cor, deparamo-nos com múltiplas definições e estudos – física, fisiologia, psicologia, estética, cultura, semiótica, simbologia, entre outras.

Uma vez que o estudo sobre a cor é bastante complexo, devemos somente evidenciar o contexto desta investigação, o cartaz. Assim, não é do nosso interesse focarmo-nos nos contextos da teoria da cor, mas sim no significado das cores e o efeito que esta terá na composição do cartaz.

Para Pinheiro (2011) as cores são portadoras de informações e estão carregadas de um conteúdo emocional, podendo despoletar sentimentos e carregar significados, o que faz delas canais de comunicação não-verbal.

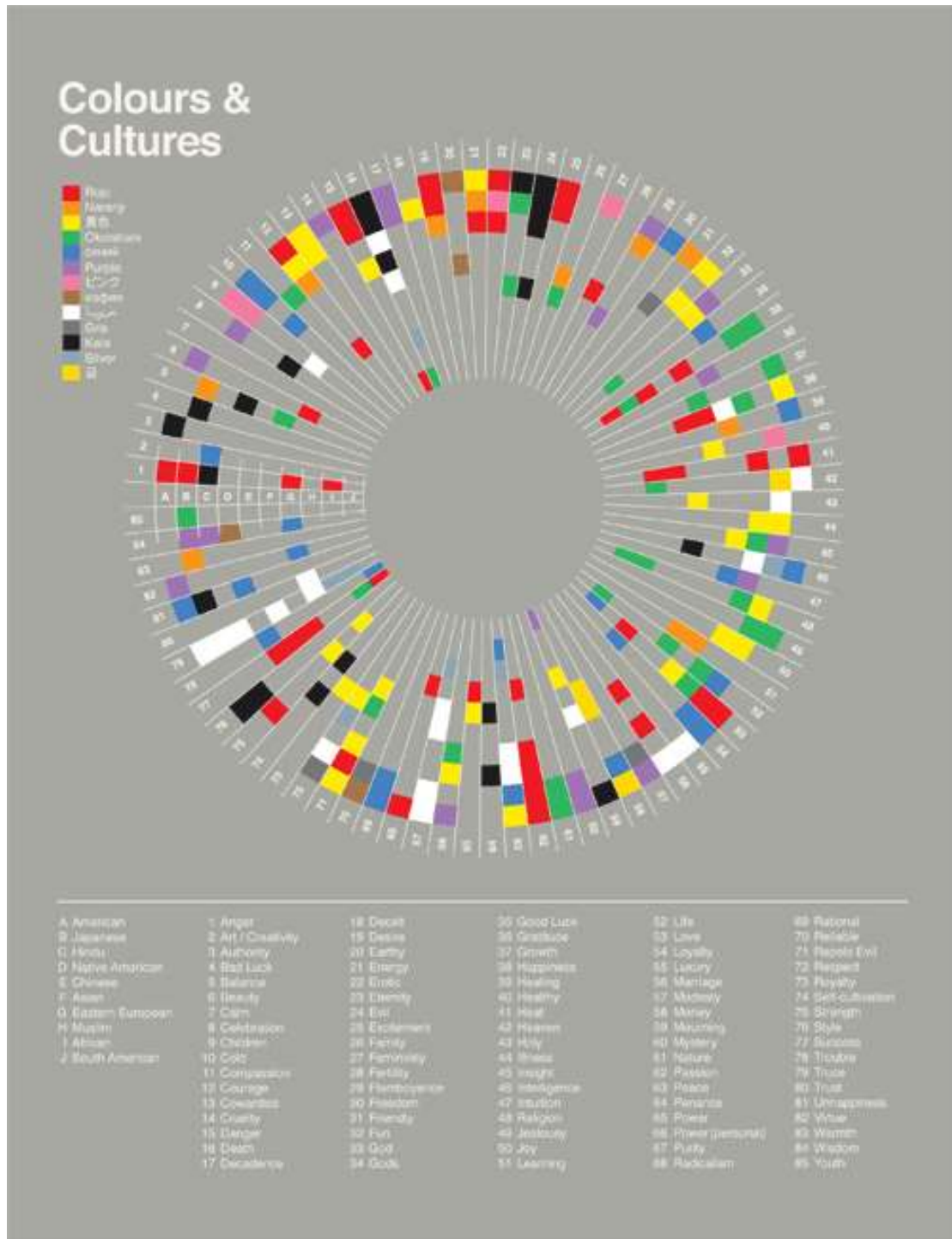
A cor pode influenciar a compreensão das mensagens transmitidas, assim como podem facilitar ou prejudicar a memorização de um cartaz, devido a este ser mais ou menos atrativo.

Para Santos (2006), a cor condiciona a leitura e a compreensão que fazemos do objeto, assim como condiciona a leitura que fazemos da mensagem transmitida.

As associações psicológicas da cor devem ser utilizadas no design gráfico e no marketing, uma vez que são aspectos importantes para a comunicação e transmissão de mensagens, ao ponto de atrair e influenciar o observador.

O gráfico *Colours in culture*, desenvolvido por David McCandless & Always With Honor

⁸demonstra-nos como a cor é portadora de distintos significados nas diferentes culturas. Ao analisarmos o gráfico reparamos que cada número corresponde a um significado da cor, e cada letra uma região do mundo.



⁸ <http://www.fastcompany.com/1627581/infographic-day-what-colors-mean-across-10-cultures>.
Acedido em 20 de Fevereiro 2016

Por exemplo, dependendo do contexto cultural, o vermelho pode simbolizar erotismo, amor calor, raiva, sorte, perigo, poder ou até sucesso; o amarelo pode simbolizar paz, diversão, perigo, alegria, coragem, energia, amor ou poder; o preto pode simbolizar morte, mal, autoridade, estilo, eternidade ou inteligência; o verde pode simbolizar sorte, crescimento, felicidade, natureza, equilíbrio ou eternidade.

Assim, podemos afirmar também que apesar dos contextos culturais e sociais, a cor está também ligada à memória, à experiência e aos processos cognitivos.

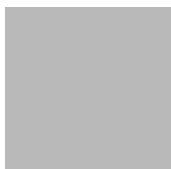
Em síntese, numa análise semiótica a cor funciona como um representamen que desenvolve relações de analogia com os seus objetos, tendo uma dimensão de ícone, ou seja de semelhança com o que representa. Por exemplo a relação entre vermelho e sangue; verde e natureza; azul e céu.

No entanto, além da possível afirmação de uma determinada cor, através da exibição dessa mesma cor, as cores também funcionam como símbolos convencionais, não só devido às analogias - como é o caso do vermelho a simbolizar a paixão - mas por convenção, caso muito frequente no marketing. Por exemplo, quando associamos um produto a uma cor ou até um festival a um conjunto de cores.

Quando este laço entre produto e cor é estabelecido, as cores de um cartaz, por exemplo, passam a indicar a existência desse evento. As cores escolhidas podem também ser usadas com o intuito de chamar a atenção e de captar o interesse do observador.

6.4. Forma

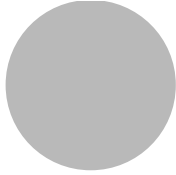
As formas e os elementos que compõem um grafismo são de extremamente importância para esta análise, uma vez que estes também são portadores de simbolismos e mensagens. Tal como as cores, as formas geométricas como quadrados, círculos ou retângulos, e até as linhas verticais ou horizontais, refletem significados, interpretações variáveis ou percepções psicológicas ou fisiológicas.



Para Donis (1997), o quadrado é associado enfado, honestidade, retidão e esmero; ao triângulo, ação, conflito, tensão; ao círculo, infinidade, calidez, proteção.

Para Paradela o quadrado também é o símbolo do mundo estabilizado e é identificado com

o poder e o domínio, o controle e a força. É a forma da inteligência, da razão e da capacidade de definir, dissecar, digitalizar. Representa ainda a fixação e a permanência.



O círculo está associado à representação do sol, da terra, da lua e do universo. Para a parábola simboliza o ciclo da evolução, movimento, continuidade, reforçando que na tradição islâmica a forma circular é considerada como a mais perfeita de todas.



O triângulo é um símbolo complexo que possui vários significados por estar associado a crenças e rituais. Conforme o enquadramento social ou cultural poderá simbolizar água, terra, fogo, harmonia, desenvolvimento ou espiritualidade.

O triângulo poderá sugerir estabilidade ou instabilidade, movimento ou desconforto.

PARTE II

O CARTAZ JAZZ EM AGOSTO

7. O CARTAZ JAZZ EM AGOSTO

7.1. Análise da identidade visual e das linhas de força do cartaz “Jazz em Agosto”

Para os procedimentos da análise da identidade visual e das linhas de força do cartaz “Jazz em Agosto”, optou-se por uma abordagem metodológica qualitativa para atingir os objetivos desse estudo, fundamentada em entrevistas, inquéritos por questionário (que podem ser consultados nos Anexos) e análise de cartazes de outros festivais de Jazz. Estas análises permitiram-nos identificar as forças da composição gráfica em conformidade com o cartaz do festival “Jazz em Agosto”.

Embora a perspectiva qualitativa de pesquisa tenha como objetivo a compreensão dos significados atribuídos comparativamente com esta investigação, é importante enfatizar a interpretação de determinadas ilações que são a consequência de uma percepção e uma compreensão subjetiva, averiguada através do resultado da interação de signos. É também de salientar, que as análises aqui indicadas são meramente referências e que cada pessoa possui a sua própria dedução e interpretação dos signos, que muitas vezes, é influenciado pelas experiências vividas e pelo contexto social e cultural em que cada pessoa se insere, afirmação esta que pode ser justificada através da teoria de Pierce, “Não há signo sem conhecimento colateral do objeto do signo”, ou seja, sem conhecimento do referente do signo. O conhecimento aqui referido encontra-se atrelado à experiência e à cultura do intérprete, sendo que, o potencial de significação que cada signo possui, é suscitado pelo conhecimento que o intérprete tem do tipo de informações que o signo exhibe. Assim, dependendo de qual for o conhecimento prévio, o significado gerado poderá ser diversificado, devido à significação que cada signo exhibe a cada intérprete.

Antes de refletirmos sobre a identidade visual do “Jazz em Agosto”, devemos ter em conta a sua definição e clarificar o conceito principal da sua utilização.

7.2. Identidade Visual

A identidade visual reúne um conjunto de elementos formais e sistematizados, de referência visual, que leva a identificar um produto, empresa, instituição ou um evento. Engloba informações visuais como o logótipo, símbolos, cores, tipografia e grafismos, que refletem um padrão de consolidação de uma marca a ser comunicada através da imagem representada.

A identidade visual transmite através dos seus comportamentos, comunicação e simbolismo o que é e o que defende. Cria valor e pode contribuir para uma imagem positiva na mente dos interlocutores.

Podemos afirmar que a identidade visual é um instrumento fundamental nas políticas de marketing, no que diz respeito às funções de identificação e memorização. No entanto são também importantes para incutir um posicionamento diferenciador dos produtos similares ou concorrentes.

A identidade visual poder ser caracterizada por ícone, tipografia ou mista (com ícone e tipografia). Para que uma identidade visual se adequa à representação de marca significa conseguir exibir muito mais que uma simples identidade visual, ou seja, deverá ser capaz de acumular todos os elementos visuais, assim como o posicionamento e a memorização.

Uma marca deverá ter a capacidade de estabelecer ligações entre o produto ou empresa com o consumidor, proporcionando experiências que fiquem registadas na mente das pessoas.

Para Sarmento (2006), a marca é um signo distintivo, visualmente perceptível utilizado para diferenciar produtos ou serviços de uma empresa das suas concorrentes, bem como atestar a conformidade de um produto ou serviço com determinadas normas ou especificações técnicas.



Jazz em Agosto, 2001



Jazz em Agosto, 2002



Jazz em Agosto, 2003

A identidade visual do “Jazz em Agosto” sofreu alterações ao longo das várias edições, realçando-se o seguinte:

A edição de 2001, é caracterizada pelas cores preto, vermelho e branco. Composta por um conjunto sistematizado de elementos gráficos: símbolo, tipografia (3 tipos de letra sem serifa) e forma geométrica irregular. O símbolo representado, apesar da sua difícil identificação, induz-nos figurativamente para a música através da parecença a uma clave de sol, transformada numa asa. Esta associação faz-nos voar e viajar na história e nas origens do jazz.

A identidade visual da edição de 2002, é caracterizada pela cor preta. Utiliza a mesma

composição gráfica, mas elimina o símbolo.

Em 2003, apesar da composição gráfica ser muito idêntica às edições anteriores, é notório o uso de uma tipografia diferente, de caixa-alta e caixa-baixa e de estrutura irregular. Em termos cromáticos, é caracterizada pelas cores preto, cinzento e verde.

Em 2004 é apresentado um novo registo gráfico na identidade visual, sendo composto por uma forma geométrica (quadrado), cor e um tipo de letra fino, sem serifa e de caixa-alta. O quadrado de cor laranja com contorno a preto, apenas em três lados, tem aqui um papel de substituição da letra A. Neste caso, a legibilidade da identidade visual está bem conseguida, uma vez que a palavra ao ser substituída por um elemento gráfico, consegue ser de fácil perceção, não dificultando a leitura da palavra jazz. A identidade visual da edição de 2006, segue a mesma composição gráfica de 2004 e 2005, no entanto substitui a cor laranja do quadrado por azul.



Jazz em Agosto, 2004



Jazz em Agosto, 2005



Jazz em Agosto, 2007

Entre 2004 e 2006 verifica-se uma continuidade na identidade visual, existindo pequenas alterações cromáticas, tornando-se útil para a identificação do festival e memorização, ou seja, o visitante reconhecerá facilmente a identidade do festival de uma edição para a outra.



Jazz em Agosto, 2007



Jazz em Agosto, 2008



Jazz em Agosto, 2009



Jazz em Agosto, 2012



Jazz em Agosto, 2013



Jazz em Agosto, 2014

Entre 2007 a 2011 ao analisarmos os cartazes destaca-se a ausência de uma identidade visual que marque o seu reconhecimento, cuja ausência é prejudicial para a identificação imediata do produto. Apesar da identificação do festival ser o plano principal do cartaz e esta ser de fácil perceção, devido ao uso de um tipo de letra redondo e com grande destaque, nota-se que durante esta época não existiu um cuidado em criar uma identidade visual que ajudasse a reforçar os valores do evento e que tornasse a identidade visual do festival memorizável.

A partir de 2012 podemos observar que o festival volta a ter a presença de uma identidade visual, de fácil perceção e de imediata memorização, que se mantem, apesar de ligeiras variações gráficas, até aos dias de hoje.

7.3. Cartaz

Quando falamos em Jazz a nossa mente, através da capacidade que possui em estabelecer ligações simbólicas e significativas para representar algo, transporta-nos de imediato para as suas origens afro-americanas, através da dedução e do reconhecimento inteiramente enraizados na cultura negra e nos cânticos africanos, tal como defende Peirce com o conhecimento colateral do objeto do signo. Ou seja, são determinados conhecimentos, partilhados socialmente, que já temos sobre o objeto - o jazz.

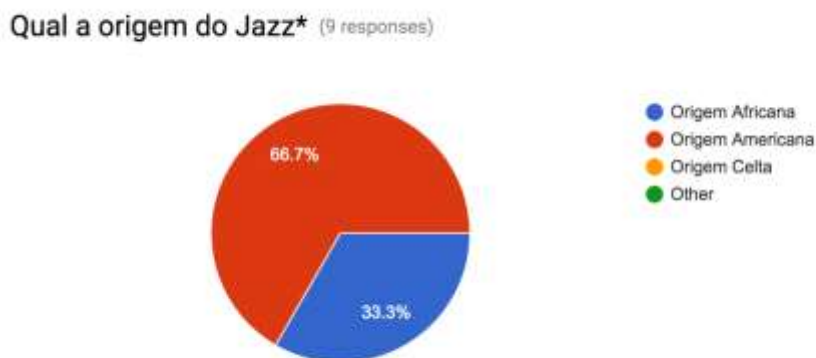


Fig. 3 Origens do Jazz
(Resultados obtidos através de inquéritos). Consultar anexos.

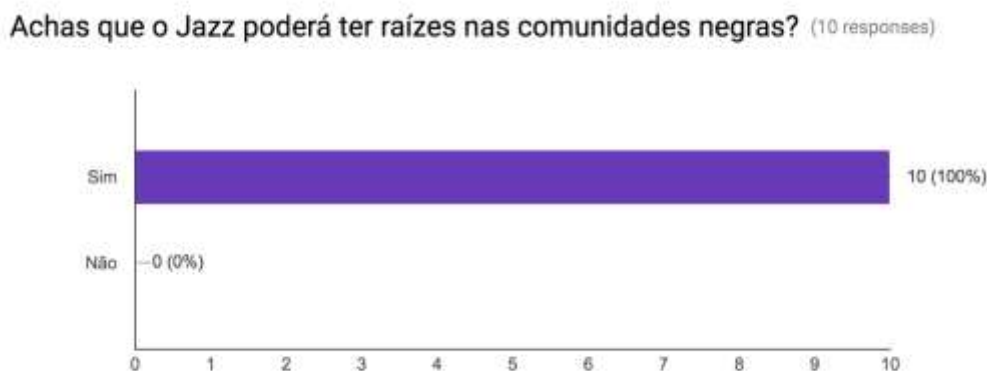
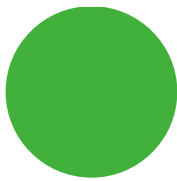


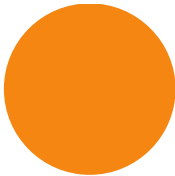
Fig. 5 Gráfico das formas geométricas representativas do Jazz
(Resultados obtidos através de inquéritos). Consultar anexos.

Os gráficos obtidos através dos questionários desenvolvidos (em anexo), ajudam-nos a compreender as percepções que cada pessoa atribui ao jazz. Assim, percebemos se poderá existir vínculo entre as percepções e as opções cromáticas e gráficas dos cartazes de Jazz.

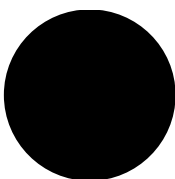
Como podemos observar no gráfico, a maioria das pessoas entrevistadas associam o preto ao Jazz. Na observação dos vários cartazes de festivais de Jazz, é notório o recurso a cores como o preto, o vermelho e o amarelo, enquanto que nos cartazes do “Jazz em Agosto”, apesar da evolução cronológica, observamos que o registo cromático mais predominante é o preto, o laranja e o verde.



Como vimos, o verde é a cor que se associa ao bem-estar, ao equilíbrio e ao natural. Analisando o espaço onde se realiza o “Jazz em Agosto” podemos deduzir que o verde poderá estar ligado à harmonia e à frescura dos jardins da Gulbenkian.



O laranja é a cor que se associa à alegria, à aprendizagem, às emoções, ao desejo, tal como o Jazz se encontra associado a um estilo de emoções, e, como tal, por si só cria um ambiente de alegria e diversão.



O preto é a cor mais onerosa e representativa do Jazz, que poderemos vincular o seu significado a duas conotações distintas: Uma delas ligada à elegância e ao luxo, por ser considerado atualmente como um estilo musical de prestígio. Outra por estar ligada ao lado obscuro das origens do Jazz e à cultura negra, aos intérpretes negros.

No que diz respeito aos elementos gráficos, no geral, podemos afirmar que os cartazes dos festivais de Jazz são caracterizados por um grafismo que recorre a poucos elementos gráficos, sendo evidente o uso de ilustrações e imagens que transmitem improviso, irreverência

e ritmo.

Ao longo das várias edições do “Jazz em Agosto”, apesar das grandes variações nas composições gráficas, existiu sempre o cuidado em se destacar o nome do festival, seja através da criação de uma identidade visual ou do uso da tipografia.

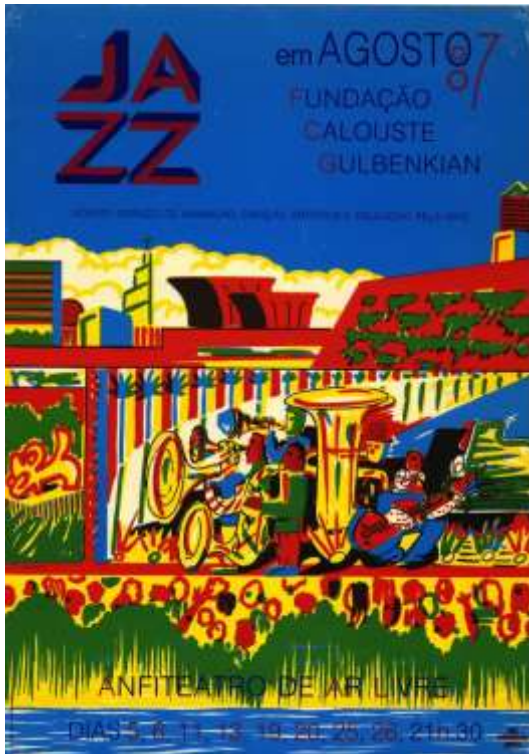
Em 2003 destaca-se a fotografia de um instrumento musical desfragmentado, que é composto pela mistura de várias partes de outros instrumentos. O cartaz é também caracterizado pela mancha da programação de cor verde “seco” e pela dimensão, que ocupa grande parte do cartaz.



Cartaz Jazz em Agosto, edição 1985



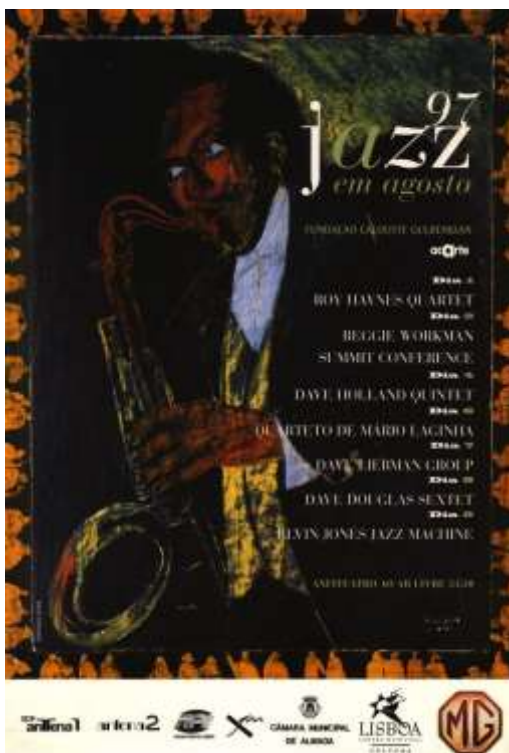
Cartaz Jazz em Agosto, edição 1986



Cartaz Jazz em Agosto, edição 1987



Cartaz Jazz em Agosto, edição 1988



Cartaz Jazz em Agosto, edição 1997



Cartaz Jazz em Agosto, edição 2000



Cartaz Jazz em Agosto, edição 2007



Cartaz Jazz em Agosto, edição 2008



Cartaz Jazz em Agosto, edição 2009



Cartaz Jazz em Agosto, edição 2010



Cartaz Jazz em Agosto, edição 2012



Cartaz Jazz em Agosto, edição 2013



Cartaz Jazz em Agosto, edição 2009

Em 2005 e 2008, os cartazes são caracterizados pelo uso de fotografias da instituição Calouste Gulbenkian. Em 2005 a composição gráfica é composta pela desfragmentação de

várias fotografias da instituição, que simbolizam a irreverência e mistura de ritmos, enquanto que em 2008 utiliza uma fotografia dos lugares do anfiteatro, com letras brancas tridimensionais.

A partir de 2012 começa a existir uma linha gráfica coerente, que utiliza os mesmos elementos gráficos, mas que são reorganizados graficamente. Os cartazes são compostos pela identidade visual, a forma geométrica de círculos e por um conjunto de cores: preto, laranja e verde.

Em 2015, verifica-se uma evolução da linha gráfica, criada em 2012, para uma nova composição gráfica, caracterizada pela ilustração de uma figura feminina e a sua excêntrica cabeleira, que nos induz para a representação de uma mulher africana, de cabelo encarapinhado, com bastante volume.

Na face da mulher, vemos aplicada a identidade visual do Jazz em Agosto, como se tratasse de uma pintura facial. Na mancha negra da cabeça, que representa o cabelo encarapinhado, vemos vários círculos com a programação do festival.

Os círculos representados na cabeça da mulher sugerem ideias e movimento.

PARTE III

CONCLUSÃO

8. CONCLUSÃO

De uma forma geral, podemos afirmar que os cartazes são um meio de comunicação que permite ao observador experimentar sensações e vivacidades, assim como possui um papel informativo. Os cartazes são formados por vários elementos visuais: cor, forma, imagem e tipografia. A composição visual dos cartazes, deve ser analisada na medida em que as forças e os pesos dos vários elementos visuais, tencionam a resultar de forma equilibrada.

O cartaz percebido enquanto signo representa o festival Jazz em Agosto, não só devido ao seu papel de informação e divulgação, mas devido às composições gráficas, que nos remetem para a temática do festival.

A música é um estímulo às emoções e na sua globalidade é interpretada como movimento, ritmo, som, silêncio, tensão, harmonia ou relaxamento. As cores, a tipografia e a composição gráfica, como referenciado anteriormente possuem funções interpretativas.

Como vimos, a identidade visual do Jazz em Agosto, criada a partir de 2012 é caracterizada por uma certa desordem gráfica mas harmonizada, que pode ser interpretada pela irreverência, ritmo e movimento.

O registo cromático do Jazz em Agosto marcado pelo preto, laranja/vermelho e verde provoca estímulos ao cérebro de alegria, dinamismo, prestígio, origem e harmonia. As cores ao serem apelativas e atrativas levam-nos a desejar experienciar as emoções do festival.

Os cartazes do Jazz em Agosto, desenvolvidos a partir de 2012, demonstram uma criatividade mais aprimorada comparativamente com os anos anteriores, na medida em que fortalecem o conceito do festival através das cores e formas, podendo transmitir uma mensagem com simbolismo para o exterior.

É precisamente, na última edição do Jazz em Agosto, 2015, que podemos constatar que o cartaz sugere pela combinação dos vários elementos visuais, formas e cores, que está relacionado com a música e com a temática jazzística. O cartaz ilustra de uma forma harmoniosa as origens do Jazz, com a representação da figura feminina africana, o ritmo e a alegria através das formas geométricas e da cor.

Uma vez que cada pessoa é persuadida pelos seus próprios estímulos, resume-se que muito do que aqui foi analisado sobre significantes e sobre o gosto, tem a ver com a nossa memória, com o nosso enquadramento, com as nossas experiências e educação.

Os cartazes, como analisado anteriormente, são portadores de símbolos e informações, para tal é importante na criação de um cartaz, com o tema Jazz, inspirarmo-nos em signos diversos que representam o imaginário social da cultura jazzística. Deste modo, conclui-se que para a gestão cultural de um evento de jazz, as ferramentas de comunicação utilizadas devem ter um papel importante de produzirem essa cultura jazzística, uma vez que são um meio

importante para o sucesso junto do público e da comunidade em geral. Na gestão cultural deve-se integrar o significado cultural dos próprios eventos que se promove, ajudando dessa forma à sua construção e compreensão social.

BIBLIOGRAFIA

Alarcão, M. A. A evolução do paradigma do marketing, 2014. Acedido em 7 de Janeiro de 2016 em <http://jovemagricultoremrede.net/3-0-a-evolucao-do-paradigma-do-marketing/>

Almeida, F.A.A. (2009), O cartaz do Festival de Jazz em Portugal, Contributo para a compreensão dos paradigmas gráficos adjacentes. Tese de Mestrado em Design da Imagem, FBAUP.

Armein, R. (2005), Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora. Tradução de Ivonne Terezina de Faria. Pioneira Thomson Learning. São Paulo.

Boffi, G. (2006). Os Caminhos do Jazz. 1ª edição, Edições 70. Lisboa

Bourdieu, P. (2007). A distinção, Crítica social do julgamento. 2ª Edição, Zouk. Porto Alegre.

Castro, F. (1925, 19 de Janeiro). A propagação do Jazz-Band. Ilustração Portuguesa

Cunha, P. e Granero, A. (2008). Marketing cultural: modalidades e estratégias de comunicação institucional. Uni-FACEF Centro Universitário Municipal de Franca, São Paulo. pp. 1-3.

Curvelo, R. (2009). Marketing das artes em directo. 1ª edição, Quimera.

Dias, J. (2010). Playing Outside: Jazz e Sociedade em Portugal na perspectiva e duas escolas. Dissertação de Mestrado em Etnomusicologia. Universidade Nova de Lisboa, Lisboa. pp. 38 – 83

Dondis, D. A. (1991). A sintaxe da linguagem visual. São Paulo: Martins Fontes, pp. 51-83.

Fragoso, A.M.B.A.P. (2010), Formas e Expressão da Comunicação Visual em Portugal, Contributo para o estudo da cultura visual do século X, através das publicações periódicas. Dissertação apresentada à faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa para

obtenção do grau de doutoramento em Design.

Fundação Calouste Gulbenkian (2013), Partidas/Chegadas, Novos Horizontes no Jazz em Agosto. pp. 4-15

Gama, M. (2009). Da censura à autocensura no Estado Novo. Departamento de filosofia e Cultura da Universidade do Minho, Braga, pp. 1-9

Garcia, J. (1999). Jazz gráfico, Diseño y fotografia en em disco de jazz 1940-1968. Generalitat Valenciana. Valencia

Gil, J. (2010). A Arte como Linguagem. Relógio d'Água.

Healey, M. (2007). O que é o Branding?. Edições Gustavo Gil. Londres.

Infominuto, *A história da rádio em Portugal*. Acedido em 27 de Março de 2016 em <http://ensina.rtp.pt/artigo/a-historia-da-radio>

Lacerda, A. O paradigma da comunicação visual e dos signos identificadores e na sociedade contemporânea. Acedido em 4 de Março de 2016, em: http://fido.palermo.edu/servicios_dyc/publicacionesdc/vista/detalle_articulo.php?id_articulo=6054&id_libro=148

Lins, Aline Grego (1998). A importância da experiência colateral na semiose e no processo comunicativo, Revista Symposium, Universidade católica de Pernambuco

Mirzoeff, N. (1998). The Visual Culture Reader. 1ª edição, Routledge London and New York. p.p. 3-8 em <https://analepsis.files.wordpress.com/2011/08/104915217-mirzoeff-nicholas-ed-the-visual-culture-reader.pdf>

Neto, M. (2002). Marketing Cultural: das práticas à teoria. 2ª edição, Editora Ciência Moderna Ltda. Rio de Janeiro. pp. 112 -115. Acedido em 6 de Janeiro de 2016 em http://www.eca.usp.br/departam/crp/cursos/posgrad/gestcorp/organicom/re_vista5/108a119.pdf

Oliveira, E. Psicologia das Cores no Marketing e nas Vendas, Infográfico Completo.

Acedido em 10 de Março de 2016 em: <http://maispersuasao.com.br/psicologia-das-cores>

Ortega, J. e Gasset. (2008). *A Desumanização da Arte*. Edição Vega. pp. 59-86

Perez, C. (2004). *Signos da Marca: expressividade e sensorialidade*. Thomson Learning. São Paulo.

Pinheiro, M. C. S. A. (2012). *Cor, Legibilidade e Visão envelhecida*. Tese de doutoramento em Design, Faculdade de Arquitectura, Universidade Técnica de Lisboa.

Reichelt, V. (2013). *Marketing Cultural o patrocínio de eventos e sua influência nas estratégias de branding*. Projeto de Pesquisa. Acedido em 29 de Dezembro de 2016 em http://www2.espm.br/sites/default/files/pagina/projeto_diagramado_2.pdf

Khauaja, D.M.R., Jorge, M.A. e Perez, C., *Semiótica Aplicada ao Marketing: Contribuições para a Gestão de Marcas Autoria*. Acedido em 11 de Janeiro de 2016 em <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/MKT-C629.pdf>

Ramos, S. M. F. B. G. (2007). *A vida reflete cor*. Escola Superior de Design. Instituto de Artes Visuais, Design e Marketing.

Santos, M. R. B., (2006). *O Grafismo dos cartazes Político-Pastidários em Portugal 1969-1980*, Dissertação de Mestrado em Design.

Serra, J. (1998). *Quando o Atlântico encontra a Europa*. Catálogo da Exposição do ICEP na EXPO 98.

Siqueira, A. (2009). *Desnaturalizando o gosto: Uma discussão sobre a obra “a Distinção – crítica social do julgamento”, de Pierre Bourdieu*. V ENEC – Encontro Nacional de Estudos do Consumo. Rio de Janeiro. pp. 1-7

Tavares, R. J. L. (2007), *O Poder do Cartaz, A Cultura Gráfica Contemporânea*. Tese de Mestrado em Ciências da Comunicação. Universidade Fernando Pessoa.

ANEXOS

ENTREVISTAS

Entrevista a Susana Antão

13 de Janeiro de 2016

A presente entrevista refere-se ao tema Paradigmas da identidade e da comunicação visual do festival “Jazz em Agosto”, no contexto de uma investigação para uma tese de mestrado, para a qual nos interessa saber, além dos processos criativos de um designer, a opinião sobre o cartaz e a identidade visual do festival “Jazz em Agosto”.

Pode contar-nos um pouco da sua formação e experiência profissional?

E: Licenciatura em Design de Comunicação pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa. Pós-graduação em Teorias da Arte – FBAUL. A exercer design gráfico à 16 anos em agências e como independente. Formadora de Brand Design à 10 anos.

Como é que descreve o seu processo criativo? De onde vem a inspiração?

E: Foco no objectivo, análise do cliente, conceito e criação para melhor resolução do problema a resolver. Da vida mas sempre pensar na forma mais eficaz e criativa de representar o conteúdo que deve ser comunicado.

Quem são as suas maiores influências na publicidade e no design? Como é que isso pode influenciar o processo criativo?

E: Várias, difícil nomear, desde o português Sebastião Rodrigues, gurus do design, excelentes mentores com quem tive a felicidade de trabalhar, a colegas de trabalho, alunos, artistas e escritores, fotógrafos...

Normalmente quem são os responsáveis pelo desenvolvimento do briefing que é entregue aos designers? Existe algum trabalho de equipa?

E: Cliente, account, diretor de contas.

Na sua opinião, os cartazes são essenciais para promover um evento? Porquê?

E: Sim são eles que prendem o “espectador” num 1º momento visual e após este lhe dão a informação sucinta fundamental.

Quais são, no seu entender, as estratégias de divulgação e os meios mais eficazes para promover um evento?

E: A rua continua a ser um excelente meio e hoje em dia as rede sociais são fundamentais, na prática são transversais porque a informação circula sem limite.

Enquanto designer quais são as principais dificuldades na criação de um cartaz publicitário? E quais as etapas mais importantes?

E: O desafio assim como as etapas: seleção da informação e o impacto visual ou seja conseguir o melhor equilíbrio entre estes dois.

Podemos afirmar que o cartaz é uma forma de comunicar com o público e que, por conseguinte, o designer é o responsável pelo efeito dessa comunicação?

E: Um designer é sempre responsável pela comunicação essa é a sua função, a de contar histórias, que se diferenciem e se possível que se tornem memórias.

É ou não o design um forte aliado para a criação de um bom cartaz publicitário?

E: Obviamente que sim.

Pode-se afirmar que os cartazes são portadores de mensagens e de simbolismos?

E: São e ao longo da história os bons tornaram-se ícones e simbolizam momentos políticos e culturais ainda eficazes atualmente.

Se eu lhe pedisse para indicar três características de maior relevância no cartaz da última edição do festival Jazz em Agosto, quais seriam?

E: Ilustração / Integração / Criatividade

Como caracteriza a identidade visual do Jazz em Agosto ao observar os cartazes das várias edições do festival?

E: A partir de 2012 é notória a criação de uma imagem coerente e uma comunicação mais eficaz

Fortalece o reconhecimento do evento e demonstra uma criatividade mais apurada a transmitir o conceito do evento. São quase cartazes que se podem tornar uma coleção.



Na sua opinião o design é o factor mais importante para a criação de uma identidade visual? Porquê?

E: É importante mas só relevante se o evento ou cliente cumprir a promessa. O nome e design são excelentes embaixadores mas não funcionam se o produto não estiver à altura.

Após ter observado os vários cartazes do Jazz em Agosto, gostaríamos de saber a sua opinião em relação à identidade visual do festival. O que é que gosta mais e menos?

E: A partir de 2012: Pontos Fortes: imagem coerente / Forte / simplificação/ Layout criativo/ Ilustração criativa

Se tivesse oportunidade de criar uma nova identidade visual para o Jazz em Agosto o que mudaria e o que manteria?

E: Acho a identidade mais recente muito boa, não mudaria.

Como acha que deveria ser o próximo cartaz do festival Jazz em Agosto?

E: Manter a linha gráfica e apetecer comprar para emoldurar.

Na sua opinião os cartazes das novas edições deveriam manter a mesma linha gráfica das edições anteriores?

E: Sim, a linha construída a partir de 2012, sendo que antes não existia um grafismo de continuidade.

Entrevista a André Almeida

13 de Janeiro de 2016

A presente entrevista refere-se ao tema Paradigmas da identidade e da comunicação visual do festival “Jazz em Agosto”, no contexto de uma investigação para uma tese de mestrado, para a qual nos interessa saber, além dos processos criativos de um designer, a opinião sobre o cartaz e a identidade visual do festival “Jazz em Agosto”.

Pode contar-nos um pouco da sua formação e experiência profissional?

E: Sou licenciado em Artes Plásticas e Multimédia e neste momento trabalho como designer gráfico numa empresa multinacional há 5 anos.

Como é que descreve o seu processo criativo? De onde vem a inspiração?

E: Começa com um breve briefing do que é solicitado e de seguida uma pesquisa aprofundada de comunicações do género.

Quem são as suas maiores influências na publicidade e no design? Como é que isso pode influenciar o processo criativo?

E: Peter Saville. Uso da cor e dinamismo.

Normalmente quem são os responsáveis pelo desenvolvimento do briefing que é entregue aos designers? Existe algum trabalho de equipa?

E: O briefing é entregue aos designers pela equipa de marketing.

Na sua opinião, os cartazes são essenciais para promover um evento? Porquê?

E: Sim. Conquistam a maioria.

Quais são, no seu entender, as estratégias de divulgação e os meios mais eficazes para promover um evento?

E: Comunicação tradicional (mupi, outdoor, flyer) e comunicação digital (email, facebook, etc).

Enquanto designer quais são as principais dificuldades na criação de um cartaz publicitário? E quais as etapas mais importantes?

E: A principal dificuldade é acertar com o público-alvo e é também a mais importante, isto porque os públicos-alvo são muito abstractos neste momento.

Podemos afirmar que o cartaz é uma forma de comunicar com o público e que, por conseguinte, o designer é o responsável pelo efeito dessa comunicação?

E: Sim é uma forma de comunicação mas penso que o designer não é o único responsável por esse efeito, existindo toda uma equipa por trás.

É ou não o design um forte aliado para a criação de um bom cartaz publicitário?

E: Sim é uma forma de comunicação mas penso que o designer não é o único responsável por esse efeito, existindo toda uma equipa por trás.

Pode-se afirmar que os cartazes são portadores de mensagens e de simbolismos?

E: Concordo e discordo. Há determinadas campanhas publicitárias que não “necessitam” de um elevado rigor de simbolismo.

Se eu lhe pedisse para indicar três características de maior relevância no cartaz da última edição do festival Jazz em Agosto, quais seriam?



E: Lettering, fundo e data e local.

Como caracteriza a identidade visual do Jazz em Agosto ao observar os cartazes das várias edições do festival?

E: Um pouco irrelevantes visto não me despertarem a atenção.

Na sua opinião o design é o factor mais importante para a criação de uma identidade visual?
Porquê?

E: Sim. O design dita um pouco o que é a identidade visual.

Após ter observado os vários cartazes do Jazz em Agosto, gostaríamos de saber a sua opinião em relação à identidade visual do festival. O que é que gosta mais e menos?

E: Lettering interessante. Cores demasiado “flat”.

Se tivesse oportunidade de criar uma nova identidade visual para o Jazz em Agosto o que mudaria e o que manteria?

E: Como é óbvio cada designer tem um modo diferente de trabalhar e acho que é um pouco inadequado, em apenas 2-3 minutos estar a pensar numa nova identidade visual.

Como acha que deveria ser o próximo cartaz do festival Jazz em Agosto?

E: Interessante

Na sua opinião os cartazes das novas edições deveriam manter a mesma linha gráfica das edições anteriores?

E: Não.

Entrevista a João Soares

13 de Janeiro de 2016

A presente entrevista refere-se ao tema Paradigmas da identidade e da comunicação visual do festival “Jazz em Agosto”, no contexto de uma investigação para uma tese de mestrado, para a qual nos interessa saber, além dos processos criativos de um designer, a opinião sobre o cartaz e a identidade visual do festival “Jazz em Agosto”.

Pode contar-nos um pouco da sua formação e experiência profissional?

E: Licenciatura em Design Comunicação. A trabalhar na area há 9 anos

Como é que descreve o seu processo criativo? De onde vem a inspiração?

E: A inspiração surge de viagens

Quem são as suas maiores influências na publicidade e no design? Como é que isso pode influenciar o processo criativo?

E: A época e grafismos vintage

Normalmente quem são os responsáveis pelo desenvolvimento do briefing que é entregue aos designers? Existe algum trabalho de equipa?

E: São os diretores das agências que estão encarregues da distribuição dos projetos.

Na sua opinião, os cartazes são essenciais para promover um evento? Porquê?

E: Sim, dão a conhecer uma novidade e promover. São veículos de informação que se colocados estrategicamente chamam sempre a atenção a quem passa.

Quais são, no seu entender, as estratégia de divulgação e os meios mais eficazes para promover um evento?

E: Actualmente redes sociais. Muppies, campanhas que tenham algo fora do vulgar e habitual.

Enquanto designer quais são as principais dificuldades na criação de um cartaz publicitário? E quais as etapas mais importantes?

E: Dificuldades: imagens muito inovadoras ou com grafismos mais arrojados não passam pelo

meu chefe conservador e com receio de arriscar. Convencer clientes de algo mais arrojado. Imagens limpas possuem espaços vazios que são sempre algo a encaixar mais informação, lutas com cartazes que parecem autenticos desdobráveis não apelativos e com a certeza que ninguém irá parar para ver e ler...

Podemos afirmar que o cartaz é uma forma de comunicar com o público e que, por conseguinte, o designer é o responsável pelo efeito dessa comunicação?

E: Sim.

É ou não o design um forte aliado para a criação de um bom cartaz publicitário?

E: Sim.

Pode-se afirmar que os cartazes são portadores de mensagens e de simbolismos?

E: Sim.

Se eu lhe pedisse para indicar três características de maior relevância no cartaz da última edição do festival Jazz em Agosto, quais seriam?

E: Simplicidade; Geometrismo, Cores

Como caracteriza a identidade visual do Jazz em Agosto ao observar os cartazes das várias edições do festival?

E: Moderno

Na sua opinião o design é o factor mais importante para a criação de uma identidade visual? Porquê?

E: sim, sera sempre a imagem que fica a registar uma marca/evento.

Após ter observado os vários cartazes do Jazz em Agosto, gostaríamos de saber a sua opinião em relação à identidade visual do festival. O que é que gosta mais e menos?

E: Simplicidade objetivo



QUESTIONÁRIOS & INQUÉRITOS

6/8/2016

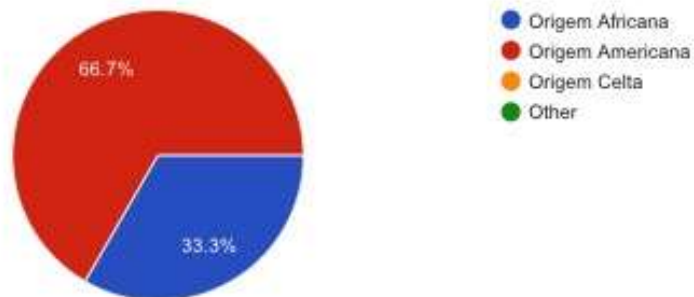
O JAZZ. - Google Forms

10 responses

SUMMARY INDIVIDUAL

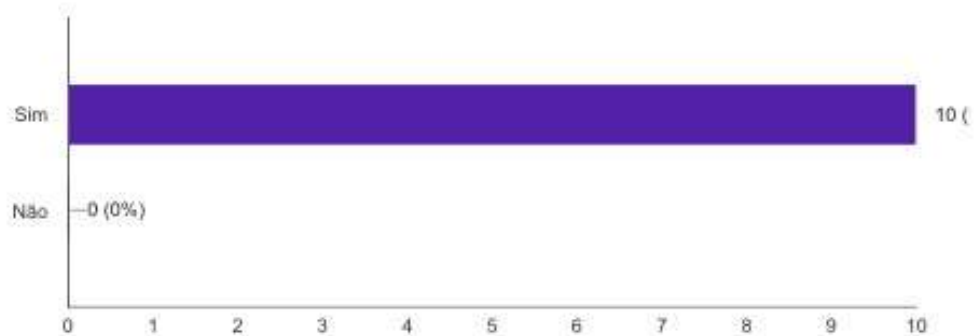
Accepting responses

Qual a origem do Jazz* (9 responses)



Achas que o Jazz poderá ter raízes nas comunidades negras?

(10 responses)



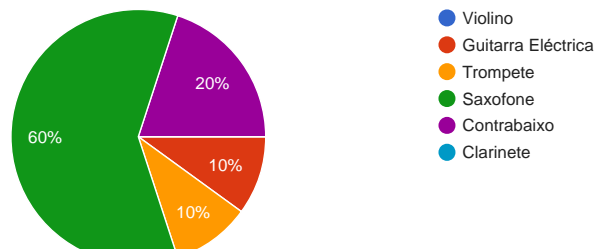
Quais os instrumentos musicais mais usados no Jazz? (10 responses)

<https://docs.google.com/forms/d/1Rea5uEFq12b4u-jTwtZeU-rbkgUBP0AJ1jVzydJC0ac/edit#responses>

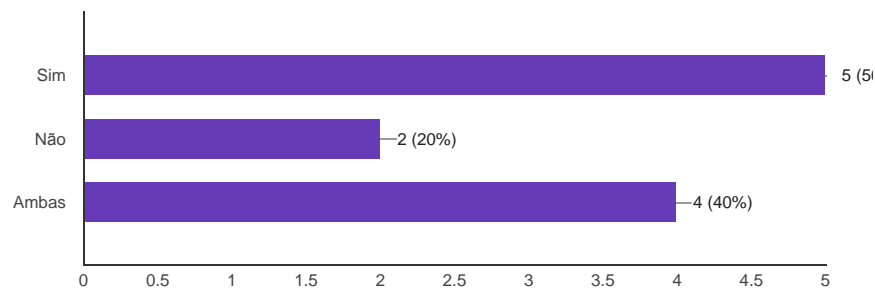
1/4

6/8/2016

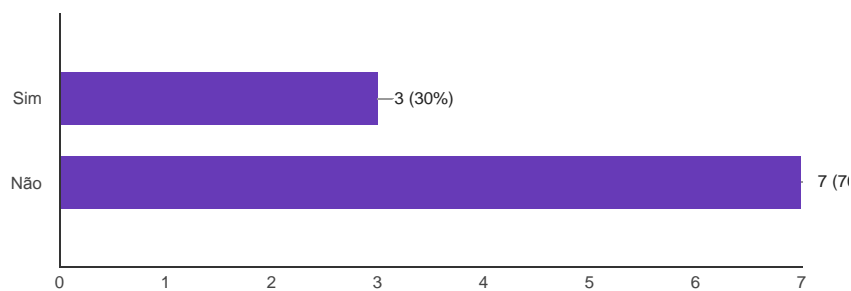
O JAZZ. - Google Forms



O Jazz é improviso? (10 responses)



O Jazz leva-te para símbolos africanos e cores tribais? (10 responses)



Na tua opinião quais são as cores mais associadas ao Jazz?
(10 responses)

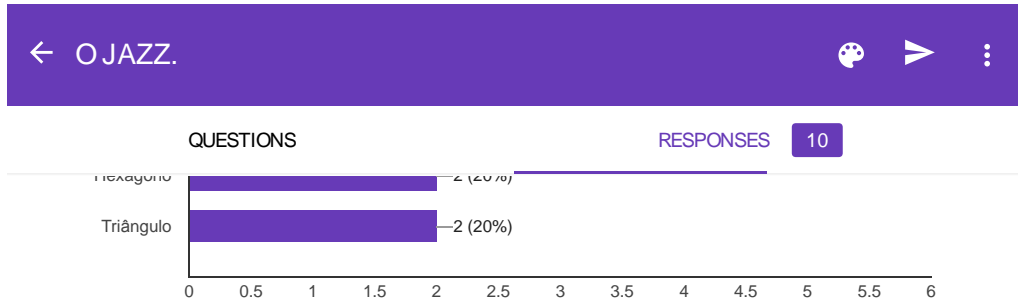
6/8/2016

O JAZZ. - Google Forms

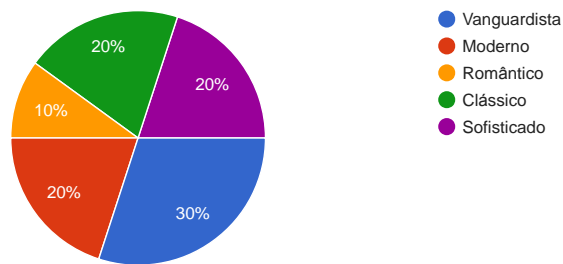


Na tua opção qual a forma geométrica mais associada à música?

(10 responses)

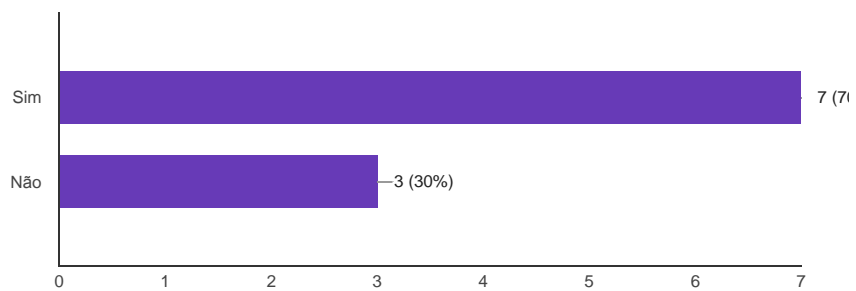


O Jazz para ti é... (10 responses)



Na tua opinião, quem gosta de jazz é sempre visto como uma pessoa culta e de bom gosto.

(10 responses)



<https://docs.google.com/forms/d/1Rea5uEFqt2b4u-jTwfZeU-rbkgUBP0AJ1jVzydJCoac/edit#responses>

3/4

PSICOLOGIA DAS CORES

A Psicologia das Cores



Como As Cores Afetam Suas Vendas?

Reconhecimento da Marca

Além de aumentar em 80% o reconhecimento da sua marca, as cores influenciam diretamente na confiança do seu cliente.



Reconhecimento (80%) Outros Fatores (20%)



Razão Principal (85%) Outros Fatores (15%)

Razão de Compra

85% dos consumidores colocam a cor como a principal razão de compra de um determinado produto.



O Aspecto Visual

No lançamento de novos produtos, um dos pontos mais importantes a ser considerado é o aspecto visual. Ele é o fator principal para chamar a atenção e conquistar a confiança do cliente, e consequentemente levá-lo a comprar.



Aspecto Visual (93%) Textura (6%) Sons e Cheiros (1%)

As Cores e os CTAs (Call-To-Actions)

Sem sombra de dúvida as cores afetam as conversões. Abaixo há uma pequena relação de cores que você pode utilizar em seus botões de CTAs. Vale lembrar que apesar de cada cor possuir um respectivo significado e ser melhor empregada em determinado nicho de mercado, é importante sempre fazer testes para verificar qual trará maior resultado para o seu negócio.



Amarelo
Estimula o otimismo, esperança e a jovialidade. Normalmente é usado para chamar a atenção em uma oferta.



Vermelho
Estimula a energia e o senso de urgência. Normalmente é usado em promoções e quando se quer uma ação rápida da pessoa.



Laranja
Estimula o entusiasmo com vivacidade impulsiva e natural. Normalmente é utilizada quando se quer criar um apelo à ação (call to action) para inscrições, compras e vendas.



Verde
Frequentemente associado com a riqueza é a cor que os olhos processam como mais facilidade. Normalmente é usado para ajudar na participação, adaptabilidade, generosidade, relaxamento e cooperação.



Preto
Estimula a sensação de poder e sofisticação. Normalmente é usado para vender artigos de alto valor agregado e luxo. Em grande parte da cultura ocidental, o preto também é a cor que representa o luto.



Azul
Estimula a sensação de serenidade e segurança e é muito visto em sites de bancos e negócios. Normalmente utiliza-se o azul para conquistar a confiança e demonstrar o profissionalismo.

As Cores e Sua Relação Com Diferentes Consumidores

Como as cores atraem e influenciam os consumidores? ←

Além de estimular determinados comportamentos, as cores frequentemente costumam definir e atrair diferentes tipos de consumidores. Compreender qual a relação delas com as características de personalidade de cada tipo de público é fundamental para definir qual será a melhor cor em sua oferta.

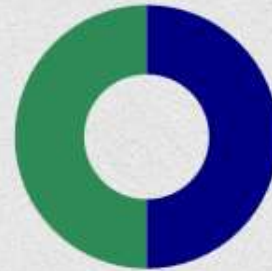
Consumidores Compulsivos



As cores vermelho, laranja, azul royal e amarelo, normalmente atraem consumidores que compram por impulso. É frequentemente utilizada por empresas que trabalham com varejo e alimentação.



Consumidores Racionais



As cores verde e azul marinho normalmente atraem consumidores mais racionais. É frequentemente utilizada por bancos e empresas que possuem como público pessoas com orçamento fixo e que frequentemente pensam bem antes de comprar algo.



Como As Cores Influenciam Na Decisão de Compra?



Decisão de Compra

As cores não são a única coisa que influenciam no comportamento do consumidor. Para compradores online, design, texto e conveniência afetam diretamente suas decisões de compra.

O Efeito das Cores no Cérebro

Cinza
Parte do Cérebro: Putâmen
Função: Regulação de dopamina, um neurotransmissor responsável pela sensação de prazer.
Efeito da Cor: Pode representar indecisão e ausência de energia.

Preto
Parte do Cérebro: Amígdala
Função: Regula o comportamento sexual, agressividade, medo e memória emocional.
Efeito da Cor: Sugere mistério, curiosidade, luxo, superioridade, nobreza e luto.

Branco
Parte do Cérebro: Córtex Esquerdo
Função: Responsável pela lógica e pela comunicação.
Efeito da Cor: Sugere pureza, higiene e paz. Transmite a ideia de frescor e calma.

Verde
Parte do Cérebro: Córtex Pré-frontal
Função: Ligado às decisões, pensamento abstrato e criativo. Também é responsável pelas respostas afetivas e julgamento social.
Efeito da Cor: Transmite frescor, harmonia e equilíbrio.

Vermelho
Parte do Cérebro: Amígdala e Núcleo Accumbens
Função: Estruturas ligadas ao prazer.
Efeito da Cor: Emoção, virilidade, impulso, atenção, sexualidade e dinamismo.

Marrom
Parte do Cérebro: Sistema Límbico
Função: Gerenciar estados e respostas emocionais.
Efeito da Cor: Sugere estabilidade, conservadorismo, melancolia e pensamento.

Roxo
Parte do Cérebro: Pólo Frontal
Função: Responsável pelo planejamento de ações, movimento e pensamento abstrato.
Efeito da Cor: Estimula a fantasia, mistério, espiritualidade, egoísmo e ganância.

Amarelo e Laranja
Parte do Cérebro: Sistema dopaminérgico
Função: Gerenciar estados de recompensa e liberação de dopamina.
Efeito da Cor: Estimula o entusiasmo, alegria, energia, alerta e esperança.

Rosa
Parte do Cérebro: Área Tegmentar Ventral
Função: Controla a sensação de recompensa pela saciedade da fome, sede e sexo.
Efeito da Cor: Estimula a inocência, pureza, feminilidade, delicadeza e afeição.

Azul
Parte do Cérebro: Córtex Pré-frontal
Função: Ligado às decisões, pensamento abstrato e criativo.
Efeito da Cor: A tonalidade mais escura relaciona-se a poder e a mais clara estimula a produtividade, frescor, higiene e tranquilidade.



FESTIVAIS DE JAZZ

Cascais Jazz Festival / Jazz Num dia de Verão / Estoril Jazz

Promotor	Luiz Villas-Boas
Site	Não
Facebook	Não
Estado	Inativo
Edições	18 edições 1971-1988
Designação	Cascais Jazz Festival
Local	Parque Palmela, Cascais (1985-1988) Pavilhão do Dramático, Cascais (1971-1981) Pavilhão dos Salesianos, Estoril (1982-1984)
Data	Novembro (3 dias)
Preço Bilhetes	N/A
Campismo	Não
Estilo musical (principal)	Jazz
Nº espectadores (médio diário)	N/A
Palcos / Actuações	1 palco, 9 actuações (grupos/artistas)
Artistas principais	1971 – Miles Davis 1972 – Dave Brubeck trio 1973 – B.B. King 1974 – Water Sterath Trio 1975 – Charles Mingus 1976 – Muddy Waters 1977 – Johnny Griffin 1978 – Albert King 1979 – Buddy Guy / Junior Wells Blues Band 1980 – Didier Lockwood 1981 – Trio de Chet Baker 1982 – Quarteto Rão Kiao 1983 – Quarteto de Eric Le Lann 1984 – Rui Veloso com Banda de Blues 1985 – Art Themen com o Trio de Tommy Halferty 1986 – Quarteto Luigi Waites 1987 – Quarteto de Chet Baker

	1988 – Trio de John Horler
Emissão	TV: RTP 2 (alguns concertos de algumas edições em diferido)
Prémios	Não

Tabela recolhida em Bramão, Ricardo e Azevedo, Marta. Festivais de Música em Portugal, Chiado Editora, 2014, pág.303.

ProJazz

Promotor	ProJazz
Site	www.proJazz.pt
Facebook	Não
Estado	Ativo
Edições	34 edições 1982-2015
Designação	Estoril Jazz/Jazznum dia de Verão (1982-2014)
Local	Auditório Casino Estoril, Estoril
Data	Maio (4 dias – dois fins de semana)
Preço Bilhetes	Diário (25-35€)
Campismo	Não
Estilo musical (principal)	Jazz
Nº espectadores (médio diário)	270
Palcos / Actuações	1 palco, 6 actuações (bandas)
Artistas principais	1982 – Carmen Mc Rae 1983 – Pierre Blanchard 1984 – Jean Louis Chautemps 1985 – Art Themen 1986 – Alan Skidmore 1987 – Chet Baker 1988 – Horace Silver 1989 – Joe Williams 1990 – Marcus Roberts 1991 – Lenny Andrade 1992 – Sheila Jordan 1993 – Joe Henderson 1994 – Buck Hill 1995 – Maceo Parker

1996 – Lucky Peterson
1997 – Mc Coy Tyner
1998 – Quarteto de Dianne Reeves
1999 – Quarteto de Carmen Lundy
2000 – Quarteto de Nnenna Freelon
2001 – Quarteto de Charles Lloyd
2002 – Mingus Big Band
2003 – Claudio Roditi
2004 – Mark Shim
2005 – Von Freeman
2006 – Tim Hagans
2007 – Kurt Elling
2008 – Vanguard Jazz Orchestra
2009 – James Carter
2010 – Rennee Rosnes
2011 – Jack Walrath
2012 – Ambrose Akinmusire
2013 – Tierney Sutton
2014 – Francesco Cafiso
2015 – Sean Jones

Emissão Não
Prémios Não

Tabela recolhida em Bramão, Ricardo e Azevedo, Marta. Festivais de Música em Portugal, Chiado Editora, 2014, pág80.
Atualização de informações em www.proJazz.pt.

“Jazz em Agosto”

Promotor Fundação Calouste Gulbenkian
Site www.musica.gulbenkian.pt
Facebook Não
Estado Ativo
Edições 32 edições | 1984-2015
Outras designações Não
Local Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa
Data Agosto (10 dias)

Preço Bilhetes	Diário (12-20€)
Campismo	Não
Estilo musical (principal)	Jazz
Nº espectadores (médio diário)	7000
Palcos / Actuações	1 palco, 10 actuações (bandas)
Artistas principais	1984 – Quinteto Maria João 1985 – Dave Holland Quintet 1986 – Trevor Watt's Morié Music 1987 – Jan Garbarek Quartet 1988 – Cecil Taylor & Roger Woodward 1989 – The Jimmy Giuffre Four 1990 – Branford Marsalis Quartet 1991 – Tm Berne & Caos Totale 1992 – Steve Coleman & Five Elements 1993 – Ned Rothenberg Double Band 1994 – Kenny Wheeler & The Creative JazzOrchestra 1995 – Max Roach Quartet 1996 – Marcus Roberts Trio 1997 – Roy Haynes 1998 – Quinteto de Nuno Ferreira 1999 – Herbie Hancock 2000 – Lercy Jenkins 2001 – Ponga 2002 – Trygve Seim 2003 – The Necks 2004 – Now Orchestra 2005 – Giobe Unity Orchestra 2006 – Evan Parker 2007 – Hubbub 2008 – Last Date 2009 –George Lewis Sequel 2010 – John Surman + Jack DeJohnette 2011 – Cecil Taylor 2012 – Sunny Murray Taylor

	2013 – Maria João OGRE
	2014 – MMM Quartet
	2015 - trio Lok 03
Emissão	TV, RTP – Nas primeiras edições (1985 a 1987), existiu a gravação de alguns concertos, transmitidos em diferido.
Prémios	2014: Adventurous Programming in European Music, Europe JazzNetwork Award

Tabela recolhida em Bramão, Ricardo e Azevedo, Marta. Festivais de Música em Portugal, Chiado Editora, 2014, pág128.

Atualização de informações em www.musica.gulbenkian.pt

Guimarães Jazz

Promotor	Câmara Municipal de Guimarães / A Oficina / Associação Convívio
Site	Não
Facebook	Não
Estado	Ativo
Edições	23 edições 1992-2015
Outras designações	Não
Local	Centro Cultural Vila Flor / Black Box da Plataforma das Artes e da Criatividade, Guimarães (2010-2014) Auditório da Universidade do Minho / Café Milenário, Guimarães (1994) Esquadra PSP / Associação Convívio / Auditório Univ. do Minho, Guimarães (2004) Centro Cultural Vila Flor, Guimarães (2005-2007) Centro Cultural Vila Flor / CAE São Mamede / Associação Convívio, Guimarães (2009)
Data	Novembro (7 dias)
Preço Bilhetes	Diário (10-20€); Passe (90€)
Campismo	Não
Estilo musical (principal)	Jazz
Nº espectadores (médio diário)	600
Palcos / Actuações	2 palcos, 9 atuações (artistas)
Artistas principais	1992 – Trio Eduardo Santos

1993 – Conrad Herwing & Trio de Bernardo Sasseti
1994 – Laurent Filipe e Orquestra Som do mundo c/ Ali Ryerson
1995 – Kenny Wheeler
1996 – Gonzalo Rubalcava Cuban Quartet
1997 – Cármen Linares, Jean-Marc Padovani e Le Minotaure Orchestra
1998 – L’Orkestre des Pas Perdus – Maison Douce Maison
1999 – Michael Gibbs Orchestra – Turn Of The Century
2000 – Ernest Dawkins, New Horizon Ensemble
2001 – Uri Caine
2002 – Eric Person & Meta Four Quartet
2003 – Gianluigi Trovesi Big Band
2004 – Kenny Wheeler Big Band
2005 – Ralph Alessi Quartet, Featuring Jason Moran
2006 – Charlie Haden Liberation Music Orchestra
2007 – Steve Swallow
2008 – Kenny Barron Trio
2009 – Dave Holland Overtone Quartet
2010 – Charles Lloyd New Quartet
2011 – Roy Haynes “Fountain of Youth” Band
2012 – Herbie Hancock
2013 – Chano Domínguez with WDR Big Band
2014 – David Murray
2015 - ~~OBJ:OBJ:OBJ:~~ Joshua Redman e Taylor Ho Bynum

Emissão Não
Prémios Não

Tabela recolhida em Bramão, Ricardo e Azevedo, Marta. Festivais de Música em Portugal, Chiado Editora, 2014, pág.115.
Atualização de informações em <http://www.ccvf.pt/>.

Seixal Jazz

Promotor Câmara Municipal do Seixal
Site www.cm-seixal.pt/seixalJazz
Facebook Não
Estado Ativo
Edições 16 edições | 1996-2015
Outras Festival Internacional Seixal Jazz

designações

Local	Auditório Municipal do Seixal, Seixal
Data	Outubro (5 dias)
Preço Bilhetes	Diário (10€); Passe (30-40€)
Campismo	Não
Estilo musical (principal)	Jazz
Nº espectadores (médio diário)	300
Palcos / Actuações	1 palco, 6 actuações (grupos/ artistas)
Artistas principais	1996 – Sexteto Laurent Filipe “Mingus e Mais” 1997 – Benny Golson Quartet 1998 – Danilo Perez Quartet 1999 – Tony Martinez & The Cuban Power 2000 – Mark Shim / Mark Shim Quartet 2001 – Dave Douglas Sextet “Witness” 2003 – Jason Moran Trio + Sam Rivers 2005 – Wayne Escoffery Quintet 2008 – Dave Holland Quintet 2009 – Joe Lovano Us Five 2010 – Charlie Haden “Quartet West” 2011 – Ches Smith’ These Arches 2012 – Jazzafari Unit 2013 – Time Berne Snakeoil 2014 – Craig Taborn Trio 2015 - Carlos Bica
Emissão	Não
Prémios	Não

Tabela recolhida em Bramão, Ricardo e Azevedo, Marta. Festivais de Música em Portugal, Chiado Editora, 2014, pág232.
Atualização de informações em www.cm-seixal.pt/seixalJazz

Galp Energia Jazz

Promotor ProJazz

Site	www.proJazz.pt
Facebook	Não
Estado	Inativo
Edições	15 edições 1998; 1990; 1992-2004
Outras designações	Galp Jazz
Local	Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Porto / Centro Cultural de Belém, Lisboa (2004) Aula Magna, Lisboa (1988; 1990; 1992-1993; 1996) Centro Cultural de Belém, Lisboa (1994-1995;2003) Exponor, Matosinhos / Centro Cultural de Belém, Lisboa (1997-1998; 2001) Exponor, Matosinhos (1999)
Data	Dezembro (1 dia)
Preço Bilhetes	Diário (5-25€)
Campismo	Não
Estilo musical (principal)	Jazz
Nº espectadores (médio diário)	N/A
Palcos / Actuações	2 palcos, 2 actuações (artistas)
Artistas principais	1998 – Sephane Grappelli 1990 – Betty Carter 1992 – Three Ladies – Chris Connor, Annie Ross, “Queen” Esther Marrow 1993 – Three Ladies II – Jeannie Bryson, Etta Jones, Carol Sloane 1994 – Johnny Griffin 1995 – Concerto de Homenagem a Charlie Parker 1996 – Quarteto De Joe Lovano c/ Tom Harrel 1997 – Vanessa Rubin 1998 – Charmin Michelle + Tuxedo Big Band 1999 – Claudio Roditi 2000 – Freddy Cole 2001 – Warren Vaché All Stars 2002 – Terence Blanchard 2003 – Curtis Stigers 2004 – Mulgrew Miller

Emissão	Não
Prémios	Não

Tabela recolhida em Bramão, Ricardo e Azevedo, Marta. Festivais de Música em Portugal, Chiado Editora, 2014, pág353.
Atualização de informações em www.cm-seixal.pt/seixalJazz

Funchal Jazz Festival

Promotor	Câmara Municipal do Funchal
Site	http://www.funchalJazzfestival.org/
Facebook	Não
Estado	Ativo
Edições	16 edições 2000-2015
Outras designações	Não
Local	Parque de Santa Catarina e Scat Music Club & Restaurant, Funchal (2009-2014) Jardins da Quinta Magnólia, Funchal (2000-2008)
Data	Julho (3 dias)
Preço Bilhetes	Diário (15€); Passe (30€)
Campismo	Não
Estilo musical (principal)	Jazz
Nº espectadores (médio diário)	2080
Palcos / Actuações	2 palcos, 7 atuações (artistas)
Artistas principais	2000 – Lucky Peterson Blues Band 2001 – The Brecker Brothers 2002 – Dee Dee Bridgewaters 2003 – Toots Thelemans Quartet 2004 – Liz Wright 2005 – Diane Reeves 2006 – McCoyTyner Septet 2007 – Nnenna Freelon Quartet 2008 – Didier Lockwood New Generation 2009 – Ron Carter Quintet 2010 – Esperanza Spalding

	2011 – Brandford Marsalis & Joey Calderazzo Duo
	2012 – Jean Luc Ponty & His Band
	2013 – Chick Corea and the Vigil
	2014 – Jason Moran
	2015 – Kurt Elling
Emissão	TV, RTP2 (alguns concertos transmitidos em directo)
Prémios	Não

Tabela recolhida em Bramão, Ricardo e Azevedo, Marta. Festivais de Música em Portugal, Chiado Editora, 2014, pág.108.
Atualização de informações em <http://www.funchalJazzfestival.org/>.

Braga Jazz

Promotor	Theatro Circo
Site	Não
Facebook	Não
Estado	Inativo
Edições	11 edições 2000-2010
Outras designações	Não
Local	Theatro Circo, Braga (2007-2010) Parque Municipal de Exposições, Braga (2000-2006)
Data	Março (5 dias)
Preço Bilhetes	Diário (10€); Passe (40€)
Campismo	Não
Estilo musical (principal)	Jazz
Nº espectadores (médio diário)	203
Palcos / Actuações	2 palcos, 10 actuações (grupos/ artistas)
Artistas principais	2000 – Steve Kuhn Trio 2001 – Gerry Hemingway 2002 – Marty Ehrlich 2003 – Latin JazzSextet 2004 – Ugonna Okegwo Quartet 2005 – Orquestra de Jazzde Bruxelas 2006 – Pino Minafra Sud Ensemble

	2007 – Mário Laginha
	2008 – John Taylor trio
	2009 – Marta Hugon
	2010 – Cláudia Quintet
Emissão	Não
Prémios	Não

Tabela recolhida em Bramão, Ricardo e Azevedo, Marta. Festivais de Música em Portugal, Chiado Editora, 2014. Atualização de informações em www.cm-seixal.pt/seixalJazz

Portalegre Jazz Fest

Promotor	Centro de Artes do Espetáculo de Portalegre
Site	http://caeportalegre.blogspot.pt/
Facebook	Não
Estado	Ativo
Edições	12 edições 2003-2015
Outras designações	Não
Local	Centro de Artes do Espetáculo, Portalegre
Data	Março (3 dias)
Preço Bilhetes	Diário (3-8€)
Campismo	Não
Estilo musical (principal)	Jazz
Nº espectadores (médio diário)	N/A
Palcos / Actuações	1 palco, 6 actuações (orquestras + artistas)
Artistas principais	2003 – 2005 – N/A 2006 – Contra3aixos 2007 – Mário Barreiros 2008 – Júlio Resende 2009 – Joana Machado 2010 – Open Gate 5 2011 – Bernardo Sasseti Trio 2012 – Harris Eisenstadt September Trio 2013 – Lama ft. Chris Speed

	2014 – Mário Laginha Trio
	2015 – André Matos
Emissão	Não
Prémios	Não

Tabela recolhida em Bramão, Ricardo e Azevedo, Marta. Festivais de Música em Portugal, Chiado Editora, 2014, pág203.

Atualização de informações em http://lazer.publico.pt/festivais/345798_portalegre-Jazzfest-2015

EDP Cool Jazz Fest

Promotor	Música no Coração / K Live Experience
Site	www.edpcooljazz.com
Facebook	Não
Estado	Ativo
Edições	12 edições 2004-2015
Outras designações	Cool JazzFest (2004-2008) Cascais Cool Jazz(2009-2011) Mafra Cool Jazz(2009-2010)
Local	Jardim do Marquês de Pombal / Parque dos Poetas, Oeiras
Data	Julho (7noites ao longo do mês)
Preço Bilhetes	Diário (30-40€)
Campismo	Não
Estilo musical (principal)	Jazz
Nº espectadores (médio diário)	5000
Palcos / Actuações	1 palco, 11 actuações (artistas e bandas)
Artistas principais	2004 – Adriana Calcanhoto 2005 – jamie Cullum 2006- Diana Krall 2007- Norah Jones 2008- Caetano Veloso 2009- Vaya com Dios 2010- Elvis Costello & The Sugarcanes 2011- Seal 2012- Sting

	2013- John Legend
	2014- Orquestra Buena Vista Social Culb
	2015- Chick Corea & Herbie Hancock
Emissão	TV, RTP2 (alguns concertos transmitidos em directo)
Prémios	Não

Tabela recolhida em Bramão, Ricardo e Azevedo, Marta. Festivais de Música em Portugal, Chiado Editora, 2014, pág.73.
Atualização de informações em www.edpcooljazz.com.

MEO Out Jazz

Promotor	NCS
Site	www.ncs.pt/outJazz
Facebook	Não
Estado	Ativo
Edições	9 edições 2007-2015
Outras designações	Pleno OutJazz(2007-2008) OutJazz(2009-2010) Nivea OutJazz(2011)
Local	Vários jardins e locais exteriores, Lisboa
Data	Maio a Setembro (66 dias – 6 ^{as} , sábados e domingos)
Preço Bilhetes	Entrada Livre
Campismo	Não
Estilo musical (principal)	Jazz
Nº espectadores (médio diário)	2000
Palcos / Actuações	1 palco, 124 actuações (bandas + dj's)
Artistas principais	2007 – Tó Ricciardi 2008 – Maria João & Mário Laginha 2009 – Macacos do Chinês 2010 – Tiago Bettencourt & Mantha 2011 – Rui Murka 2012 – Elisa Rodrigues 2013 – Dj Ride 2014 – Veecious 2015 – Dj Nuno Di Rosso

Emissão	Não
Prémios	Não

Tabela recolhida em Bramão, Ricardo e Azevedo, Marta. Festivais de Música em Portugal, Chiado Editora, 2014, pág154.
Atualização de informações em www.ncs.pt/outJazz

Sines em Jazz

Promotor	Associação Pro Artes
Site	www.sines.pt
Facebook	Não
Estado	Inativo
Edições	7 edições 2007-2013
Outras designações	Não
Local	Auditório Centro de Artes, Sines
Data	Agosto (3 dias)
Preço Bilhetes	Entrada livre (mediante reserva)
Campismo	Não
Estilo musical (principal)	Jazz
Nº espectadores (médio diário)	200
Palcos / Actuações	1 palco, 10 actuações (bandas/artistas)
Artistas principais	2007 – Sérgio Plágio, Mário Franco e Pedro segundo 2008 – Filipe Raposo Trio 2009 – Afonso Pais Trio 2010 – Quinteto Sara Valente 2011 – Miguel Amado Group 2012 – The Mingus Project 2013 – Funky Bones Factory
Emissão	Não
Prémios	Não

Tabela recolhida em Bramão, Ricardo e Azevedo, Marta. Festivais de Música em Portugal, Chiado Editora, 2014, pág428.

GRUPOS E ARTÍSTAS

Jazz em Agosto

“Jazz em Agosto” (1984-2012)

1984

Organização: ACARTE / FCG com o apoio do Hot Clube de Portugal

3 eventos

1, Agosto, 1984 (18h30) – Anfiteatro ao Ar Livre

QUINTETO DE MARIA JOÃO

MARIA JOÃO (voice)

CARLOS MARTINS (saxophone tenor)

ANTÓNIO MANUEL (piano)

DAVID GAUSDEN (contrabass)

CARLOS VIEIRA (drums)

22, Agosto, 1984 (18:30) - Anfiteatro ao Ar Livre

SEXTETO DE JAZZ DE LISBOA

TOMÁS PIMENTEL (trumpet)

EDGAR CAMELO (saxophone alto)

CARLOS MARTINS (saxophone tenor)

MÁRIO LAGINHA (piano)

DAVID GAUSDEN (contrabass)

CARLOS VIEIRA (drums)

29, Agosto, 1984 (18:30) - Anfiteatro ao Ar Livre

QUARTETO ANTÓNIO PINHO VARGAS

ANTÓNIO PINHO VARGAS (piano)

JOSÉ NOGUEIRA (saxophone alto, saxophone soprano)

PEDRO BARREIROS (contrabass, bass eléctrico)

MARIO BARREIROS (drums)

1985

6 eventos

1 Ago 1985, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

SUN RA ARKESTRA

SUN RA (piano, órgão, sintetizador)

JOHN GILMORE (saxofone tenor, clarinete, flauta)

MARSHALL ALLEN (saxofone alto, oboé, flauta)

MICHAEL RAY (trompete, fliscórnio)

NÖEL SCOTT (saxofone alto, saxofone barítono, flauta)

DANNY THOMPSON (saxofone barítono, flauta)

KENNETH WILLIAMS (saxofone tenor, saxofone barítono, flauta)

CHRIS ANDERSON (bateria)

ERIC WALKER (bateria)

JUNE TYSON (voz)

3 Ago 1985, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

SUN RA ARKESTRA

SUN RA (piano, órgão, sintetizador)

JOHN GILMORE (saxofone tenor, clarinete, flauta)

MARSHALL ALLEN (saxofone alto, oboé, flauta)

MICHAEL RAY (trompete, fliscórnio)

NÖEL SCOTT (saxofone alto, saxofone barítono, flauta)

DANNY THOMPSON (saxofone barítono, flauta)

KENNETH WILLIAMS (saxofone tenor, saxofone barítono, flauta)

CHRIS ANDERSON (bateria)

ERIC WALKER (bateria)

JUNE TYSON (voz)

7 Ago 1985, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

ANTÓNIO PINHO VARGAS ENSEMBLE

ANTÓNIO PINHO VARGAS (piano)

JOSÉ NOGUEIRA (saxofones, sintetizador)

FREDERICO SERRANO (sintetizadores)

JOSÉ CARLOS COSTO (oboé)

MÁRIO BARREIROS (bateria)

RUI JÚNIOR (percussão)

14 Ago 1985, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

QUARTETO ONIX

LLUÍS VIDAL (piano)

JOSÉ EDUARDO (contrabaixo)

JORDI ROSSY (bateria)

JOSEP ALBERT CUBERO (guitarra eléctrica)

21 Ago 1985, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

TERJE RYPDAL TRIO

TERJE RYPDAL (guitarra eléctrica)

BJORN KJELLMeyer (contrabaixo)

AUDUN KLEIVE (bateria)

28 Ago 1985, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

DAVE HOLLAND QUINTET

DAVE HOLLAND (contrabaixo)

KENNY WHEELER (trompete, fliscórnió)

JULIAN PRIESTER (trombone)

STEVE COLEMAN (saxofone alto, flauta)

MARVIN «SMITHY» SMITH (bateria)

1986

8 eventos

5 Ago 1986, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

STEVE LACY SEXTET

STEVE LACY (saxofone soprano)

STEVE POTTS (saxofone alto, saxofone soprano)

IRENE AEBI (voz, violino)

BOBBY FEW (piano)

JEAN-JACQUES AVENEL (contrabaixo)

OLIVER JOHNSON (bateria)

6 Ago 1986, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

STEVE LACY SEXTET

STEVE LACY (saxofone soprano)

STEVE POTTS (saxofone alto, saxofone soprano)

IRENE AEBI (voz, violino)

BOBBY FEW (piano)

JEAN-JACQUES AVENEL (contrabaixo)

OLIVER JOHNSON (bateria)

13 Ago 1986, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

SAHEB SARBIB QUARTET

SAHEB SARBIB (contrabaixo)

KIRK LIGHTSEY (piano)

JOE FORD (saxofone alto)

BOBBY BATTLE (bateria)

14 Ago 1986, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

SAHEB SARBIB QUARTET

SAHEB SARBIB (contrabaixo)

KIRK LIGHTSEY (piano)

JOE FORD (saxofone alto)

BOBBY BATTLE (bateria)

20 Ago 1986, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

PAUL MOTIAN TRIO

PAUL MOTIAN (bateria, percussão)

BILL FRISELL (guitarra, guitarra eléctrica sintetizada)

JOE LOVANO (saxofone tenor)

21 Ago 1986, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

PAUL MOTIAN TRIO

PAUL MOTIAN (bateria, percussão)

BILL FRISELL (guitarra, guitarra eléctrica sintetizada)

JOE LOVANO (saxofone tenor)

27 Ago 1986, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

TREVOR WATT'S MOIRÉ MUSIC

TREVOR WATT'S (saxofone alto, saxofone soprano)

SIMON PICARD (saxofone tenor, saxofone soprano)

LOL COXHILL (saxofone soprano, saxofone sopranino)

PETE MCPHAIL (saxofone soprano, saxofone sopranino)

PETER KNIGHT (violino)

STEVE COOKE (violino)

LIAM GENOCKEY (bateria)

NANA TSIBOE (percussão)

VERYAM WESTON (piano)

PAUL RODGERS (baixo eléctrico)

28 Ago 1986, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

TREVOR WATT'S MOIRÉ MUSIC

TREVOR WATT'S (saxofone alto, saxofone soprano)

SIMON PICARD (saxofone tenor, saxofone soprano)

LOL COXHILL (saxofone soprano, saxofone sopranino)

PETE MCPHAIL (saxofone soprano, saxofone sopranino)

PETER KNIGHT (violino)

STEVE COOKE (violino)

LIAM GENOCKEY (bateria)

NANA TSIBOE (percussão)

VERYAM WESTON (piano)

PAUL RODGERS (baixo eléctrico)

1987

8 eventos

5 Ago 1987, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

WORLD SAXOPHONE QUARTET

HAMIET BLUIET (saxofone barítono, clarinete)

JULIUS HEMPHILL (saxofone alto, saxofone soprano)

OLIVER LAKE (saxofone alto, saxofone tenor, saxofone soprano)

DAVID MURRAY (saxofone tenor)

6 Ago 1987, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

WORLD SAXOPHONE QUARTET

HAMIET BLUIET (saxofone barítono, clarinete)

JULIUS HEMPHILL (saxofone alto, saxofone soprano)

OLIVER LAKE (saxofone alto, saxofone tenor, saxofone soprano)

DAVID MURRAY (saxofone tenor)

11 Ago 1987, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

MÁRIO LAGINHA DECATETO

MÁRIO LAGINHA (piano, sintetizadores)

TOMÁS PIMENTEL (trompete)

EDGAR CAMELO (saxofone tenor, saxofone barítono)

JOSÉ NOGUEIRA (saxofone tenor, saxofone soprano)

JORGE REIS (saxofone alto)

EDUARDO ABREU (fliscorne)

MÁRIO BRANCO (contrabaixo)

PEDRO BARREIROS (contrabaixo)

MÁRIO BARREIROS (bateria)

JOSÉ SALGUEIRO (percussão)

13 Ago 1987, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

SHISH + CARLOS ZÍNGARO

JOSÉ PEIXOTO (guitarra)

PEDRO CURADO (saxofone alto, fliscorne)

JOSÉ MARTINS (bateria, sintetizador, percussão)

CARLOS ZÍNGARO (violino)

19 Ago 1987, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

JAN GARBAREK QUARTET

JAN GARBAREK (saxofone tenor, saxofone soprano)

EBERHARD WEBER (contrabaixo)

LARS JANSSON (teclados)

NANA VASCONCELOS (percussão)

20 Ago 1987, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

JAN GARBAREK QUARTET

JAN GARBAREK (saxofone tenor, saxofone soprano)

EBERHARD WEBER (contrabaixo)

LARS JANSSON (teclados)

NANA VASCONCELOS (percussão)

25 Ago 1987, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

ART ENSEMBLE OF CHICAGO

LESTER BOWIE (trompete, fliscorne)

JOSEPH JARMAN (saxofone soprano, saxofone alto, saxofone tenor, barítono, percussão, sintetizadores)

ROSCOE MITCHELL (saxofone soprano, saxofone alto, saxofone tenor, fliscorne, clarinete)

MALACHI FAVORS MAGHOSTUS (contrabaixo)

FAMOUDOU DON MOYE (bateria, percussão)

26 Ago 1987, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

ART ENSEMBLE OF CHICAGO

LESTER BOWIE (trompete, fliscorne)

JOSEPH JARMAN (saxofone soprano, saxofone alto, saxofone tenor, barítono, percussão, sintetizadores)

ROSCOE MITCHELL (saxofone soprano, saxofone alto, saxofone tenor, fliscorne, clarinete)

MALACHI FAVORS MAGHOSTUS (contrabaixo)

FAMOUDOU DON MOYE (bateria, percussão)

1988

10 eventos

3 Ago 1988, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

VIENNA ART ORCHESTRA

LAUREN NEWTON (voz)

HANNES KOTTEK (trompete)

BUMI FIAN (trompete)

HERBERT JOOS (fliscorne)

CHRISTIAN RADOVAN (trompete)

JON SASS (tuba)

WOLFGANG PUSCHING (saxofone, flauta, clarinete-baixo)

HARRY SOKAL (saxofone, flauta)

ROMAN SCHWALLER (sax tenor)

WOODY SCHABATA (vibrafone)

ULI SCHERER (piano)

WOLFGANG REISINGER (percussão)

ERICH DORFINGER (som)

MATHIAS RUEGG (director, compositor)

4 Ago 1988, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

VIENNA ART ORCHESTRA

LAUREN NEWTON (voz)

HANNES KOTTEK (trompete)

BUMI FIAN (trompete)

HERBERT JOOS (fliscorne)

CHRISTIAN RADOVAN (trompete)

JON SASS (tuba)

WOLFGANG PUSCHING (saxofone, flauta, clarinete-baixo)

HARRY SOKAL (saxofone, flauta)

ROMAN SCHWALLER (sax tenor)

WOODY SCHABATA (vibrafone)

ULI SCHERER (piano)

WOLFGANG REISINGER (percussão)

ERICH DORFINGER (som)

MATHIAS RUEGG (director, compositor)

10 Ago 1988, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

SEXTETO ANTÓNIO PINHO VARGAS

ANTÓNIO PINHO VARGAS (piano)

JOSÉ NOGUEIRA (saxofone)

PEDRO BARREIROS (contrabaixo)

MÁRIO BARREIROS (bateria)

QUICO (sintetizadores)

RUI JÚNIOR (percussão)

12 Ago 1988, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

CARLOS MARTINS COLECTIVO

CARLOS MARTINS (saxofones)

BERNARDO SASSETTI (piano)

BERNARDO MOREIRA (contrabaixo)

CARLOS VIEIRA (bateria)

JOSÉ SALGUEIRO (bateria, percussão)

MIGUEL SÁ PESSOA (sintetizadores)

MÁRIO FRANCO (contrabaixo)

LAURENT FILIPE (trompete)

TOMÁS PIMENTEL (trompete)

CLAUS NYMARK (trombone)

NEVES ROCHA (trombone)

17 Ago 1988, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

CECIL TAYLOR / ROGER WOODWARD

CECIL TAYLOR (piano)

ROGER WOODWARD (piano)

18 Ago 1988, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

CECIL TAYLOR / ROGER WOODWARD

CECIL TAYLOR (piano)

ROGER WOODWARD (piano)

18 Ago 1988, 23:59 - Anfiteatro ao Ar Livre

Conferência / Demonstração com **Cecil Taylor** e Roger Woodward

24 Ago 1988, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

ORNETTE COLEMAN E «PRIME TIME BAND»

ORNETTE COLEMAN (saxofone alto, trompete, violino)

KEN WESSELL (guitarra)

CHRIS ROSENBERG (guitarra)

ALBERT MCDOWELL (baixo eléctrico)

CHRIS WALKER (baixo eléctrico)

DENARDO COLEMAN (bateria)

BADAL ROY (percussão)

25 Ago 1988, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

ORNETTE COLEMAN E «PRIME TIME BAND»

ORNETTE COLEMAN (saxofone alto, trompete, violino)

KEN WESSELL (guitarra)

CHRIS ROSENBERG (guitarra)

ALBERT MCDOWELL (baixo eléctrico)

CHRIS WALKER (baixo eléctrico)

DENARDO COLEMAN (bateria)

BADAL ROY (percussão)

25 Ago 1988, 23:59 - Anfiteatro ao Ar Livre

Conferência / Demonstração com **Ornette Coleman**

1989

Quarta, 2 Ago 1989, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Henry Threadgill Sextet

Henry Threadgill (saxofone alto, saxofone tenor, barítono, clarinete, flautas),

Ted Daniels (trompete, flugelhorn),

Bill Lowe (trombone),

Diedre Murray (violoncelo),

Fred Hopkins (contrabaixo),

Reggie Nicholson (bateria),

Newman Baker (bateria)

Quinta, 3 Ago 1989, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Henry Threadgill Sextet

Henry Threadgill (saxofone alto, saxofone tenor, barítono, clarinete, flautas)

Ted Daniels (trompete, flugelhorn)

Bill Lowe (trombone)

Diedre Murray (violoncelo)

Fred Hopkins (contrabaixo)

Reggie Nicholson (bateria)

Newman Baker (bateria)

Quarta, 9 Ago 1989, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Nouvelle Cuisine Electric Band

Sascha Otto (saxofone tenor, saxofone soprano, saxofone tenor, saxofone

picollo)

Thomas Kugi (saxofone tenor, saxofone soprano)

Helge Hinteregger (saxofone tenor)

Helmut Strobl (saxofone barítono, saxofone tenor, clarinete)

Niki Friesenbichler (trompete)

Walter Fend (trompete)

Franz Hackl (trompete)

Lars Lindvall (trompete)

Robert Radelmacher (trombone)

Charlie Wagner (trombone baixo)

Christoph Cech (piano, teclados)

Konrad Schrenk (guitarra)

Bertl Pistrachler (contrabaixo)

Christian Muhlbacher (bateria)

Gerhard Reiter (percussão)

Sexta, 11 Ago 1989, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

José Peixoto «El Fad»

José Peixoto (guitarra)

Martin Fredebeul (saxofone alto, clarinete baixo, saxofone soprano, flauta)

Mário Laginha (piano, teclados)

Carlos Bica (contrabaixo)

Mário Barreiros (bateria)

José Martins (percussão)

Quarta, 16 Ago 1989, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

The Jimmy Giuffre Four

Jimmy Giuffre (saxofone tenor, saxofone soprano, clarinete, flauta)

Peter Levin (teclados)

Bob Nieske (baixo eléctrico)

Randy Kaye (bateria)

Quinta, 17 Ago 1989, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

The Jimmy Giuffre Four

Jimmy Giuffre (saxofone tenor, saxofone soprano, clarinete, flauta)

Peter Levin (teclados)

Bob Nieske (baixo eléctrico)

Randy Kaye (bateria)

Quarta, 23 Ago 1989, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

George Russel, The Living Time Orchestra

Ian Carr (trompete)

Stuart Brooks (trompete)

Peter Beachill (trombone)

Ashley Slater (trombone baixo)

Chris Biscoe (saxofone alto)

Peter Hurt (saxofone alto)

Andy Sheppard (saxofone tenor)

Brad Matfield (teclados)

Steve Lodder (teclados)

David Fyuczinski (guitarra)

Bill Urmson (baixo eléctrico)

Steve Johns (bateria)

Dave Abrams (percussão)

George Russell (condutor)

Quinta, 24 Ago 1989, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

George Russel, The Living Time Orchestra

Ian Carr (trompete)

Stuart Brooks (trompete)

Peter Beachill (trombone)

Ashley Slater (trombone baixo)

Chris Biscoe (saxofone alto)

Peter Hurt (saxofone alto)

Andy Sheppard (saxofone tenor)

Brad Matfield (teclados)

Steve Lodder (teclados)

David Fyuczinski (guitarra)

Bill Urmson (baixo eléctrico)

Steve Johns (bateria)

Dave Abrams (percussão)

George Russell (condutor)

1990

10 eventos

Quinta, 2 Ago 1990, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Branford Marsalis Quartet

Branford Marsalis (saxofone)

Kenny Kirkland (piano)

Robert Hurst (contrabaixo)

Jeff «Tain» Watts (bateria)

Sexta, 3 Ago 1990, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Branford Marsalis Quartet

Branford Marsalis (saxofone)

Kenny Kirkland (piano)

Robert Hurst (contrabaixo)

Jeff «Tain» Watts (bateria)

Quarta, 8 Ago 1990, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Bennie Wallace Quartet

Bennie Wallace (saxofone)

Mitch Watkins (guitarra)

Edward Bill Huntington (contrabaixo)

John Vidacovich (bateria)

Quinta, 9 Ago 1990, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Bennie Wallace Quartet

Bennie Wallace (saxofone)

Mitch Watkins (guitarra)

Edward Bill Huntington (contrabaixo)

John Vidacovich (bateria)

Quinta, 9 Ago 1990, 23:59 - Sala Polivalente

Workshop pelo **Bennie Wallace Quartet**

Sexta, 10 Ago 1990, 23:59 - Sala Polivalente

Workshop pelo **Bennie Wallace Quartet**

Quinta, 16 Ago 1990, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

José Castro, Mário Franco Ensemble

Tomás Pimentel (trompete, fliscorne)

Pedro Moreira (saxofone tenor)

Jorge Reis (saxofone alto)

Klaus Nymark (trombone)

José Menezes (saxofone soprano)

José Salgueiro (percussão)

André Sousa Machado (bateria)

José Castro (piano, sintetizadores)

Mário Franco (contrabaixo)

Sexta, 17 Ago 1990, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

António Pinho Vargas

António Pinho Vargas (piano, sintetizador)

Arid Andersen (contrabaixo)

José Nogueira (saxofone alto)

Adam Rudolph (percussão)

Quarta, 22 Ago 1990, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

The Dirty Dozen Brass Band

Gregory Davis (trompete)

Efrem Towns (trompete)

Kevin Harris (saxofone tenor)

Roger Lewis (saxofone soprano, saxofone barítono), Charles Joseph (trombone)

Kirk Joseph (sousafone)

Jenell Marshall (tarola, voz)

Lionel Batiste (bombo)

Quinta, 23 Ago 1990, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

The Dirty Dozen Brass Band

Gregory Davis (trompete)

Efrem Towns (trompete)

Kevin Harris (saxofone tenor)

Roger Lewis (saxofone soprano, saxofone barítono)

Charles Joseph (trombone)

Kirk Joseph (sousafone)

Jenell Marshall (tarola, voz)

Lionel Batiste (bombo)

1991

4 eventos

Terça, 20 Ago 1991, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Lenny Pickett, Borneo Horns

Lenny Pickett (saxofones, clarinetes), Lino Gomez (saxofone), Stan Harrison (saxofone), Leroy Clouden (bateria, percussão)

Quinta, 22 Ago 1991, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Don Byron Quartet

Don Byron (clarinete, clarinete-baixo), David Gilmore (guitarra eléctrica), Kenny Davis (baixo eléctrico, contrabaixo), Gene Jackson (bateria)

Domingo, 25 Ago 1991, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Tim Berne, Caos Totale

Tim Berne (saxofone alto), Herb Robertson (trompete), Steve Swell (trombone), Allen Jaffe (guitarra eléctrica), Mark Dresser (contrabaixo), Bobby Previte (bateria)

Terça, 27 Ago 1991, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Bobby Previte, Empty Suits

Curtis Fowlkes (trombone), Allen Jaffe (guitarra eléctrica), Steve Gaboury (piano, teclados), Jerome Harris (baixo eléctrico), Bobby Previte (bateria)

1992

4 eventos

Quinta, 20 Ago 1992, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Steve Coleman, Five Elements

Steve Coleman (saxofones), Andy Milne (teclados), David Gilmore (guitarra)

Reggie Washington (baixo), Gene Lake (percussão)

Terça, 25 Ago 1992, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Willem Breuker Kollektief

Willem Breuker (clarinete, saxofone), André Godbeek (saxofone alto), Peter Barkema (saxofone tenor), Andreas Altenfelder (trompete), Boy Raamakers (trompete), Gregg Moore (trombone), Bernard Hunnekink (trombone), Henk de Jonge (piano, teclados), Arjen Gorter (baixo), Rob Verdurmen (percussão), Alex Coke (flauta, saxofone)

Quinta, 27 Ago 1992, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Dave Holland / Mino Cinelu / John Blake

Dave Holland (contrabaixo), Mino Cinelu (percussão), John Blake (violino)

Domingo, 30 Ago 1992, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Shankar / Andy Sheppard / Nana Vasconcelos

Shankar (violino), Andy Sheppard (saxofone tenor, saxofone soprano), Nana Vasconcelos (percussão)

1993

4 eventos

Quinta, 19 Ago 1993, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Daunik Lazro + Joe McPhee Quintet Distico

Daunik Lazro (saxofone alto, saxofone barítono), Dominique Regeff (sanfona, violoncelo), Lê Quan Ninh (percussão), Martine Altenburger (violoncelo), Michel Doneda (saxofones soprano), Joe McPhee (trompete)

Domingo, 22 Ago 1993, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Ned Rothenberg Double Band

Ned Rothenberg (saxofones), Thomas Chapin (saxofones alto), Jerome Harris (baixo, guitarra), Kermit Driscoll (baixo), Billy Martin (bateria), Adam Rudolph (percussão)

Quinta, 26 Ago 1993, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Rova Saxophone Quartet + Alvin Curran

Jon Raskin (saxofone barítono), Larry Ochs (saxofone tenor), Bruce Ackley (saxofone soprano), Steve Adams (saxofone alto), Alvin Curran (piano, electrónica)

Domingo, 29 Ago 1993, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Mike Westbrook Orchestra

Stuart Brooks (trompete), Jonathan Scott (trompete), Noel Langley (trompete), James McMillan (trompete), Chris Biscoe (saxofone), Alan Barnes (saxofone), Peter Whyman (saxofone), Alan Wakeman (saxofone), Chris Caldwell (saxofone), Duncan Lamont jr. (saxofone), Paul Nieman (trombone), Adrian Lane (trombone), Tracy Holloway (trombone), Andy Grappy (tuba), Paul Jayasinha (violoncelo), Anthony Kerr (vibrafone), Steve Berry (baixo), James Crabbe (acordeão), Mike Westbrook (piano), Kate Westbrook (voz)

1994

6 eventos

Sábado, 20 Ago 1994, 22:00 - Anfiteatro ao Ar Livre

Kenny Wheeler, The Creative JazzOrchestra

Kenny Wheeler (direcção, composição, trompete, fliscorne), Norma Winston (voz), Richard Iles (trompete), Derek Watkins (trompete), Dale Gibson (trompete), Henry Lowther (trompete), Mark Nightingale (trombone), Chris Bridges (trombone), Liam Kirman (trombone), Chris Fower (trombone), Evar. Parker (saxofone), Julian Argüelles (saxofone), Ian Dixon (saxofone), Stan Sulzman (saxofone), Andy Schofield (saxofone), Mike Walker (guitarra), John Taylor (piano), Gary Culshaw (contrabaixo), Eryl Roberts (bateria)

Quinta, 25 Ago 1994, 22:00 - Anfiteatro ao Ar Livre

Luis Vidal Trio, Barcelona Wind Ensemble

Luis Vidal (direcção, composição, arranjos, piano), Jordi Gaspar (contrabaixo), David Xirgu (bateria), Jaume Cortadellas (flauta, flauta grave, flauta em sol, flauta piccolo), Philippe Vallet (oboé, corne inglês), Xavier Figuerola (clarinete, clarinete baixo, saxofone tenor), David Bixler (saxofone alto, saxofone soprano), Frantisek Supin (trompa), Mateu Simon (trompete), John Dubuclet (trombone), Sergi Vergés (tuba)

Sexta, 26 Ago 1994, 22:00 - Anfiteatro ao Ar Livre

Orchestre National de Jazz

Denis Badault (direcção, composição, piano), Elise Caron (voz), Claude Egea (trompete), Claus Stotter (trompete), Jean-Louis Pommier (trombone), Geoffroy de Masure (trombone), Didier Havet (tuba), Simon Spang-Hanssen (saxofones), Rémi Biet (saxofones), Laurent Hoevenaers (violoncelo), Lionel Benhamou (guitarra), Bob Harrisson (contrabaixo, baixo eléctrico), François Laizeau (bateria), Xavier Desandre-Navarre (percussão)

Sábado, 27 Ago 1994, 22:00 - Anfiteatro ao Ar Livre

Steve Lacy Sextet

Steve Lacy (direcção, composição, saxofone soprano), Steve Potts (saxofone alto, saxofone soprano), Irene Aebi (voz, violino), Bobby Few (piano), Jean-Jacques Avenel (contrabaixo), Oliver Johnson (bateria), Ricky Ford (saxofone tenor), Tom Warner (trompa), Sam Kelly (percussão)

Segunda, 29 Ago 1994, 22:00 - Anfiteatro ao Ar Livre

Peter Erskine Trio

Peter Erskine (composição, bateria), John Taylor (piano), Palle Danielsson (contrabaixo)

Quarta, 31 Ago 1994, 22:00 - Anfiteatro ao Ar Livre

Bernardo Sasseti

Bernardo Sasseti (direcção, composição, piano), Guy Barker (trompete, fliscorne), Perico Sambeat (saxofone alto, saxofone soprano, flauta), François Théberge (saxofone tenor, saxofone soprano, flauta), Wayne Batchelor (contrabaixo), André Sousa Machado (bateria), João Ferreira (percussão)

1995

7 eventos

Coordenação: Luís Hilário e Hot Clube Portugal.

Quarta, 2 Ago 1995, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Max Roach Quartet

Max Roach (bateria), Cecil Bridgewater (trompete), Odean Pope (saxofone tenor), Tyronne Brown (contrabaixo)

Quinta, 3 Ago 1995, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Max Roach Double Quartet

Cecil Bridgewater (trompete), Odean Pope (saxofone tenor), Tyronne Brown (contrabaixo), Max Roach (bateria), Diane Monroe (violino), Lisa Terry (violino), Maxine Roach (viola), Eille Folsom (violoncelo)

Sexta, 4 Ago 1995, 21:30 - Auditório Dois

Max Roach Drum Solo

Max Roach (bateria)

Terça, 8 Ago 1995, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

1ª Parte: **Colectivo Português de percussão**

2ª Parte: **Quinteto de Carlos Barreto**

Quarta, 9 Ago 1995, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

1ª Parte: **Septeto de Tomás Pimentel**

2ª Parte: **Maria João / Mário Laginha com a orquestra do Hot Clube de Portugal dirigida por Pedro Moreira**

Quarta, 16 Ago 1995, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

«Uma noite com dois pianos» **Kenny Barron / Cedar Walton com Ray Drummond e Ben Riley**

Cedar Walton (piano), Kenny Barron (piano), Ray Drummond (contrabaixo), Ben Riley (bateria)

Quinta, 17 Ago 1995, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Toshiko Akiyoshi JazzOrchestra featuring Lew Tabackin

Mike Ponella (trompete), John Eckert (trompete), Joe Magnarelli (trompete), Bryan Lynch (trompete), Scott Whitfield (trombone), Luis Bonilla (trombone), Steve Armour (trombone), Jeff Nelson (trombone), Dave Pietro (saxofone), Jim Snidero (saxofone), Lew Tabackin (saxofone), Walt Weiskopf (saxofone), Scott Robinson (saxofone), Toshiko Akiyoshi (piano), Doug Weiss

(contrabaixo), Terry Clarke (bateria)

1996

7 eventos

Coordenação: Luís Hilário e Hot Clube Portugal

Quinta, 1 Ago 1996, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Marcus Roberts Trio

Marcus Roberts (piano), David Grossman (contrabaixo), Jason Marsalis (bateria)

Sexta, 2 Ago 1996, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

1ª Parte: **Quarteto Maria Pia De Vito**

Maria Pia De Vito (voz), Carlo Morena (piano), Bernardo Moreira (contrabaixo), Marcello Di Leonardo (bateria)

2ª Parte: **Randy Weston, The Gnawa From Morocco**

Randy Weston (piano), Abdellah El Gourd (percussão), Abdnebi Oubella (percussão), Mostafa Oubella (percussão)

Terça, 6 Ago 1996, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

1ª Parte: **Lynne Arriale Trio**

Lynne Arriale (piano), John Herbert (contrabaixo), Steve Davis (bateria)

2ª Parte: **Chico Hamilton, Euphoria**

Chico Hamilton (bateria), Eric Person (saxofone), Cary DeNigris (guitarra), Kevin Reed (baixo)

Quarta, 7 Ago 1996, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

1ª Parte: **Paula Oliveira, Armen Donelian Trio**

Paula Oliveira (voz), Armen Donelian (piano), David Finck (contrabaixo), Portinho (bateria)

2ª Parte: **Carlos Bica «AZUL»**

Carlos Bica (contrabaixo), Frank Mobus (guitarra), Jim Black (bateria)

Quinta, 8 Ago 1996, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Mingus Big Band

Rian Kisor (trompete), Randy Brecker (trompete), Eddie Henderson (trompete), Frank Lacy (trombone), Robin Eubanks (trombone), Dave Taylor (trombone), John Stubblefield (saxofone), Gary Bartz (saxofone), Seamus Blake (saxofone), Steve Slagle (saxofone), Ronnie Cuber (saxofone), Kenny Drew Jr. (piano), Andy McKee (contrabaixo), Adam Cruz (bateria)

Sexta, 9 Ago 1996, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Terence Blanchard Group

Terence Blanchard (trompete), Edward Simon (piano), David Pulphus (contrabaixo), Troy Davis (bateria), Phillipe Manuel (voz, percussão)

Sábado, 10 Ago 1996, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Tom Harrell Project

Tom Harrell (trompete, fliscórnio), Steve Turre (trombone), Don Braden (sax alto, sax tenor), Bob Berg (sax soprano, sax tenor), Gary Smulyan (sax barítono), David Berkman (piano), Larry Grenadier (contrabaixo), Billy Hart (bateria)

1997

20 eventos

Coordenação: Luís Hilário e Hot Clube Portugal.

Sexta, 1 Ago 1997, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Roy Haynes Quartet

Roy Haynes (bateria), Donald Harrison (saxofone alto), David Kikoski (piano), Ed Howard (contrabaixo)

Sábado, 2 Ago 1997, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Reggie Workman Summit Conference

Reggie Workman (contrabaixo), Sam Rivers (saxofones), Julian Priester (trombone), Andrew Hill (piano), Phearon Aklaff (bateria)

Segunda, 4 Ago 1997, 10:00 - Sala Polivalente

Workshop de Jazz(em colaboração com **Mannes College/New School - New York**)

Segunda, 4 Ago 1997, 15:00 - Sala Polivalente

Workshop de Jazz(em colaboração com **Mannes College/New School - New York**)

Segunda, 4 Ago 1997, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Dave Holland Quintet

Dave Holland (contrabaixo), Steve Wilson (saxofone alto), Steve Nelson (vibrafone), Robin Eubanks (trombone), Billy Kilson (bateria)

Terça, 5 Ago 1997, 10:00 - Sala Polivalente

Workshop de Jazz(em colaboração com **Mannes College/New School - New York**)

Terça, 5 Ago 1997, 15:00 - Sala Polivalente

Workshop de Jazz(em colaboração com **Mannes College/New School - New York**)

Quarta, 6 Ago 1997, 10:00 - Sala Polivalente

Workshop de Jazz(em colaboração com **Mannes College/New School - New York**)

Quarta, 6 Ago 1997, 15:00 - Sala Polivalente

Workshop de Jazz(em colaboração com **Mannes College/New School - New York**)

Quarta, 6 Ago 1997, 18:00 - Sala Polivalente

Conferência por **Dave Liebman**: A Música de John Coltrane

Quarta, 6 Ago 1997, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Quarteto de Mário Laginha

Julian Argüelles (saxofone tenor), Mário Laginha (piano), Bernardo Moreira (contrabaixo), Steve Argüelles (bateria)

Quinta, 7 Ago 1997, 10:00 - Sala Polivalente

Workshop de Jazz(em colaboração com **Mannes College/New School - New York**)

Quinta, 7 Ago 1997, 15:00 - Sala Polivalente

Workshop de Jazz(em colaboração com **Mannes College/New School - New York**)

Quinta, 7 Ago 1997, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Dave Liebman Group

David Liebman (saxofone soprano), Vic Juris (guitarra), Phil Markowitz (piano), Tony Marino (contrabaixo), Jamey Haddad (bateria)

Sexta, 8 Ago 1997, 10:00 - Sala Polivalente

Workshop de Jazz(em colaboração com **Mannes College/New School - New York**)

Sexta, 8 Ago 1997, 15:00 - Sala Polivalente

Workshop de Jazz(em colaboração com **Mannes College/New School - New York**)

Sexta, 8 Ago 1997, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Dave Douglas Sextet

Dave Douglas (trompete), Joshua Roseman (trombone), Chris Speed (saxofone), Uri Caine (piano), James Genus (contrabaixo), Ben Perowsky (bateria)

Sábado, 9 Ago 1997, 10:00 - Sala Polivalente

Workshop de Jazz(em colaboração com **Mannes College/New School - New York**)

Sábado, 9 Ago 1997, 15:00 - Sala Polivalente

Workshop de Jazz(em colaboração com **Mannes College/New School - New York**)

Sábado, 9 Ago 1997, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Elvin Jones JazzMachine

Elvin Jones (bateria), Sonny Fortune (saxofone tenor, flauta), Javon Jackson (saxofone tenor), Carlos Mckinney (piano), David Williams (contrabaixo)

1988

8 eventos

Coordenação: Luís Hilário e Hot Clube Portugal.

Sábado, 1 Ago 1998, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

1ª Parte: **João Paulo / Peter Epstein / Carlos Bica**

João Paulo (piano), Peter Epstein (saxofone alto, saxofone soprano), Carlos Bica (contrabaixo)

2ª Parte: **Quinteto de Nuno Ferreira**

Jesus Santandreu (saxofone tenor), Nuno Ferreira (guitarra), Albert Sanz (piano), Nelson Cascais (contrabaixo), João Silvestre (bateria)

Domingo, 2 Ago 1998, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

1ª Parte: **Suite da Terra**

Carlos Barreto (contrabaixo), Mário Delgado (guitarra), José Salgueiro (bateria, percussão)

2ª Parte: **Sexteto de Mário Barreiros**

Gerard Presencer (trompete), Mário Santos (saxofone tenor), Paulo Pino (guitarra), Anthony Kerr (vibrafone), Hélder Gonçalves (contrabaixo), Mário Barreiros (bateria)

Quarta, 5 Ago 1998, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Roy Hargrove Sextet

Roy Hargrove (trompete), Frank Lacy (trombone), Sherman Irby (saxofones), Larry Willis (piano), Gerard Cannon (contrabaixo), Willie Jones (bateria)

Quinta, 6 Ago 1998, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

The Herbie Nichols Project

Frank Kimbrough (piano), Ted Nash (saxofone tenor), Ron Horton (trompete), Ben Allison (contrabaixo), Jeff Ballard (bateria)

Sexta, 7 Ago 1998, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Bobby Hutcherson Quartet

Bobby Hutcherson (vibrafone), James Williams (piano), Christian McBride (contrabaixo), Al Foster (bateria)

Sábado, 8 Ago 1998, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

The Bloomdaddies

Seamus Blake (saxofone tenor), Chris Cheek (saxofone tenor), Jesse Murphy (baixo), Tony Mason (bateria), Marlin Browden (bateria)

Domingo, 9 Ago 1998, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Branford Marsalis

Branford Marsalis (saxofone tenor), Kenny Kirkland (piano), Eric Revis (contrabaixo), Jeff Watts (bateria)

Domingo, 30 Ago 1998, 21:30 - Sala Polivalente

Henry Martin - Piano solo

Henry Martin (piano)

1999

13 eventos

Coordenação: Robert Sadin / Luís Hilário e Hot Clube Portugal.

Terça, 27 Jul 1999, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Herbie Hancock - Gershwin's World

Herbie Hancock (piano), Eddie Henderson (trompete), Ira Coleman (contrabaixo), Terri Lyne Carrington (bateria), Cyro Baptista (percussão), Eli Digeberi (saxofone)

Quinta, 29 Jul 1999, 10:00 - Auditório Dois

Yvette Centeno: Palavras de boas vindas

Quinta, 29 Jul 1999, 10:10 - Auditório Dois

Robert Sadin: Introdução

Quinta, 29 Jul 1999, 10:15 - Auditório Dois

Mark Tucker: Ellington in Europe in the Thirties

Quinta, 29 Jul 1999, 11:15 - Auditório Dois

Travis Jackson: Ellington and World Music

Quinta, 29 Jul 1999, 12:15 - Auditório Dois

Robert O'Meally: Ellington and his Publics

Quinta, 29 Jul 1999, 15:00 - Auditório Dois

Mesa redonda: **Jazzin America / Jazzin Europe**

Quinta, 29 Jul 1999, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Big Band do Hot Clube de Portugal com Mark Turner

Mark Turner (saxofone tenor), Pedro Moreira (direcção)

2000

39 eventos

Terça, 1 Ago 2000, 18:30 - Auditório Dois

Leroy Jenkins

Leroy Jenkins (violino)

Terça, 1 Ago 2000, 21:30 - Grande Auditório

Anthony Braxton Ghost Trance Ensemble

Anthony Braxton (saxofone, clarinete), James Frei (clarinete), Scott

Rosenberg (saxofones), Steve Lehman (saxofones), Seth Misterka

(saxofones), Jackson Moore (saxofones), Brian Glick (saxofones), Kevin

O'Neil (guitarra), Seth Dellinger (contrabaixo), Kevin Norton (bateria)

Quarta, 2 Ago 2000, 11:00 - Sala Polivalente

Conferência: **Anthony Braxton** «Ghost Trance Music»

Quarta, 2 Ago 2000, 18:30 - Auditório Dois

Bruno Chevillon «Pasolini ou la Rage Sublime?»

Bruno Chevillon (contrabaixo)

Quarta, 2 Ago 2000, 21:30 - Grande Auditório

Leroy Jenkins Equal Interest

Leroy Jenkins (violino), Joseph Jarman (saxofones, flautas), Myra Melford (piano, harmonium)

Quinta, 3 Ago 2000, 16:30 - Sala Polivalente

Cinema

«Magic Sun» de Phill Niblock, música: Sun Ra

«New York Eye and Ear Control» de Michael Snow, música: Albert Ayler

Quinta, 3 Ago 2000, 18:30 - Sala Polivalente

Cinema

«Magic Sun» de Phill Niblock, música: Sun Ra

«New York Eye and Ear Control» de Michael Snow, música: Albert Ayler

Quinta, 3 Ago 2000, 20:30 - Sala Polivalente

Cinema

«Magic Sun» de Phill Niblock, música: Sun Ra

«New York Eye and Ear Control» de Michael Snow, música: Albert Ayler

Sexta, 4 Ago 2000, 24:00 - Hot Clube de Portugal

Ellery Eskelin / Andreas Parkins / Jim Black

Sexta, 4 Ago 2000, 02:00 - Hot Clube de Portugal

Ellery Eskelin / Andreas Parkins / Jim Black

Sexta, 4 Ago 2000, 11:30 - Sala Polivalente

Workshop de bateria: **Han Bennink**

(destinado a crianças dos 6 aos 10 anos, acompanhadas de um familiar)

Sexta, 4 Ago 2000, 18:30 - Sala Polivalente

Misha Mengelberg

Misha Mengelberg (piano)

Sexta, 4 Ago 2000, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Slideride Trombone Quartet

Sábado, 5 Ago 2000, 24:00 - Hot Clube de Portugal

Ellery Eskelin / Andreas Parkins / Jim Black

Sábado, 5 Ago 2000, 02:00 - Hot Clube de Portugal

Ellery Eskelin / Andreas Parkins / Jim Black

Sábado, 5 Ago 2000, 11:30 - Sala Polivalente

Masterclass de Piano

Misha Mengelberg (destinado a profissionais e amadores de música)

Sábado, 5 Ago 2000, 18:30 - Sala Polivalente

Perico Sambeat / Bernardo Sasseti

Perico Sambeat (saxofone alto), Bernardo Sasseti (piano)

Sábado, 5 Ago 2000, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Instant Composers Pool Orchestra

Misha Mengelberg (piano), Han Bennink (bateria), Ad Baars (clarinete, saxofones), Michael Moore (saxofone), Wolter Wierbos (trombone), Ernest Glerum (contrabaixo), Tristan Honsinger (violoncelo), Thomas Heberer (trompete), Mary Oliver (viola)

Domingo, 6 Ago 2000, 18:30 - Sala Polivalente

Ellery Eskelin / Han Bennink

Ellery Eskelin (saxofone tenor), Han Bennink (bateria)

Domingo, 6 Ago 2000, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Supersilent

Helge Sten (eletrónica), Staale Storlokken (teclados), Jarle Vespestad (bateria), Arve Henriksen (trompete e eletrónica), Audum Strype (tratamento de som)

Terça, 8 Ago 2000, 18:30 - Sala Polivalente

Para onde vai o Jazz...

Mesa Redonda com a participação de críticos nacionais e internacionais

Quarta, 9 Ago 2000, 11:00 - Sala Polivalente

Workshop de Teclados Electrónicos

Craig Taborn (destinado a profissionais e amadores de música)

Quarta, 9 Ago 2000, 18:30 - Sala Polivalente

Hamid Drake / Michael Zerang

Hamid Drake (bateria, percussão), Michael Zerang (bateria, percussão)

Quarta, 9 Ago 2000, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Hugh Ragin Quintet com Amiri Baraka

*Hugh Ragin (trompete), Craig Taborn (piano), Jaribu Shahid (contrabaixo),
Bruce Cox (bateria), Amiri Baraka (voz)*

Quinta, 10 Ago 2000, 24:00 - Hot Clube de Portugal

Joe Morris Quartet

*Joe Morris (guitarra), Mat Maneri (violino eléctrico), Chris Lightcap
(contrabaixo), Gerald Cleaver (bateria)*

Quinta, 10 Ago 2000, 02:00 - Hot Clube de Portugal

Joe Morris Quartet

*Joe Morris (guitarra), Mat Maneri (violino eléctrico), Chris Lightcap
(contrabaixo), Gerald Cleaver (bateria)*

Quinta, 10 Ago 2000, 11:00 - Sala Polivalente

Workshop de percussão

Michael Zerang (destinado a profissionais e amadores de música)

Quinta, 10 Ago 2000, 18:30 - Sala Polivalente

Amiri Baraka: poesia solo

Quinta, 10 Ago 2000, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Peter Brötzmann's Die Like a Dog

*Peter Brötzmann (saxofone tenor, saxofone alto, clarinete), Toshinoro Kondo
(trompete, electrónica), William Parker (contrabaixo), Hamid Drake (bateria)*

Sexta, 11 Ago 2000, 24:00 - Hot Clube de Portugal

Joe Morris Quartet

Sexta, 11 Ago 2000, 02:00 - Hot Clube de Portugal

Joe Morris Quartet

Sexta, 11 Ago 2000, 11:00 - Sala Polivalente

Masterclass de Contrabaixo

William Parker (destinado a profissionais e amadores de música)

Sexta, 11 Ago 2000, 18:30 - Sala Polivalente

Joe Morris / Ken Vandermark

Joe Morris (guitarra), Ken Vandermark (saxofone tenor, clarinete)

Sexta, 11 Ago 2000, 21:30 - Grande Auditório

Graham Haynes apresenta BPM

Graham Haynes (trompete), Craig Taborn (teclados), Aaron Lazansky (electrónica), Rea Mochiach (bateria), Russel Cooper (tratamento de som), Zach Shuman (imagens)

Sábado, 12 Ago 2000, 24:00 - Hot Clube de Portugal

Joe Morris Quartet

Sábado, 12 Ago 2000, 02:00 - Hot Clube de Portugal

Joe Morris Quartet

Sábado, 12 Ago 2000, 11:00 - Sala Polivalente

Workshop de Guitarra Eléctrica

Joe Morris (destinado a profissionais e amadores de música)

Sábado, 12 Ago 2000, 18:30 - Sala Polivalente

John Purcell / Joseph Bowie

John Purcell (saxello, flauta, oboé), Joseph Bowie (trombone)

Sábado, 12 Ago 2000, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Aaly Trio / Ken Vandermark

Mats Gustafsson (saxofone tenor), Ken Vandermark (saxofone tenor,

clarinete), Peter Janson (contrabaixo), Kjell Nordeson (bateria)

2001

14 eventos

Quarta, 1 Ago 2001, 21:30 - Grande Auditório

New York Art Quartet with Amiri Baraka

Roswell Rudd (trombone), John Tchicai (saxofone alto), Reggie Workman (baixo), Milford Graves (bateria), Amiri Baraka (voz)

Quinta, 2 Ago 2001, 18:30 - Sala Polivalente

Conferência: «Jazz and the Dilemma of Frankenstein»

por Bill Shoemaker

Quinta, 2 Ago 2001, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Ponga

Wayne Horvitz (teclados), Skerick (saxofone, samplers), Dave Palmer (teclados), Bobby Previte (bateria)

Sexta, 3 Ago 2001, 18:30 - Sala Polivalente

Masterclass on the Creative Process and Improvisation com **Mathew Shipp**

Sexta, 3 Ago 2001, 21:30 – Anfiteatro ao Ar Livre

Henry Threadgill, Make a Move

Henry Threadgill (saxofone alto, flauta), Brandon Ross (guitarra), Bryan Carrott (vibrafone), Stomu Takeishi (baixo eléctrico), Dafnis Prieto (bateria)

Sábado, 4 Ago 2001, 18:30 – Auditório Dois

Matthew Shipp

Matthew Shipp (piano)

Sábado, 4 Ago 2001, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Harriet Tubman + Double Trio

Brandon Ross (guitarra), Melvin Gibbs (baixo eléctrico), J. T. Lewis (bateria), Graham Haynes (trompete), DJ Logic (giradiscos, samplers), DJ Singe (giradiscos, samplers)

Quinta, 9 Ago 2001, 18:30 – Sala Polivalente

Conferência: «Fire Music»

por Alexandre Pierrepont e David Keenan

Quinta, 9 Ago 2001, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Le Grand Lousadzak

Jean-François Canapé (trompete), Jean-Luc Capozzo (trompete), Jean Mark Foltz (clarinete), Laurent Charles (saxofone tenor, clarinete), François Corneloup (saxofone baritono), Daunik Lazro (saxofone alto), Fabrice Charles (trombone), Stephan Oliva (piano), Philippe Deschepper (guitarra), Michaël Nick (violino), Laurent Hoevenaers (violoncelo), Eric Echampard (bateria), Claude Tchamitchian (baixo, direcção)

Sexta, 10 Ago 2001, 18:30 - Auditório Dois

1ª Parte: Raymond Boni + Eric Echampard

Raymond Boni (guitarra), Eric Echampard (bateria), François Corneloup (saxofones), Claude Tchamitchian (baixo), Eric Echampard (bateria)

2ª Parte: François Corneloup Trio

François Corneloup (saxofones), Claude Tchamitchian (baixo), Eric Echampard (bateria)

Sexta, 10 Ago 2001, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Lawrence D. «Butch» Morris - Folding Space (vocal project)

Lawrence D. «Butch» Morris (condução), J. A. Deane (electrónica, trombone), Helga Davis (voz), Joan Saura (teclados), Augusti Fernández (piano), Andy Bemkey (piano), Brandon Ross (guitarra), Lê Quan Ninh (percussão)

Sábado, 11 Ago 2001, 18:30 - Auditório Dois

Daunik Lazro / Carlos Zingaro / Raymond Boni

Daunik Lazro (saxofone alto), Carlos Zingaro (saxofone baritono), Raymond Boni (violino, guitarra)

Sábado, 11 Ago 2001, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Rob Brown / Joe Morris Quartet

Rob Brown (saxofone alto), Joe Morris (guitarra eléctrica), Chris Lightcap (baixo), Whit Dickey (bateria)

Domingo, 12 Agosto 2001, 21:30 – Anfiteatro ao Ar Livre

The Golden Quartet

Ismhael Wadada Leo Smith (trompete), Anthony Davis (piano), Malachi Favors Maghostus (baixo), Jack DeJohnette (bateria)

2002

22 eventos

Sexta, 2 Ago 2002, 18:30 – Sala Polivalente

Conferência: «Chicago Now: Creative Music Renaissance» com **John Corbett**

Sexta, 2 Ago 2002, 21:30 - Grande Auditório

Trygve Seim «Different Rivers»

Trygve Seim (saxofones), Haavard Lund (clarinete), Nils Janssen (saxofone baixo, clarinete, contrabaixo), Arve Henriksen (trompete, voz), Tone Reichelt (corne francês, voz), Lars Andreas Haug (tuba), Frøde Haltli (acordeão, trombone baixo), Morten Hannisdal (violoncelo), Per Oddvar Johansen (bateria), Asle Karstad (som)

Sábado, 3 Ago 2002, 15:30 - Sala Polivalente

Fred Anderson / Hamid Drake

Fred Anderson (saxofone tenor), Hamid Drake (bateria)

Sábado, 3 Ago 2002, 18:30 - Auditório Dois

Essencia

Gebhard Ullmann (clarinete baixo, clarinete soprano, saxofone tenor), Sylvie Courvoisier (piano), Carlos Bica (contrabaixo)

Sábado, 3 Ago 2002, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Chicago Underground Quartet

Rob Mazurek (corneta, electrónica), Chad Taylor (percussão), Noel Kupersmith (contrabaixo), Jeff Parker (guitarra)

Domingo, 4 Ago 2002, 15:30 - Sala Polivalente

Carlos Bica / Carlos Barreto

Carlos Bica (contrabaixo), Carlos Barreto (contrabaixo)

Domingo, 4 Ago 2002, 18:30 - Auditório Dois

Jeb Bishop Trio

Jeb Bishop (trombone), Kent Kessler (contrabaixo), Tim Mulvenna (bateria)

Domingo, 4 Ago 2002, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

The Fred Anderson Trio

Fred Anderson (saxofone tenor), Peter Kowald (contrabaixo), Hamid Drake (bateria)

Quarta, 7 Ago 2002, 10:30 - Sala Polivalente

Workshop de Contrabaixo orientado por **Ken Filiano**

Quarta, 7 Ago 2002, 17:00 - Sala das Tapeçarias

Lançamento do livro «Le Champe Jazzistique» de **Alexandre Pierrepont**

Quarta, 7 Ago 2002, 18:30 - Sala Polivalente

Mesa Redonda: **Bill Shoemaker** com **Músicos Britânicos**

(Keith Tippett, Paul Dunmall, Elton Dean, Paul Rutherford)

Quarta, 7 Ago 2002, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Marilyn Crispell / Mats Gustafsson / Barry Guy / Raymond Strid

Marilyn Crispell (piano), Mats Gustafsson (saxofone tenor), Barry Guy (contrabaixo), Raymond Strid (bateria)

Quinta, 8 Ago 2002, 10:30 - Sala Polivalente

Workshop de Contrabaixo orientado por **Ken Filiano**

Quinta, 8 Ago 2002, 15:30 - Sala Polivalente

Conferência: «Perigrafias do Jazz»

por Jorge Lima Barreto

Quinta, 8 Ago 2002, 18:30 - Auditório Dois

Barry Guy - solo de contrabaixo

Barry Guy (contrabaixo)

Quinta, 8 Ago 2002, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Paul Dunmall Octet

Paul Dunmall (saxofone tenor), Simon Picard (saxofone tenor), Paul Rutherford (trombone), Malcolm Griffiths (trombone), Gethin Liddington (trompete), Keith Tippett (piano), Paul Rogers (contrabaixo), Tony Levin (bateria)

Sexta, 9 Ago 2002, 15:30 - Sala Polivalente

Keith Tippett - solo de piano

Keith Tippett (piano)

Sexta, 9 Ago 2002, 18:30 - Auditório Dois

Lisbon Improvisation Player

Rodrigo Amado (saxofone alto), Steve Adams (saxofone tenor, saxofone alto, saxofone soprano), Ken Filiano (contrabaixo), Acácio Salero (bateria)

Sexta, 9 Ago 2002, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Barry Guy New Orchestra

Barry Guy (contrabaixo), Marilyn Crispell (piano), Evan Parker (saxofone tenor), Mats Gustafsson (saxofone baritono, fluteophone), Hans Koch (saxofone, clarinetes), Herb Robertson (trompete), Johannes Bauer (trombone), Per Ake Holmlander (tuba), Paul Lytton (bateria, percussão), Raymond Strid (bateria, percussão)

Sábado, 10 Ago 2002, 15:30 - Sala Polivalente

Mats Gustafsson + Lotta Meli

Mats Gustafsson (saxofone baritono, fluteophone), Lotta Melin (dança)

Sábado, 10 Ago 2002, 18:30 - Auditório Dois

Barry Guy + Evan Parker + Paul Lytton

Barry Guy (contrabaixo), Evan Parker (saxofone tenor), Paul Lytton (bateria)

Sábado, 10 Ago 2002, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Keith Tippett Tapestry Orchestra

Paul Dunmall (saxofone tenor), Simon Picard (saxofone tenor), Larry Stabbins (saxofone tenor), Kevin Figes (saxofone alto), Elton Dean (saxofone alto), Ben Waghorn (saxofone alto), Henry Lowther (trompete), Jim Dvorak (trompete), Mark Charig (trompete), Gethin Liddington (trompete), Paul Rutherford (trombone), Malcolm Griffiths (trombone), Dave Amis (trombone), Oren Marshall (tuba), Julia Tippetts (voz), Maggie Nicols (voz), Keith Tippett (piano), Paul Rogers (contrabaixo), Louis Moholo (bateria, percussão), Tony Levin (bateria, percussão)

2003

8 eventos

Sexta, 1 Ago 2003, 18:30 - Auditório Dois

The Necks

Chris Abrahms (piano), Tony Buck (bateria), Lloyd Swanton (contrabaixo)

Sexta, 1 Ago 2003, 21:30 - Grande Auditório

Julius Hemphill Sextet

Marty Ehrlich (saxofone alto, direcção), Andy Laster (saxofone alto), Sam Furnace (saxofone alto), Aaron Stewart (saxofone tenor), Andrew White (saxofone tenor), Alex Harding (saxofone baritono)

Sábado, 2 Ago 2003, 15:30 - Sala Polivalente

Doppelmoppel

Joahannes Bauer (trombone), Conrad Bauer (trombone), Joe Sachse (guitarra eléctrica), Uwe Kropinski (guitarra acústica)

Sábado, 2 Ago 2003, 18:30 - Auditório Dois

4 Walls

Phil Minton (voz), Luc Ex (baixo acústico), Michael Vatcher (bateria), Veryan Weston (piano)

Sábado, 2 Ago 2003, 21:30 - Grande Auditório

Eric Boeren Double Quartet

Eric Boeren (corneta), Maartje ten Hoorn (viola), Sean Bergin (saxofone alto), Cor Fuhler (electrónica), Wolter Wierbos (trombone), Michael Vatcher (bateria), Wilbert de Joode (contrabaixo), Ernst Glerum (contrabaixo)

Domingo, 3 Ago 2003, 15:30 - Sala Polivalente

João Paulo / Paulo Curado / Bruno Pedroso

João Paulo (piano, acordeão), Paulo Curado (saxofone), Bruno Pedroso (bateria)

Domingo, 3 Ago 2003, 18:30 - Auditório Dois

Tobias Delius Quartet

Tobias Delius (saxofone tenor, clarinete), Tristan Honsinger (violoncelo), Joe Williamson (contrabaixo), Han Bennink (bateria)

Domingo, 3 Ago 2003, 21:30 - Grande Auditório

The Brian Irvine Ensemble

Beverly Whyte (flauta), Lewis Smith (saxofone), Richard Mawhinney (saxofone), Philip Lavery (saxofone), Kevin Lawless (saxofone), Paul Dunmall (saxofone), Alisdair Wallace (trompete), Aidan Hughes (trombone), John Fitzpatrick (violino), Scot Heron (violoncelo), Phil Smyth (baixo eléctrico), Bill Campbell (guitarra eléctrica), Michael Keeney (teclados electrónicos), Andrew Lavery (percussão), Brian Irvine (direcção)

2004

12 eventos

Terça, 3 Ago 2004, 21:30 - Grande Auditório

Now Orchestra

Coat Cooke (direcção artística, saxofones, clarinete, flauta), Ron Samworth (guitarra eléctrica), Peggy Lee (violoncelo), Andre Lachance (baixo eléctrico), Clyde Reed (contrabaixo), Kevin Elashuk (trompete), Dylan van der Schyff (percussão), Rod Murray (trombone), Saul Berson (saxofone alto, clarinete, flauta), Bruce Freedman (saxofone alto), Graham Ord (saxofone tenor, saxofone soprano, flauta), Paul Plimley (piano), Brad Muirhead (trombone baixo), Kate Hammett-Vaughan (voz), George Lewis (composição e condução)

Quarta, 4 Ago 2004, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Peggy Lee Band

Peggy Lee (violoncelo), Brad Turner (trompete), Jeremy Berkman (trompete), Tony Wilson (guitarra eléctrica), Andre Lachance (baixo eléctrico), Dylan van der Schyff (percussão)

Quinta, 5 Ago 2004, 18:30 - Auditório Dois

The Thing

Mats Gustafsson (saxofone tenor), Ingebrit Haker Flaten (contrabaixo), Paal Nilssen-Love (bateria)

Quinta, 5 Ago 2004, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

François Houle Electro Acoustic Quartet

François Houle (clarinete, electrónica), Ron Samworth (guitarra eléctrica), Chris Tarry (contrabaixo), Dylan van der Schyff (percussão)

Sexta, 6 Ago 2004, 18:30 - Auditório Dois

Günter «Baby» Sommer

Günter «Baby» Sommer (percussão)

Sexta, 6 Ago 2004, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Otomo Yoshihide New Jazz Quintet featuring Mats Gustafsson

Otomo Yoshihide (guitarra eléctrica), kenta Tsugami (saxofone soprano), Hiroaki Mizuntani (contrabaixo), Yasuhiro Yoshigaki (bateria, trompete), Mats Gustafsson (saxofone tenor)

Sábado, 7 Ago 2004, 15:30 - Sala Polivalente

Arve Henriksen

Arve Henriksen (trompete, electrónica)

Sábado, 7 Ago 2004, 18:30 - Auditório Dois

Martin Tétreault / Otomo Yoshihide

Martin Tétreault (giradiscos), Otomo Yoshihide (giradiscos)

Sábado, 7 Ago 2004, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Franz Hautzinger Regenorchester XI

Franz Hautzinger (trompete quartertone), Christian Fenez (electrónica, laptop), Helge Hinteregger (sampler), Karl Ritter (guitarra eléctrica), Luc Ex (baixo acústico), Alex Deutsch (bateria)

Domingo, 8 Ago 2004, 15:30 - Sala Polivalente

Nuno Ferreira / Jesus Santandreu

Nuno Ferreira (guitarra eléctrica, electrónica), Jesus Santandreu (saxofone tenor, electrónica)

Domingo, 8 Ago 2004, 18:30 - Auditório Dois

Paul Plimley / Lisle Ellis

Paul Plimley (piano), Lisle Ellis (contrabaixo)

Domingo, 8 Ago 2004, 21:30 - Grande Auditório

Paul Cram Orchestra

Paul Cram (compositor, arranjador, saxofone tenor, clarinete), Don Palmer (saxofone alto, saxofone soprano, flauta), Jeff Reilly (clarinete baixo, clarinete), John Scott (violoncelo), Rick Waychesko (trompete), Tom Walsh (trombone), Steven Naylor (piano, sintetizador), John Gzowski (guitarra eléctrica), Alan Baculis (baixo eléctrico), David Burton (bateria)

2005

16 eventos

Sexta, 5 Ago 2005, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Globe Unity Orchestra

Manfred Schoof (trompete), Jean Luc Cappozzo (trompete), Evan Parker (saxofone tenor, saxofone soprano), Gerd Dudek (saxofone tenor, clarinete), Ernst Ludwig Petrowsky (saxofone tenor, saxofone alto, clarinete), Rudi Mahall (clarinete baixo), Paul Rutherford (trombone), Johannes Bauer (trombone), Alexander von Schlippenbach (piano), Paul Lytton (bateria), Paul Lovens (bateria)

Sábado, 6 Ago 2005, 15:30 - Sala Polivalente

Jean-Marc Foltz / Bruno Chevillon

Jean-Marc Foltz (clarinete baixo), Bruno Chevillon (contrabaixo)

Sábado, 6 Ago 2005, 18:30 - Auditório Dois

Alexander von Schlippenbach / Evan Parker / Paul Lovens

Alexander von Schlippenbach (piano), Evan Parker (saxofone soprano, saxofone tenor), Paul Lovens (bateria)

Sábado, 6 Ago 2005, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Gebhard Ullmann's TÀ LAM ZEHN

Hinrich Beerman (saxofone baixo), Daniel Erdmann (saxofone soprano, saxofone tenor), Thomas Klemm (saxofone tenor, flauta), Jürgen Kupke (clarinete), Joachim Litty (saxofone alto, clarinete baixo), Michael Thieke (clarinete baixo, saxofone soprano), Heiner Reinhardt (clarinete)

baixo), Volker Schlott (saxofone alto, saxofone soprano), Gebhard Ullmann (clarinete baixo, saxofone soprano, flauta), Hans Hassler (acordeão)

Domingo, 7 Ago 2005, 15:30 - Sala Polivalente

Jean Luc Cappozzo / Axel Dörner / Herb Robertson

Jean Luc Cappozzo (trompete), Axel Dörner (trompete), Herb Robertson (trompete)

Domingo, 7 Ago 2005, 18:30 - Grande Auditório

Irène Schweizer / Pierre Favre

Irène Schweizer (piano), Pierre Favre (bateria)

Domingo, 7 Ago 2005, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Atomic

Frederik Ljungkvist (trompete soprano), Magnus Broo (trompete), Havard Wiik (piano), Ingebrit Haker Flaten (baixo), Paal Nilssen-Love (bateria)

Quarta, 10 Ago 2005, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Sound of Choice + IXI String Quartet

Hasse Poulsen (guitarra eléctrica), Frederik Lundin (saxofone tenor, electrónica), Lars Juul (bateria, electrónica), Regis Huby (violino), Irène Lecoq (violino), Guillaume Roy (viola), Alain Grange (violoncelo)

Quinta, 11 Ago 2005, 15:30 - Sala Polivalente

Raum

Paulo Dias Duarte (direcção, guitarra eléctrica sintetizada), Eduardo Lála (trombone), Mário Franco (contrabaixo), José Meneses (saxofone tenor, saxofone soprano), João Lencastre (bateria), Nuno Gonçalves (clarinete baixo), Gonçalo Conceição (clarinete), Manuel Luis Cochofel (flauta), Fausto Ferreira (piano)

Quinta, 11 Ago 2005, 18:30 - Grande Auditório

Mark Dresser / Denman Maroney / Michael Sarin

Mark Dresser (contrabaixo), Denman Maroney (piano), Michael Sarin (bateria)

Quinta, 11 Ago 2005, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Jerry Granelli's V16 Project

Jerry Granelli (bateria, electrónica), J.D. Granelli (baixo eléctrico, contrabaixo), Christian Kögel

(guitarra eléctrica, guitarra acústica, sampler), Kai Bruckner (guitarra eléctrica, guitarra acústica, sampler)

Sexta, 12 Ago 2005, 15:30 - Sala Polivalente

Jorge Lima Barreto

Jorge Lima Barreto (piano, rádio OC)

Sexta, 12 Ago 2005, 18:30 - Grande Auditório

Hans Koch / Martin Schütz / Fredy Studer

Hans Koch (clarinete, clarinete baixo, clarinete alto, sampler, electrónica), Martin Schütz (violoncelo 5 cordas, violoncelo), Fredy Studer (bateria, percussão)

Sexta, 12 Ago 2005, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Wibutee

Hakon Kornstad (saxofone tenor, flauta, teclados, electrónica), Wetle Holte (bateria, percussão, programação), Rune Brondbo (electrónica, programação), Per Zanussi (baixo eléctrico, electrónica, programação)

Sábado, 13 Ago 2005, 15:30 - Sala Polivalente

Erik Friedlander

Erik Friedlander (violoncelo)

Sábado, 13 Ago 2005, 18:30 - Grande Anfiteatro

Mephista

Sylvie Courvoisier (piano), Ikue Mori (electrónica), Susie Ibarra (bateria)

2006

17 eventos

Quinta, 3 Ago 2006, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Rova::Orkestrova - Electric Ascension

Bruce Ackley (saxofone tenor), Steve Adams (saxofone alto), Larry Ochs (saxofone tenor), Jon Raskin (saxofone barítono), Natsuki Tamura (trompete), Fred Frith (baixo eléctrico), Nels Cline (guitarra eléctrica, efeitos), Otomo Yoshihide (gira-discos, efeitos), Andrea Parkins (teclados, efeitos), Thomas Lehn (electrónica analógica), Carla Kihlstedt (violino, efeitos), Jenny Scheinman (violino), Tom Rainey (bateria), Myles Boisen (eng. som)

Sexta, 4 Ago 2006, 18:30 - Auditório Dois

Evan Parker

Saxofone soprano e tenor

Sexta, 4 Ago 2006, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Nels Cline / Andrea Parkins / Tom Rainey

Nels Cline (guitarra eléctrica, efeitos), Andrea Parkins (teclados, efeitos), Tom Rainey (bateria)

Sábado, 5 Ago 2006, 15:30 - Sala Polivalente

Conferência «John Coltrane»

por Evan Parker

Sábado, 5 Ago 2006, 16:30 - Sala Polivalente

The Sound of Miles Davis (The Robert Herridge Theater)

CBS Films, 1959 / Realizador: Jack Smight / Produtor: Robert Herridge / Director Musical e Arranjos: Gil Evans / 28' / Preto e branco / 16mm

Sábado, 5 Ago 2006, 17:30 - Sala Polivalente

The Sound of Miles Davis (The Robert Herridge Theater)

CBS Films, 1959 / Realizador: Jack Smight / Produtor: Robert Herridge / Director Musical e Arranjos: Gil Evans / 28' / Preto e branco / 16mm

Sábado, 5 Ago 2006, 18:30 - Auditório Dois

Larry Ochs / Fred Frith / Lê Quan Ninh

Larry Ochs (saxofone tenor), Fred Frith (baixo eléctrico), Lê Quan Ninh (percussão)

Sábado, 5 Ago 2006, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Mandarin Movie

Alan Licht (guitarra eléctrica), Matthew Lux (baixo eléctrico, efeitos), Steve Swell (trombone), Jason Ajemian (baixo eléctrico, efeitos), Frank Rosaly (bateria), Rob Mazurek (corneta, moog, efeitos)

Domingo, 6 Ago 2006, 18:30 - Auditório Dois

Lê Quan Ninh

Solo percussão

Domingo, 6 Ago 2006, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Corkestra

Cor Fuhler (orgão, clavinet, piano), Ab Baars (saxofone tenor, clarinete), Anne La Berge (flauta), Tobias Delius (saxofone tenor, clarinete), Andy Moor (guitarra eléctrica), Nora Mulder (zimbalaõ), Clayton Thomas (contrabaixo), Tony Buck (bateria, percussão), Michael Vatcher (bateria, percussão)

Quinta, 10 Ago 2006, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Craig Taborn's Junk Magic

Craig Taborn (piano, teclados), Mat Maneri (violino), Mark Turner (saxofone tenor), Erik Fratzke (guitarra eléctrica, baixo eléctrico), Dave King (bateria acústica, bateria eléctrica)

Sexta, 11 Ago 2006, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

The Claudia Quintet

John Hollenback (bateria, percussão, efeitos), Drew Gress (contrabaixo), Matt Moran (vibrafone, teclados), Ted Reichman (acordeão, guitarra acústica, eléctrica, teclados), Chris Speed (clarinete, saxofone tenor)

Sábado, 12 Ago 2006, 15:30 - Sala Polivalente

Alocução «Discovering JazzTreasure»

por Larry Appelbaum

Sábado, 12 Ago 2006, 16:30 - Sala Polivalente

The Sound of Miles Davis (The Robert Herridge Theater)

CBS Films, 1959 / Realizador: Jack Smight / Produtor: Robert Herridge / Director Musical e Arranjos: Gil Evans / 28' / Preto e branco / 16mm

Sábado, 12 Ago 2006, 17:30 - Sala Polivalente

The Sound of Miles Davis (The Robert Herridge Theater)

CBS Films, 1959 / Realizador: Jack Smight / Produtor: Robert Herridge / Director Musical e Arranjos: Gil Evans / 28' / Preto e branco / 16mm

Sábado, 12 Ago 2006, 18:30 - Auditório Dois

Lisbon Improvisation Players featuring Dennis González

Rodrigo Amado (saxofone tenor, barítono), Dennis González (trompete), Pedro Gonçalves (contrabaixo), Bruno Pedroso (bateria)

Sábado, 12 Ago 2006, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Anthony Braxton 6tet

Anthony Braxton (saxofones e clarinetes), Taylor Ho Bynum (trompete), Jessica Pavone (violino, viola), Jay Rozen (tuba), Aaron Siegel (percussão), Chris Dahlgren (contrabaixo)

2007

15 eventos

Sexta, 3 Ago 2007, 21:30 - Grande Auditório

Muhai Richard Abrams - George Lewis - Roscoe Mitchell (EUA)

Muhai Richard Abrams (piano), George Lewis (trombone, laptop), Roscoe Mitchell (sax alto, soprano, percussão)

Sábado, 4 Ago 2007, 15:30 - Auditório Dois

Conferência «Projecting Your Own Individualism»

por **Muhai Richard Abrams**

Sábado, 4 Ago 2007, 18:30 - Auditório Dois

Hubbub (França)

Frédéric Blondy (piano), Bertrand Denzler (sax tenor), Jean-Luc Guionnet (sax alto), Jean-Sébastien Mariage (guitarra eléctrica), Edward Perraud (bateria)

Sábado, 4 Ago 2007, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Nik Bärtsch's Ronin (Suiça)

Nik Bärtsch (piano), Sha (clarinetes, baixo e contrabaixo), Björn Meyer (contrabaixo), Kaspar Rast (bateria), Andi Pupato (percussão)

Domingo, 5 Ago 2007, 15:30 - Sala Polivalente

Carlos Zíngaro / Jorge Lima Barreto (Portugal)

Carlos Zíngaro (violino), Jorge Lima Barreto (piano)

Domingo, 5 Ago 2007, 18:30 - Auditório Dois

Low Frequency Tuba Band (Portugal, EUA, Reino Unido)

Sérgio Carolino (tuba), Oren Marshall (tuba), Marcus Rojas (tuba), Jay Rozen (tuba), Alexandre Frazão (bateria)

Domingo, 5 Ago 2007, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Crimetime Orchestra (Noruega)

Vidar Johansen (sax tenor, barítono, clarinete baixo), Jon Klette (sax alto), Kjetil Møster (sax tenor), Gisle Johansen (sax tenor), Øivind Brekke (trombone), Sjur Miljeteig (trompete), Mats Eilertsen (baixo eléctrico), Per Zanussi (contrabaixo), Anders Hana (guitarra eléctrica), Christian Wallumrød (piano, teclados, efeitos), Eudun Kleive (bateria), Stig Henriksen (desenho de som)

Quinta, 9 Ago 2007, 18:30 - Sala Polivalente

«**Ornette: Made In America**»

Filme documental de Shirley Clarke 1985 (80')

Quinta, 9 Ago 2007, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Joe Fonda's Bottoms Out «Loaded Basses» (EUA, Alemanha)

Joe Fonda (contrabaixo), Claire Daly (sax barítono), Joe Daley (tuba), Gebhard Ullmann (clarinete baixo), Michael Rabinowitz (fagote), Gerry Hemingway (bateria)

Sexta, 10 Ago 2007, 15:30 - Sala Polivalente

«**My Name Is Albert Ayler**»

Filme documental de Kasper Collin 2005 (79'). Presença do realizador

Sexta, 10 Ago 2007, 18:30 - Auditório Dois

Conferência por **Ornette Coleman** (tema TBA)

Sexta, 10 Ago 2007, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Quartet Noir (Suiça, EUA, França)

Urs Leimgruber (sax tenor, soprano), Marilyn Crispell (piano), Joëlle Léandre (contrabaixo), Fritz Hauser (bateria)

Sábado, 11 Ago 2007, 15:30 - Sala Polivalente

Joëlle Léandre (França)

Sábado, 11 Ago 2007, 18:30 - Auditório Dois

Timbre (EUA, Alemanha, Áustria)

Lauren Newton (voz), Elisabeth Tuchmann (voz), Oskar Mörth (voz), Bertl Mütter (voz, trombone)

Sábado, 11 Ago 2007, 21:30 - Grande Auditório

Ornette Coleman Quintet (EUA)

Ornette Coleman, (sax alto, violino, trompete), Tony Falanga (contrabaixo), Charnett Moffett (contrabaixo), Al Macdowell (baixo eléctrico), Ornette Denardo Coleman (bateria)

2008

14 eventos

Sexta, 1 Ago 2008, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Otomo Yoshihide New JazzOrchestra feat Axel Dörner, Cor Fuhler, Mats

Gustafsson (Japão, Alemanha, Países Baixos, Suécia)

Otomo Yoshihide (condutor, guitarra), Kahimi Karie (voz), Mats Gustafsson (sax tenor), Sachiko M (sinewaves), Kumiko Takara (vibraphone), Hiroaki Mizutani (contrabaixo), Yasuhiro Yoshigaki (bateria, trompete), Axel Dörner (trompete), Masahiko Okura (sax alto, clarinete baixo, carrilhão), Taisei Aoki (trombone), Cor Fuhler (piano), Ko Ishikawa (sho), Taku Unami (objectos), Yoshiaki Kondoh (desenho som)

Sábado, 2 Ago 2008, 18:30 - Auditório Dois

«Last Date»

Filme documental sobre Eric Dolphy com a presença do realizador, Hans Hylkema

Sábado, 2 Ago 2008, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Satoko Fujii Min-Yoh Ensemble (Japão/EUA)

Satoko Fujii (piano), Natsuki Tamura (trompete), Curtis Hasselbring (trombone), Andrea Parkins (acordeon, piano, laptop)

Domingo, 3 Ago 2008, 15:30 - Auditório Dois

«A Bookshelf on Top of The Sky»

Filme documental sobre John Zorn da realizadora Claudia Heuermann

Domingo, 3 Ago 2008, 18:30 - Auditório Dois

PAAP (Japão)

Inada Makoto (contrabaixo, voz), Katori Kouichirou (piano, acordeon, voz), Mizutani Yasuhisa (sax soprano, clarinete, flauta, percussão)

Domingo, 3 Ago 2008, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

John Zorn / Fred Frith (EUA, Reino Unido)

John Zorn (sax alto), Fred Frith (guitarra eléctrica)

Quinta, 7 Ago 2008, 18:30 - Auditório Dois

«Misha Mengelberg Afijn»

Filme documental sobre Misha Mengelberg com a presença da realizadora e montadora Jellie Dekker e editor de som Dick Lucas

Quinta, 7 Ago 2008, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Taylor Ho Bynum Sextet (EUA)

Taylor Ho Bynum (corneta), Matt Bauder (sax tenor, clarinete, clarinete baixo), Mary Halvorson (guitarra eléctrica), Evan O'Reilly (guitarra eléctrica), Jessica Pavone (viola, baixo eléctrico), Tomas Fujiwara (bateria)

Sexta, 8 Ago 2008, 15:30 - Auditório Três

«The Changing Scene»

Mesa Redonda moderada por Bill Shoemaker com a participação dos músicos Joe McPhee, Taylor Ho Bynum, Mary Halvorson e Barre Phillips

Sexta, 8 Ago 2008, 18:30 - Auditório Dois

Memorize the Sky (EUA)

Matt Bauder (sax tenor, clarinete, clarinete baixo, percussão), Zach Wallace (contrabaixo, vibrafone, percussão), Aaron Siegel (tarola, bombo, percussão)

Sexta, 8 Ago 2008, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Sylvie Courvoisier «Lonelyville» (Suíça, França, Japão, EUA)

Sylvie Courvoisier (piano), Mark Feldman (violino), Vincent Courtois (violoncelo), Ikue Mori (laptop), Gerald Cleaver (bateria)

Sábado, 9 Ago 2008, 15:30 - Auditório Dois

Fritz Hauser (Suíça)

Solo percussão

Sábado, 9 Ago 2008, 18:30 - Auditório Dois

Pascal Contet/Barre Phillips (França, EUA)

Pascal Contet (accordeon), Barre Phillips (contrabaixo)

Sábado, 9 Ago 2008, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Peter Brötzmann Chicago Tentet (Alemanha, EUA, Suécia, Noruega)

Peter Brötzmann (clarinete, taragot, sax alto e tenor), Mats Gustafsson (sax barítono, slide sax), Ken Vandermark (clarinete, sax tenor e barítono), Joe McPhee (trompete, sax alto), Johannes Bauer (trombone), Jeb Bishop (trombone), Per Åke Holmlander (tuba), Fred Longberg-Holm (violoncelo), Kent Kessler (contrabaixo), Paal Nilssen-Love e Michael Zerang (bateria)

2009

13 eventos

Sábado, 1 Ago 2009, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

George Lewis Sequel (EUA, Itália, Reino Unido, Alemanha)

George Lewis (trombone, laptop), Jeff Parker (guitarra eléctrica), Siegfried Rössert (contrabaixo, voz, laptop), Miya Masaoka (koto, laptop, electrónica), Kaffe Matthews (electrónica), DJ Mutamassik (gira-discos), Ulrich Müller (guitarra, laptop), Guillermo E. Brown (bateria, percussão, electrónica)

Domingo, 2 Ago 2009, 16:30 - Auditório Três

Conferência por George Lewis

Tema: «A Power Stronger than Itself / The AACM and American Experimental Music»

Domingo, 2 Ago 2009, 18:30 - Auditório Dois

Rough Americana (Itália, EUA)

DJ Mutamassik (gira-discos, gravador magnético, efeitos), Morgan Craft (guitarra preparada)

Domingo, 2 Ago 2009, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Nublu Orchestra condução @ Lawrence D. «Butch» Morris (EUA, Dinamarca, Suécia, Itália)

Lawrence D. «Butch» Morris (condução), Fabio Morgera (trompete), Jonathon Haffner (saxofone alto), Ilhan Ersahin (saxofone tenor), Ava Mendoza (guitarra), Doug Wieselmann (guitarra, clarinete baixo), Thor Madsen (guitarra), J.A. Deane (samples em tempo real, electrónica), Juini Booth (contrabaixo), Michael Kiaer (baixo eléctrico), Kenny Wollesen (bateria)

Quinta, 6 Ago 2009, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Dave Douglas, Brass Ecstasy (EUA)

Dave Douglas (trompete), Vincent Chancey (trompa), Marcus Rojas (tuba), Luis Bonilla (trombone), Nasheet Waits (bateria)

Sexta, 7 Ago 2009, 18:30 - Auditório Dois

Peter Evans (EUA)

solo trompete

Sexta, 7 Ago 2009, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Buffalo Collision (EUA)

Tim Berne (saxofone alto), Ethan Iverson (piano), Hank Roberts (violoncelo), Dave King (bateria)

Sábado, 8 Ago 2009, 16:30 - Auditório Três

«Escalator Over the Hill» (EUA)

Filme de Steve Gebhardt (1970-71)

Sábado, 8 Ago 2009, 18:30 - Auditório Dois

Franziska Baumann + Matthias Ziegler (Suiça)

Franziska Baumann (voz, electrónica, sensorlab), Matthias Ziegler (flauta, flauta baixo, flauta contrabaixo, loops)

Sábado, 8 Ago 2009, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Peter Evans Quartet (EUA, Colômbia)

Peter Evans (trompete, trompete piccolo), Ricardo Gallo (piano), Tom Blancarte (contrabaixo), Kevin Shea (bateria)

Domingo, 9 Ago 2009, 16:30 - Auditório Três

«Imagine the Sound» (Canadá)

Filme de Ron Mann (1981)

Domingo, 9 Ago 2009, 18:30 - Auditório Dois

Propagations (França)

Marc Baron (saxofone alto), Bertrand Denzler (saxofone tenor), Jean-Luc Guionnet (saxofone alto), Stéphane Rives (saxofone soprano)

Domingo, 9 Ago 2009, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Bill Dixon with Exploding Star Orchestra (EUA)

Bill Dixon e Rob Mazurek (trompete, composição), John Herndon (bateria), Damon Locks (voz), Josh Abrams (contrabaixo), Jeff Parker (guitarra eléctrica), Nicole Mitchell (flauta, voz), Jeb Bishop (trombone), Jason Adasewicz (vibrafone, carrilhão), Matt Lux (baixo eléctrico), Matt Bauder (clarinete baixo, saxofone tenor), Mike Reed (bateria, tímpano)

2010

13 eventos

Sexta, 6 Ago 2010, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

John Surman + Jack DeJohnette (Reino Unido, E.U.A.) **ESGOTADO**

John Surman (soprano, saxofone barítono, clarinete baixo, electrónica), Jack DeJohnette (bateria, piano, electrónica)

Sábado, 7 Ago 2010, 18:30 - Auditório Três

Han Bennink «Hazentijd» (Países Baixos)

Documentário de Jellie Dekker e Dick Lucas (2009, 58')

Sábado, 7 Ago 2010, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Steamboat Switzerland (Suíça, Grécia)

Dominik Blum (órgão Hammond B-3, electrónica analógica), Marino Pliakas (baixo eléctrico, electrónica), Lucas Niggli (bateria, percussão)

Domingo, 8 Ago 2010, 15:30 - Auditório Dois

Open Speech Trio (Portugal, Alemanha)

Carlos Bechegas (flautas, processamento sinal), Ulrich Mitzlaff (violoncelo, electrónica), Miguel Feraso Cabral (percussão, objectos)

Domingo, 8 Ago 2010, 18:30 - Auditório Dois

Guus Janssen + Han Bennink (Países Baixos)

Guus Janssen (piano), Han Bennink (bateria)

Domingo, 8 Ago 2010, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Evan Parker Electro-Acoustic Ensemble (Reino Unido, E.U.A., Japão, Espanha, Países

Baixos, Itália)

Evan Parker (saxofone soprano), Peter Evans (trompete, trompete piccolo), Ko Ishikawa (shô), Ned Rothenberg (clarinete, clarinete baixo, flauta shakuhachi), Philipp Wachsmann (violino, electrónica), Agustí Fernández (piano, piano preparado), Barry Guy (contrabaixo), Paul Lytton (percussão, electrónica), John Russell (guitarra acústica), Peter van Bergen (contrabaixo, clarinete piccolo), Aleks Kolkowski (stroh viola, musical saw), Lawrence Casserley (processamento sinal), Joel Ryan (sample, processamento sinal), Walter Prati (processamento sinal), Richard Barrett (electrónica), Paul Obermayer (electrónica), Ikue Mori (electrónica), Marco Vecchi (projecção som), Kjell Bjørgeengen (projecção imagem)

Sexta, 13 Ago 2010, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Louis Sclavis Lost on the Way (França)

Louis Sclavis (clarinete, clarinete baixo, saxofone soprano), Matthieu Metzger (saxofone soprano, saxofone alto), Maxime Delpierre (guitarra eléctrica), Olivier Lété (baixo eléctrico), François Merville (bateria)

Sábado, 14 Ago 2010, 17:00 - Auditório Três

Albert Mangelsdorff «Die Posaune des Jazz» (The Trombone of Jazz)(Alemanha)

Documentário de Thorsten Jess (2005, 52')

Sábado, 14 Ago 2010, 18:30 - Auditório Dois

Red Trio (Portugal)

Rodrigo Pinheiro (piano, piano preparado), Hernâni Faustino (contrabaixo), Gabriel Ferrandini (bateria)

Sábado, 14 Ago 2010, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Sol 6 (Países Baixos, Alemanha, Reino Unido, Austrália)

Veryan Weston (piano, voz), Luc Ex (guitarra baixo acústico), Ingrid Laubrock (saxofone tenor, voz), Hannah Marshall (violoncelo, voz), Mandy Drummond (viola, voz), Tony Buck (bateria)

Domingo, 15 Ago 2010, 17:00 - Auditório Três

Conferência por Francesco Martinelli (Itália)

Tema: «JazzEuropeu e JazzAmericano: um diálogo não interrompido»

Domingo, 15 Ago 2010, 18:30 - Auditório Dois

Thomas + Strid + Thomas (Suécia, Reino Unido, Austrália)

Pat Thomas (piano, electrónica), Raymond Strid (bateria), Clayton Thomas (contrabaixo)

Domingo, 15 Ago 2010, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Circulacione Totale Orchestra (Noruega, Suécia, África do Sul, E.U.A., Reino Unido)

Louis Moholo-Moholo (bateria), Frøde Gjerstad (saxofone alto, clarinete), Morten J. Olsen (electrónica, percussão), Anders Hana (guitarra eléctrica), Nick Stephens (contrabaixo), Paal Nilssen-Love (bateria), Ingebrigt Håker Flaten (baixo eléctrico), Børre Mølsted (tuba), Sabir Mateen (saxofone alto, clarinete), Bobby Bradford (trompete), Kevin Norton (vibrafone), Lasse Marhaug (electrónica), John Hegre (desenho som)

2011

14 eventos

Sexta, 5 Ago 2011, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Cecil Taylor (E.U.A.)

Cecil Taylor (piano solo)

Sábado, 6 Ago 2011, 18:30 - Sala Polivalente

Cecil Taylor: All The Notes (E.U.A.)

Documentário realizado por Christopher Felver (2004, 71')

Sábado, 6 Ago 2011, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Ingrid Laubrock Anti-House (Alemanha, Canadá, EUA)

Ingrid Laubrock (sax tenor, soprano), Mary Halvorson (guitarra eléctrica), John Hébert (contrabaixo), Tom Rainey (bateria), Kris Davis (piano)

Domingo, 7 Ago 2011, 18:30 - Sala Polivalente

Black February: A film about Butch Morris (E.U.A.)

Documentário realizado por Vipal Monga (2011, 60')

Domingo, 7 Ago 2011, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Wadada Leo Smith Organic (E.U.A., Islândia)

Wadada Leo Smith (trompete, filiscórnio), Angelica Sanchez (piano), Brandon Ross, Lamar

Smith, Michael Gregory (guitarra eléctrica), Okkyung Lee (violoncelo), John Lindberg (contrabaixo), Skuli Sverrisson (baixo eléctrico), Pheeroan akLaff (bateria), Jesse Gilbert (VJ)

Terça, 9 Ago 2011, 22:00 - Teatro do Bairro

Luís Lopes Humanization 4TET (Portugal, E.U.A.)

Luís Lopes (guitarra eléctrica), Rodrigo Amado (sax tenor, barítono), Aaron González (contrabaixo), Stefan González (bateria)

23h30 **DJ Johnny + VJ PTV** - Jazzmixes (Angola/Portugal) - Entrada livre

Quarta, 10 Ago 2011, 22:00 - Teatro do Bairro

Little Women (E.U.A.)

Travis Laplante (sax tenor), Darius Jones (sax alto), Andrew Smiley (guitarra eléctrica), Jason Nazary (bateria)

23h30 **DJ Johnny + VJ PTV** - Jazzmixes (Angola/Portugal) - Entrada livre

Quinta, 11 Ago 2011, 22:00 - Teatro do Bairro

FIRE! (Suécia, Noruega)

Mats Gustafsson (sax tenor, barítono, piano eléctrico Fender, electrónica), Johan Berthling (contrabaixo, baixo eléctrico), Andreas Werlin (bateria)

23h30 **DJ Johnny + VJ PTV** - Jazzmixes (Angola/Portugal) - Entrada livre

Sexta, 12 Ago 2011, 18:30 - Sala Polivalente

Play Your Own Thing – A Story of Jazzin Europe (Alemanha)

Documentário realizado por Julian Benedikt (2006, 89')

Sexta, 12 Ago 2011, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Brötzmann / Kondo / Pupillo / Nilssen-Love - *Hairy Bones* (Alemanha, Japão, Itália, Noruega)

Peter Brötzmann (sax tenor, clarinete, tarogato), Toshinori Kondo (trompete, electrónica), Massimo Pupillo (baixo eléctrico), Paal Nilssen-Love (bateria)

Sábado, 13 Ago 2011, 18:30 - Sala Polivalente

Femmes du Jazz/ Women in Jazz(França)

Documentário realizado por Gilles Corre (2000, 80')

Sábado, 13 Ago 2011, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

The Ex Guitars meet Nilssen-Love / Vandermark Duo (Países Baixos, Reino Unido, E.U.A., Noruega)

Terrie Ex (guitarra eléctrica), Andy Moor (guitarra eléctrica), Paal Nilssen-Love (bateria), Ken Vandermark (sax tenor)

Domingo, 14 Ago 2011, 18:30 - Sala Polivalente

Conferência por Bill Shoemaker (E.U.A.)

Domingo, 14 Ago 2011, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

John Hollenbeck Large Ensemble (E.U.A.)

Ben Kono (flauta, sax alto, soprano), Jeremy Viner (clarinete), Tony Malaby (sax tenor, soprano), Dan Willis (sax tenor, soprano, oboé), Bohdan Hilash (sax barítono), Rob Hudson, Mike Christianson, Jacob Garchik (trombone), Alan Ferber (trombone baixo), Jon Owens, James De La Garza, John Bailey, Laurie Frink (trompete), Kermit Driscoll (baixo eléctrico), John Hollenbeck (bateria), Matt Mitchell (piano), Matt Moran (vibrafone), Theo Bleckmann (voz), J.C.Sanford (conductor)

2012

14 eventos

Sexta, 3 Ago 2012, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Sunny Murray Trio (E.U.A., Reino Unido)

Sunny Murray (bateria), John Edwards (contrabaixo), Tony Bevan (sax tenor)

Sábado, 04 Ago 2012, 18:30 - Auditório 3

Sunny's time now (2008)

Realização: Antoine Prum

Sábado, 4 Ago 2012, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Led Bib (Reino Unido)

Mark Holub (bateria), Liran Donin (baixo elétrico), Toby McLaren (Fender Rhodes), Pete Groan (sax alto), Chris Williams (sax alto)

Domingo, 05 Ago 2012, 18:30 - Auditório 3

Soldier of the Road - Peter Brötzmann (2011)

Realização: Bernard Josse e Gérard Rouy

Domingo, 5 Ago 2012, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Misha Mengelberg, Evan Parker (Países Baixos, Reino Unido)

Misha Mengelberg (piano), Evan Parker (sax tenor)

Terça, 7 Ago 2012, 22:30 - Teatro do Bairro

Nuova Camerata (Portugal, Alemanha)

Pedro Carneiro (marimba), Carlos Zíngaro (violino), João Camões (viola), Ulrich Mitzlaff (violoncelo), Miguel Leiria Pereira (contrabaixo)

24:00 *unDJMMMNRRRG*

Quarta, 8 Ago 2012, 22:30 - Teatro do Bairro

trioVD (Reino Unido)

Christophe de Bézenac (sax alto, eletrónica), Chris Sharkey (guitarra elétrica), Chris Bussey (bateria)

24:00 *eRikm*

Quinta, 9 Ago 2012, 22:30 - Teatro do Bairro

Das Kapital plays Hanns Eisler (Alemanha, Dinamarca, França)

Daniel Erdmann (sax tenor), Hasse Poulsen (guitarra), Edward Pérraud (bateria)

24:00 *DJ Sniff*

Sexta, 10 Ago 2012, 18:30 - Auditório 3

Inside Out in the Open (2001)

Realização: Alan Roth

Sexta, 10 Ago 2012, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Matthew Shipp Trio (E.U.A.)

Matthew Shipp (piano), Michael Bisio (contrabaixo), Whit Dickey (bateria)

Sábado, 11 Ago 2012, 18:30 - Auditório 3

City of the Winds (2003)

Realização: Gilles Corre

Sábado, 11 Ago 2012, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Marilyn Crispell, Gerry Hemingway (E.U.A.)

Marilyn Crispell (piano), Gerry Hemingway (bateria, vibrafone)

Domingo, 12 Ago 2012, 18:30 - Auditório 3

A Crítica de JazzHOJE

Debate com Stuart Broomer (Point of Departure, NYC JazzRecords, MusicWorks), Bill Shoemaker (Point of Departure, Downbeat, The Wire), Gérard Rouy (ImproJazz), Selwyn Harris (JazzWise) e Rui Eduardo Paes (Jazz.Pt, Associação Granular)

Domingo, 12 Ago 2012, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Ingebrigt Håker Flaten Chicago Sextet (Noruega, E.U.A.)

Ingebrigt Håker-Flaten (contrabaixo), Dave Rempis (saxofones), Jason Adasiewicz (vibrafone), Jeff Parker (guitarra), Ola Kvernberg (violino), Frank Rosaly (bateria)

2013

20 eventos

Quinta, 25 Jul 2013, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Maria João OGRE

Concerto comemorativo do 30º Aniversário do CAM (Centro de Arte Moderna)

Maria João (voz), João Farinha (Fender Rhodes, sintetizadores), André Nascimento (eletrónica), Júlio Resende (piano), Joel Silva (bateria)

Sexta, 02 Ago 2013, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

The Dreamers - John Zorn@60 (E.U.A., Brasil)

John Zorn (condução), Marc Ribot (guitarra eléctrica), Jamie Saft (teclados), Trevor Dunn (contrabaixo, baixo eléctrico), Kenny Wollesen (vibrafone), Joey Baron (bateria), Cyro Baptista (percussão)

Sábado, 03 Ago 2013, 18:30 - Sala Polivalente CAM

Ciclo John Zorn

John Zorn's Treatment for a Film in Fifteen Scenes

Filmes

Well Then There Now (2011)

Bare Room (2011)

15 scenes: 254 shots (2011)

Arcana (2011)

Sábado, 03 Ago 2013, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Essential Cinema - John Zorn@60 (E.U.A., Japão, Brasil)

John Zorn (condução, sax alto), Marc Ribot (guitarra elétrica), Jamie Saft (teclados), Ikue Mori (eletrónica), Trevor Dunn (contrabaixo, baixo elétrico), Cyro Baptista (percussão), Joey Baron (bateria), Kenny Wollesen (vibrafone)

Domingo, 04 Ago 2013, 18:30 - Sala Polivalente CAM

Ciclo John Zorn

John Zorn's Treatment for a Film in Fifteen Scenes

Filmes

Well Then There Now (2011)

Bare Room (2011)

15 scenes: 254 shots (2011)

Arcana (2011)

Domingo, 04 Ago 2013, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Electric Masada - John Zorn@60 (E.U.A., Japão, Brasil)

John Zorn (sax alto), Marc Ribot (guitarra elétrica), Jamie Saft (teclados), Trevor Dunn (contrabaixo, baixo elétrico), Kenny Wollesen (bateria), Joey Baron (bateria), Cyro Baptista (percussão), Ikue Mori (eletrónica)

Segunda, 05 Ago 2013, 18:30 - Sala Polivalente CAM

aTensãoJazz(Ep. 1 e 2) (2011)

Filme

Autoria: Rui Neves

Realização: Paulo Seabra

Segunda, 05 Ago 2013, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Drumming GP plays Max Roach M'Boom (Portugal)

Alexandre Frazão (bateria, percussão), Andres (pancho) Tarhabia (percussão), Márcio Pinto (percussão), Jefferey Davis (percussão), Drumming GP, Miquel Bernat (percussão), Rui Rodrigues (percussão), Pedro Oliveira (percussão), João Cunha (percussão), João Tiago Dias (percussão)

Terça, 06 Ago 2013, 18:30 - Sala Polivalente CAM

aTensãoJazz(Ep. 3 e 4) (2011)

Filme

Autoria: Rui Neves

Realização: Paulo Seabra

Terça, 06 Ago 2013, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Elephant9 feat. Reine Fiske (Noruega)

Stale Størlokken (órgão Hammond B-3, Fender Rhodes), Nikolai Hængsle Eilertsen (baixo elétrico), Torstein Lofhus (bateria), Reine Fiske (guitarra elétrica)

Quarta, 07 Ago 2013, 18:30 - Sala Polivalente CAM

aTensãoJazz(Ep. 5 e 6) (2011)

Filme

Autoria: Rui Neves

Realização: Paulo Seabra

Quarta, 07 Ago 2013, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

The Thing XXL (Noruega, Suécia, E.U.A., Países Baixos)

Mats Gustafsson (sax tenor, barítono), Ingebrigt Håker Flaten (contrabaixo), Paal Nilssen-Love (bateria), Peter Evans (trompete, piccolo trompete), Mats Åleklint (trombone), Terrie Ex (guitarra elétrica), Jim Baker (teclados, eletrónica)

Quinta, 08 Ago 2013, 18:30 - Sala Polivalente CAM

aTensãoJazz(Ep. 7 e 8) (2011)

Filme

Autoria: Rui Neves

Realização: Paulo Seabra

Quinta, 08 Ago 2013, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Peter Evans Octet (E.U.A.)

Peter Evans (trompete, composição), Ron Stabinsky (piano, trompete), Brandon Seabrook (guitarra elétrica, banjo, eletrônica), Dan Peck (tuba, tuba amplificada), Tom Blancarte (contrabaixo, eufônio), Sam Pluta (eletrônica, voz, trombone), Jim Black (bateria, eletrônica), Ian Antonio (percussão)

Sexta, 09 Ago 2013, 18:30 - Sala Polivalente CAM

aTensãoJazz(Ep. 9 e 10) (2011)

Filme

Autoria: Rui Neves

Realização: Paulo Seabra

Sexta, 09 Ago 2013, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Anthony Braxton Falling River Music Quartet (E.U.A., Alemanha)

Anthony Braxton (saxofones, clarinetes, composição), Mary Halvorson (guitarra elétrica), Ingrid Laubrock (sax tenor, soprano), Taylor Ho Bynum (trompete, corneta)

Sábado, 10 Ago 2013, 18:30 - Sala Polivalente CAM

World Saxophone Quartet no “Jazz em Agosto” (1987)

Filme

Sábado, 10 Ago 2013, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Mary Halvorson Quintet (E.U.A.)

Mary Halvorson (guitarra elétrica), Jonathan Finlayson (trompete), Jon Irabagon (sax alto), John Hébert (contrabaixo), Ches Smith (bateria)

Domingo, 11 Ago 2013, 18:30 - Sala Polivalente CAM

Sun Ra Arkestra no “Jazz em Agosto” (1985)

Filme

Domingo, 11 Ago 2013, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Pharoah & The Underground (E.U.A., Brasil)

Pharoah Sanders (sax tenor, soprano), Rob Mazurek (corneta, eletrônica), Guilherme Granado (teclados, eletrônica, samples), Mauricio Takara (bateria, percussão, eletrônica), Matthew Lux (baixo elétrico), Chad Taylor (bateria)

2014

17 eventos

Sexta, 01 Agosto 2014, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

James Blood Ulmer Memphis Blood Blues Band feat. Vernon Reid (EUA)

James Blood Ulmer (voz e guitarra elétrica), Vernon Reid (guitarra elétrica), Charles Burnham (violino), Leon Gruenbaum (teclados), David Barnes (harmónica), Mark Peterson (baixo elétrico), Aubrey Dayle (bateria)

Sábado, 02 Agosto 2014, 18:00 - Auditório 3

The Soul of a Man (2003)

Realização: *Wim Wenders*

Entrada livre

Sábado, 02 Agosto 2014, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Evan Parker & Matthew Shipp (Reino Unido, EUA)

Evan Parker (saxofone tenor), Matthew Shipp (piano)

Domingo, 03 Agosto 2014, 18:00 - Auditório 3

The Soul of a Man (2003)

Realização: *Wim Wenders*

Entrada livre

Domingo, 03 Agosto 2014, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Marc Ribot Ceramic Dog (EUA)

Marc Ribot (guitarra elétrica), Shahzad Ismaily (baixo elétrico, eletrónica), Ches Smith (bateria)

Segunda, 04 Agosto 2014, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Marc Ducret Real Thing #3 (França)

Fidel Fourneyron (trombone), Matthias Mahler (trombone), Alexis Persigan (trombone) Antonin Rayon (piano), Sylvain Lemêtre (vibrafone, marimba, percussões), Marc Ducret (guitarra elétrica)

Terça, 05 Agosto 2014, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Luís Lopes Lisbon Berlin Trio (Portugal, Alemanha)

Luís Lopes (guitarra elétrica), Robert Landfermann (contrabaixo), Christian Lillinger (bateria)

Quarta, 06 Agosto 2014, 18:00 - Auditório 3

The Breath Courses Through Us (2014)

Realização: *Alan Roth*

Entrada livre

Quarta, 06 Agosto 2014, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Franz Hautzinger Big Rain (Áustria, Japão, EUA)

Franz Hautzinger (trompete quartertone), Keiji Haino (guitarra elétrica, voz), Jamaaladeen Tacuma (baixo elétrico), Hamid Drake (bateria)

Quinta, 07 Agosto 2014, 18:00 - Auditório 3

Dancing to a Different Drummer (1993-1994)

Realização: *Julian Benedikt*

Entrada livre

Quinta, 07 Agosto 2014, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Fred Frith / Joëlle Léandre / Hamid Drake (Reino Unido, França, EUA)

Fred Frith (guitarra elétrica), Joëlle Léandre (contrabaixo), Hamid Drake (bateria)

Sexta, 08 Agosto 2014, 18:00 - Auditório 3

BasseContinue (2008)

Realização: *Christine Baudillon*

Entrada livre

Sexta, 08 Agosto 2014, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

MMM Quartet (França, Reino Unido, Suíça, EUA)

Joëlle Léandre (contrabaixo e voz), Fred Frith (guitarra elétrica), Urs Leimgruber (saxofone tenor e saxofone soprano), Alvin Curran (piano e eletrónica)

Sábado, 09 Agosto 2014, 18:00 - Auditório 3

Step Across the Border (1990)

Realização: *Nicolas Humbert e Werner Penzel*

Entrada livre

Sábado, 09 Agosto 2014, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Massacre (Reino Unido, EUA)

Fred Frith (guitarra elétrica), Bill Laswell (baixo elétrico), Charles Hayward (bateria), Oz Fritz (processamento de som)

Domingo, 10 Agosto 2014, 18:00 - Auditório 3

Terje Rypdal & The Chasers no “Jazz em Agosto” 1985

Realização: Oliveira Costa

Entrada livre

Domingo, 10 Agosto 2014, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

L.U.M.E. – Lisbon Underground Music Ensemble (Portugal)

Marco Barroso (composição, direção e piano), Manuel Luís Cochofel (flauta), Paulo Gaspar (clarinete), Jorge Reis (sax soprano), João Pedro Silva (sax alto), José Menezes (sax tenor), Elmano Coelho (sax barítono), Sérgio Charrinho/ Gonçalo Marques/ Pedro Monteiro (trompete), Luís Cunha/ Eduardo Lála/ Mário Vicente (trombone), Miguel Amado (contrabaixo e baixo elétrico), André Sousa Machado (bateria)

2015

8 eventos

Sexta, 31 Julho 2015, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Fire! Orchestra (Suécia)

Mats Gustafsson, Johan Berthling, Andreas Werliin

Sábado, 01 Agosto 2015, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Michael Mantler's JazzComposer's Update & Orquestra Jazzde Matosinhos(Áustria, Portugal)

Michel Mantler, Orquestra JazzMatosinhos

Domingo, 02 Agosto 2015, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Swedish Azz (Suécia)

Mats Gustafsson, Per Åke Holmlander

Quarta, 05 Agosto 2015, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

RED trio & John Butcher (Portugal, Reino Unido)

RED trio, Jonh Butcher

Quinta, 06 Agosto 2015, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Lok 03 (Alemanha, Japão)

Alexander Von Schlippenbach, Aki Takase, Dj Ilvibe

Sexta, 07 Agosto 2015, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

The Young Mothers (Noruega, EUA)

Ingebrigt Håker-Flaten

Sábado, 08 Agosto 2015, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Wadada Leo Smith's The Great Lakes Suites feat. Henry Threadgill (EUA)

Wadada Leo Smith, Henry Threadgill

Domingo, 09 Agosto 2015, 21:30 - Anfiteatro ao Ar Livre

Orchestre National de Jazzdir. Olivier Benoît (França)